



Dossiê 8 anos depois de “Migrar: experiências, memórias e identidades”

PARTE 2

Dezembro de 2022

Sumário

PARTE 2

Primeiro Encontro: Organizações de migrantes internacionais	3
Transcrição Primeiro Encontro: Organizações de migrantes internacionais	7
Segundo Encontro: Comunidade Acadêmica e ativistas.....	25
Transcrição Segundo Encontro: Comunidade acadêmica e ativistas	28
Terceiro Encontro: Parceiros da Festa do Imigrante e Entorno.....	59
Transcrição Terceiro Encontro: Organizações de migrantes internacionais.....	61
Quarto Encontro: Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs	91
Transcrição Quarto Encontro: Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs	95
Quinto Encontro: Museus e instituições que trabalham com Memória.....	131
Transcrição Quinto Encontro: Museus e instituições que trabalham com Memória	136

O Projeto **8 anos depois de “Migrar: experiências, memórias e identidades”** do Museu da Imigração do Estado de São Paulo contou com cinco encontros que aconteceram entre maio e setembro de 2022, sempre das 10h da manhã às 14h da tarde. Os encontros reuniram, Organizações de migrantes internacionais, Comunidade acadêmica e ativistas, Comunidades parceiras da Festa do Imigrante e vizinhança do museu, Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs, e Museus e instituições que trabalham com Memória.

1º Encontro	Organizações de migrantes internacionais	28/05/2022
2º Encontro	Comunidade acadêmica e ativistas	24/06/2022
3º Encontro	Comunidades parceiras da Festa do Imigrante e vizinhança do museu	23/07/2022
4º Encontro	Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs	26/08/2022
5º Encontro	Museus e instituições que trabalham com Memória	23/08/2022

PARTICIPANTES E TRANSCRIÇÕES

Primeiro Encontro: Organizações de migrantes internacionais

Data: 28 de Maio de 2022

1. Organização: *Sarau das Américas*

Representante: Ana Sofia Garcia

Nacionalidade: Venezuelana

Descrição: Coletivo de cultura artística de migrantes na cidade de São Paulo que se reúnem em volta de um microfone aberto para compartilhar arte, debater sobre vários aspectos da realidade migrante, e sobretudo formar uma rede pensante/afetiva. A parceria com o museu inicia através da ação de colagem de lambes de rostos de migrantes no muro da frente da entrada do museu.

2. Organização: *Presença América Latina*

Representante: Mônica Rodriguez Ulo

Nacionalidade: Boliviana

Descrição: Presença da América Latina-PAL é uma organização da sociedade civil criada em 2004 com a finalidade de articular e fortalecer comunidades de imigrantes latino-americanos residentes no Brasil. A parceria com o museu da Imigração inicia desde 2014 abrindo as portas com entrevistas áudio visual a diferentes ativistas imigrantes, também na realização de aulas de empreendedorismo para a comunidade imigrante e eventos no auditório do museu, em estes tempos 2020 a 2022 o museu ajuda na recepção das cestas e entregas das cestas a famílias imigrantes, programa Cidade Solidaria.

3. Organização: *Conexión Latina de Teatro*

Representante: Hugo Villavicenzio

Nacionalidade: Peruano

Descrição: Conexão Latina de Teatro é um coletivo de artistas latino-americanos empenhados na encenação, pesquisa e divulgação do Teatro da América Latina no Brasil. A parceria com o museu inicia

através do ensaio e apresentação de uma leitura dramática da peça A MULHER QUE CAIU DO CÉU que trata da saga de Rita, uma indígena Tarahumara do México que fora aprisionada durante doze anos num hospital psiquiátrico em Kansas City.

4. Organização: *Warmis Convergência das Culturas*

Representante: Corina Evelin Villalón

Nacionalidade: Argentina

Descrição: A Equipe Base Warmis que faz parte do Organismo Internacional Convergência das Culturas tem por missão facilitar e estimular o diálogo entre as culturas, denunciar e lutar contra toda forma de discriminação e todo tipo de violência através da promoção e a proteção dos Direitos Humanos, o apoio à integração social e comunitária, a promoção da intermulticulturalidade na vida social, a promoção da Metodologia da Não Violência Ativa promovendo ações para orientar mudanças positivas nos indivíduos e na sociedade. Em: <http://www.warmis.org/quem-somos.html>

5. Organização: *Visto África*

Representante: Vensam Iala

Nacionalidade: Guiné-Bissau

Descrição: Visto África tem objetivo de desconstruir as narrativas estereotipadas sobre a África e apresentar uma imagem positiva sobre o continente africano. A parceria com o museu iniciou através da oportunidade de fazer a abertura da Semana da África em maio de 2022 no auditório do Museu da Imigração.

6. Organização: *Rede de Mulheres Imigrantes Lésbicas, Bissexuais e Pansexuais (MILBI)*

Representante: Maria Paula Botero Rodriguez

Nacionalidade: Colombiana

Descrição: A Rede de Mulheres Imigrantes, Lésbicas, Bissexuais e Pansexuais (MILBi+) foi criada em 2018, constituindo-se como um

espaço de fortalecimento de mulheres que lidam conjuntamente com problemáticas relacionadas às questões migratória, de gênero e de sexualidade: Em: <http://redemilbi.com/>

7. Organização: União Malinesa de São Paulo (UMSPB)

Representante: Adama Konate

Nacionalidade: Malinês

Descrição: União Malinesa em São Paulo, uma associação geral de todos malineses e malinesas nessa cidade. Tem como motivação unir todos filhos ou filhas do Mali, para manter a solidariedade entre nós, como também apoiar todos seres humanos que precisam de. Nosso grupo tem apoio, sem fronteira, nem raça. Em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/MIGRANTES/2018_mapeamento%20grupos_11_01_19%20FINAL.pdf

8. Organização: Coletivo de Mulheres Diásporas Africanas

Representante: Maria Fernanda Pereira Pascoal

Nacionalidade: Angolana

Descrição: Um coletivo composto por mulheres imigrantes Africanas e Haitianas, fazedoras de pontes que buscam combater junto as instituições e sociedade civil a violência de gênero e suas desigualdades existente. A parceria com o Museu foram experiencias ótimas, o curso ("A Hospedaria de Imigrantes e os tijolos do racismo estrutural no Brasil") em que o nosso coletivo participou nos permitiu falar sobre nossos saberes enquanto migrantes que somos.

9. Organização: Visto Permanente

Representante: Cristina de Branco

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Ativo desde 2015 a partir de São Paulo e desde 2020 em Lisboa, o Visto Permanente (www.vistopermanente.com) é um coletivo audiovisual dedicado a filmar e criar visibilidade sobre artistas e

agentes culturais imigrantes, sempre desde uma perspectiva antirracista e antixenofóbica. Com mais de sessenta vídeos publicados, o Visto Permanente também vem realizando festivais e festas transculturais que reafirmam territórios artísticos imigrantes pelo Estado de São Paulo adentro. A parceria com o Museu se deve ao fato de que, O Visto Permanente esteve presente através de vídeos e fotogramas exibidos na exposição temporária “Direitos Migrantes: Nenhum a menos”, realizada em 2016.

Transcrição Primeiro Encontro: Organizações de migrantes internacionais

(INÍCIO)

Thiago: Então, a gente tinha começado lá no aquecimento com a pergunta sobre o parágrafo sintetizando a proposta da exposição de longa, e eu acho que surgiram alguns elementos. Uma história única, sobre a imigração, uma história única que está muito relacionada à hospedaria, isso dificulta a inclusão de outras temporalidades, o período anterior à colonização e os povos todos que fazem parte do período anterior à colonização, mas também esses povos que vivem hoje em dia, que tem a sua relação de ascendência, descendência, e traz a memória desses povos que estão aqui desde esse período, uma visão androcentrada, história do homem, e aí, retomando um pouco desses pontos, o que eu pediria para vocês agora que a gente está gravando, também, trazer de volta mais uma vez, talvez a partir de outras perguntas, mas a seguinte pergunta seria: na atual exposição de longa duração, quais grupos não têm retratados a sua experiência migratória? Quem quiser começar... Ana.

Ana: Eu gostaria, antes de começar a responder essa pergunta, se for possível, gostaria de dar minha opinião sobre... responder essa primeira pergunta do parágrafo, não é? Desse ponto... eu concordo com tudo que foi falado aqui, a questão eurocêntrica, androcêntrica, capitalista, mas eu também somaria uma visão um pouco simplista e reducionista da experiência migrante.

Nessas histórias contadas, na exposição, você vê muito a força que tem o sistema do país que recebe o imigrante no corpo migrante. Então, tem dificuldade de adaptação, de linguagem, de documentação, essa é uma parte, e uma parte importante. E a parte que estamos sumamente acostumados a ouvir, da migração, mas tem outra parte, também, tão importante quanto, que é também o poder transformador que tem o imigrante no lugar onde ele reside. Se é bem certo que o corpo do migrante é transformado pelo país receptor, e o país receptor também é transformado pela chegada dos imigrantes, e eu acho que essa aí é a força, essa relação de troca, eu te transformo e você me

transforma, essa relação é uma verdadeira relação enriquecedora da migração.

Eu acho que tem uma migração, sim, que é ruim, que é forçada, que é dolorosa, tem essa parte, mas eu vejo isso dentro de um processo, dentro de um processo onde essa pessoa também vem transformar essa sociedade onde chega. E não só dizer dores, não só dizer as carências, mas também dizer as riquezas culturais, dizer os saberes, dizer a posição, dizer o lugar de fala. Então, eu vejo muito eurocentrista, mas também é simplista e reducionista do processo todo migratório. É isso.

Maria Paula: Eu queria responder essa primeira pergunta sobre quais grupos não têm retratados as suas experiências migratórias. Claramente, senti a falta das dissidências de pessoas LGBTQIA+ dentro dessa própria experiência migratória, não reconheci elementos que sequer visibilizam de algum jeito que existia essa migração, pelo contrário, eu vi uma migração retratada de uma perspectiva muito genérica e deixa de lado todas essas diversidades que existem dentro do processo migratório, principalmente nos dias de hoje, que estão mais visíveis, que estão mais latentes, não quer dizer que antes não estivesse, só que os registros não existem. Hoje, existem os registros, existem movimentos, existem uma série de condições que fazem com que esse tipo de migração seja retratada, e não está sendo. Então, é nesse sentido.

Corina: Bom, eu também concordo muito com o que já foi falado, só para ser mais rápida um pouco, retomar o que vocês já falaram que ficou faltando, mas só para somar, também, eu acho que está faltando a organização coletiva dos migrantes, movimentos sociais de migrantes que tem, também, enfim, surgido, e cada vez mais nesses últimos anos, e, também, uma coisa que eu senti falta é de crianças, por exemplo, não vi muito representado, e as outras coisas que vocês tinham falado.

Cristina: Eu acho que aquilo que têm sido anotado, e que eu continuo super de acordo com tudo aquilo que está colocado aqui, vem falar dessa falha do museu em, mesmo em 2014, lançar uma exposição permanente que não fala sobre esse contingente migratório, essas pessoas que vêm vindo, desde os anos 80 para cá a gente vê novos fluxos migratórios que possibilitam até, aqui, uma instituição como o museu, fale sobre essa diversidade, então, a realidade migratória brasileira é muito profícua para se falar sobre diversidade, está tudo dado, a diversidade dessas populações está aí, então, eu acho que um

dos caminhos seria realmente enfrentar essa evidência histórica de que existe um fluxo migratório gigante, muito diversificado, a partir, sobretudo, dos anos 80 até hoje, a gente não está falando de... claro, os últimos dez anos foram impactantes para a história migratória do Brasil, a gente está falando dos últimos 50 anos que foram muito impactantes na história migratória do Brasil.

Então, a partir do momento em que se assume que essas populações estão aqui no Brasil, especialmente em São Paulo, a gente talvez consiga abrir espaço para se falar sobre toda essa diversidade migratória. Essa última sala, sala e meia, deveria ser muito maior, e deveria ter muito mais histórias ali, e aí a gente poderia... os movimentos migratórios não estariam em uma exposição temporária, as mulheres não estariam em uma exposição temporária, as dissidências não estariam em uma exposição temporária de um artista migrante dissidente, não, já está na hora de toda essa diversidade migrante estar na exposição permanente, já passou da hora, na verdade.

Só para concluir, a minha grande crítica é, em 2014, essas populações já deveriam estar ali, então, acho que o museu tem que correr contra o tempo para tentar sanar um pouco o seu erro historiográfico.

Monica: Uma coisa que me chamou a atenção, que a gente foi, chegou uma exposição, de onde estavam os movimentos dos imigrantes? Tinha uma senhorinha com uma filha, e a senhorinha falou "cadê os italianos?", aí a filha falou "mamãe, eles são imigrantes de agora". Então, essa exposição que vocês viram nessas (pessoinhas aí) são pessoas, lideranças imigrantes que estão desde 50, 60 anos atrás. Isso nós precisamos mostrar. Desde 2014, Cris, graças a que foi criada a coordenação de políticas públicas, ajudou muito a organizar os grupos imigrantes aqui em São Paulo. Temos uma coordenação e hoje temos conselheiros, onde eles levam as demandas e onde os migrantes tem organizações já com documento e tudo, que eles querem uma parte, ocupar uma parte aqui em São Paulo, mostrar a cultura, a gastronomia, as comidas que vem diferentes da África e dos latinos, por exemplo. Então, é importante isso, e sempre a Oriana, desculpa, mas que esse lugar era dos imigrantes, e nós precisamos colocar nessa exposição as falas das lideranças que tem desde 14 anos, desde muito antes, atrás, e queria só falar isso, que me chamou muita atenção ao falar da senhorinha.

Vensam: Bom, eu queria trazer uma outra questão que eu acho importante também, para o começo de tudo. Eu acho importante, o

museu, a sua concepção, perceber que há lacunas, de alguma forma, corrigi-la com os movimentos imigrantes. Mas eu acho que isso parte de um ponto, por exemplo, hoje nós viemos aqui, toda a equipe da imigração, tem pessoas brancas, e eu não vi migrantes, eu não vi negros, eu não sei se existe, se existir, já me tira essa dúvida, se não existir, eu acho importante começar dali, porque eu acho que isso vai gerar um impacto muito significativo, porque, se tiverem migrantes no próprio corpo técnico da diretoria, da equipe de trabalho, isso facilita muito, isso ajuda, isso faz com que a gente não reproduza equívocos que eu acho que, obviamente, até essas pessoas, eles vão conseguir enxergar isso, porque tem coisas que, por exemplo, por mais que você tenha um bom senso, tenha uma visão progressista, tem coisa que você não enxerga, porque você não faz parte daquele meio. Então, tendo um migrante ali, acho que faria uma diferença, tendo pessoas negras na equipe, faria uma diferença gigantesca, então eu acho que isso me chamou muito a atenção, gostaria de acrescentar.

Maria Fernanda: Eu acho que essa mudança de narrativa é fundamental, e tem algo que me chamou bastante a atenção, que é um termo que eu muito uso e sempre vou usar, o sequestro que ocorreu dessas pessoas escravizadas, então, eu fiquei muito feliz quando houve essa mudança, realmente: de escravo para “pessoas escravizadas” e do sequestro que provavelmente ocorreu. Por mais que você tenha essa visão eurocêntrica e tudo, eu acho que mudar o jeito como a história... na verdade, enxergar a história na real, e observar todas essas lacunas, observar o massacre que ocorreu, e reconhecer isso, acho que é o primeiro ponto.

É claro que a gente sabe que os europeus mudaram para inúmeros lugares, para a América Latina, foram para o continente africano, mas como foi contada essa história? Quem contou essa história? São esses questionamentos, também, que a gente tem que se fazer. Quem contou essa história? Por que essa mudança de narrativa, afinal de contas? Como está a real história? O que realmente... então, eu vejo isso como um ponto positivo, mas eu vejo, tanto que eu pude ver, tem uma coisa que me chamou a atenção e me deixou feliz por isso, na verdade.

A outra questão é, embora desde 2014, quem acompanha os movimentos migratórios, quem acompanha como se foi, como se criou, nesse caso, a própria coordenação de migração, a própria lei 13 mil, a nova lei de migração. Então, quem são essas pessoas que estiveram

ali na linha de frente, afinal de contas? É isso, linha de frente da comissão.

Falando de movimentos migratórios, antes de falar dos movimentos migratórios, dos coletivos, a gente tem que falar das lideranças, lideranças, essas, muitas delas que não fazem parte de nenhum dos coletivos. Lideranças essas que fazem com que as pessoas que vivem nos seus bairros, na verdade, consigam manter um elo de confiança em um espaço distante da sua terra. Então, eu senti a falta dessas lideranças, realmente, e principalmente de lideranças mulheres, embora, você falou dessa feminização da própria imigração, esse novo fenômeno que a gente sabe que nunca foi novo, sempre existiu.

Então, eu acho que eu senti muita falta do lugar das mulheres, mas principalmente das mulheres africanas, senti muita falta das mulheres africanas, e a gente sabe o quanto essas mulheres têm se movimentado, então, quem está no lugar, transforma o lugar em que está, a gente sabe disso, e essas mulheres têm transformado os lugares onde elas realmente estão. Quando as políticas públicas não chegam, elas são as portas, elas quem têm feito esse diálogo, obviamente, com as mulheres do território. Então, acho que trazer, mais uma vez, essas mulheres para esses espaços, trazer essas lideranças também para esses espaços é fundamental, porque quem realmente necessita contar essas histórias também são elas. São sujeitos da ação, e elas estão em movimento também.

Adama: Obrigado. Eu gostaria de colocar, também, sobre o museu de imigração, eu já vi bastante coisa, são muito importantes, contar essa história, mas a minha dúvida é sobre sempre quando pega sobre a escravidão, quem estudou um pouco sabe que a realidade da escravidão que foi cortada e a realidade, o que aconteceu, talvez é diferente. O Brasil é um país da migração que é muito conhecido, e a história do Brasil, antes da colonização, como se já falou muito sobre o índio, antes da colonização, então, os índios são considerados como nativos brasileiros, se tivesse uma língua antes da colonização, seria tupi-guarani.

Mas a gente fala muito sobre escravidão dos cativos africanos, demais, mas ninguém fala o que aconteceu, quem matou índio, como o índio ficou quase fora do Brasil, e o estrangeiro, o colonizador, considerados como neocolonizadores, ficou como nativo brasileiro, e o próprio nativo ficou como estrangeiro, mas no museu eu não vi nenhuma história sobre isso, e a segunda, também, o museu, para mim, é uma referência que... eu gosto muito do trabalho de cada um de vocês,

principalmente para a comunidade malinesa, esse auditório está sempre disponibilizando para nós, mas eu gostaria que o museu seja uma referência para toda a comunidade, e, ainda, reforçar, facilitar o acesso para cada comunidade se organizar, quaisquer lideranças, comunidades que quiserem organizar um evento, ou fazer uma reunião, tentar, ainda, como os próprios imigrantes comecem a motivar (o uso do) o museu, começa a interessar o museu, tem muitas associações imigrantes, queira fazer uma reunião, queira fazer algum evento, não sabe onde vai fazer, alguns têm dificuldade, mas, talvez, eu decido fazer alguma reunião aqui, na verdade, não é talvez falta do espaço, mas, para mim, como imagem de museu da imigração, para mim está simbólico, para vir fazer.

Então, se cada comunidade começar assim, vai ter muitos movimentos, é como meu irmão falou, é difícil fora (o dia de) hoje, que você vai vir, entrar, que vai ver algum africano que está passeando dentro do museu, por que? Porque ainda está um pouco longe de museu, ainda não conhece um museu, ainda... qual a importância do museu para esses imigrantes? Eu acho que é muito importante, também, ainda vocês reforçaram essa parte, e ainda cada lideranças também, que ainda está participando de um jeito, acompanhando, a gente, ainda, discutir mais para que as nossas histórias fiquem, porque se estamos aprendendo o que aconteceu antes, 500 anos, de 500 até hoje, depois, outros imigrantes também vão aprender algumas experiências nossas, e até a continuidade, então, é só isso.

Thiago: Gente, está inscrito, Ana, Hugo, depois a Corina está se inscrevendo também. Eu posso já ler a próxima, porque a gente já vai pensando na próxima questão juntos. Vamos nessa? Aí eu passo para a Ana, e a gente já segue nessa toada. Então, a próxima pergunta seria, acho que, também, todas estão muito interrelacionadas e já apareceu, mas, que âmbitos da vida, exemplo, trabalho, lazer, vida familiar, entre outros, estão representados na exposição, e de que maneira? Ana, por favor.

Ana: Minha fala vai com as coisas que eu senti falta, eu sei que a pergunta é de pessoas, que pessoas, eu acho que todos já responderam bastante, os povos historicamente... feitos como diferentes, enfim, por uma hegemonia, eu acho que isso é muito claro, mas eu também senti falta das coisas que eu anotei aqui, são três delas que eu queria... primeira que eu senti falta é esse museu ter uma ligação com o café, o Museu da Imigração e o café.

Eu imagino, minha intuição fala que essa ligação é por esse vínculo que existe entre o trabalho e a migração, então, com essa imigração, veio aqui nesse café, foi numa época, à época, do café. Eu acho que a gente poderia trazer isso, também, para o atual, qual é essa migração, atualmente, que vem para o trabalho? Onde estão, quais são os problemas que estão gerando essa imigração?

Uma questão, por trabalho próprio, a questão do trabalho, foi muito perto mesmo do público, e com ações de trabalho de erradicação das condições análogas à escravidão, a gente vê a indústria têxtil brasileira, e como essa relação entre a indústria têxtil brasileira à imigração, às condições de trabalho e os problemas que isso traz, que não são muito diferentes com a questão do café. O trato, com as pessoas, as condições de trabalho, não muito diferentes, e isso está sendo hoje, eu acho que fazer o paralelo com os fluxos migratórios atuais, trazendo a questão de trabalho, tem algum tipo de migração, eu senti falta disso, em algum lugar, em nome do museu, a questão do café, não serviu essa explicação e, também, muito menos, levou isso ao contemporâneo.

Outra coisa que eu senti muita falta, e que eu acho que é fundamental nesse tema, é questionar o porquê das fronteiras. Esse papel do Estado limitador, quando se fala no primeiro... quando a gente chega, tem uma questão aí na exposição da Anaís¹, tinha um parágrafo, que fiz questão de tirar foto, que antes da colonização já existia entronques culturais, então, vista a migração como se fosse uma coisa de entronque, não de complementação, não de... então, se encontra algumas culturas, e antes da colonização, você tem muito dado disso, aqui temos vários acadêmicos ocupando outro lugar de fala, você tem visto como as viagens de África para a América Latina, América Latina para a África, da Europa, eram completamente naturais, e não se tinha antes da colonização essa questão fronteiriça.

Então, eu acho que palavras como Abya Yala, que era Pindorama, esses outros nomes recuperados, e esses outros momentos onde a migração era uma questão absolutamente natural e a gente não precisava de documento. Questionar, eu acho que seria importante o museu questionar os porquês das fronteiras da migração, porque grande parte da problemática migratória vêm por essa questão estatal, essa é outra questão que eu senti falta.

¹ Referência a instalação “Eu vim de lá”, de autoria de Anaís Escalona, Shambuyi Wetu e Zé Vicente, inaugurado no mesmo dia da visita técnica.

E outra coisa que eu senti falta da migração atual, primeiro que eu... não, falo uma questão mínima da migração atualmente, quase nem se fala, mas uma coisa que eu gostaria de falar é essa migração que não é legal, pelo menos na pandemia, eu vou abrir uma história pessoal que eu tive, na pandemia meus pais ficaram com COVID, eu sou da Venezuela, tive que viajar para a Venezuela por *trochas*² porque as fronteiras estavam fechadas, então eu tive que passar a fronteira do jeito ilegal, porque não tinha jeito de ser legal, e quantidade de coisas que a gente se expõe nesses tráficos ilegais, hoje são cobrados em dólares quantidades absurdas, porque esse dinheiro vai para a máfia, onde tem tráfico de mulheres, tem tráfico de pessoas, e como isso é parte, também, do outro problema estatal das fronteiras, o Estado diz que a fronteira está fechada, e esse fluxo se vê obrigado a fazer de um jeito paralelo com muito risco, e tem um caso, acho que no Brasil, a questão da Venezuela com o Brasil, mas esse passo fronteiriço para a América do Norte, passam viagens andando, tem uma parte em Costa Rica que tem que passar a selva andando, e como a gente dá mais visibilidade a isso, a gente olha o problema migratório quando chega, já é um problema mais... o processo da viagem, quando temos essa força impositiva do Estado, simplesmente é isso, é uma questão de vida ou morte, a gente vê quantas pessoas morrem, eu acho que seria legal, também, incorporar isso na narrativa.

Hugo: Muito bem. Pegando um pouco o que a Ana está falando, e o que foi falado por todos nós, a gente se pergunta, a gente fala sobre o que acha que está faltando, e temos que fazer essa pergunta, e vou convidá-los para isso. Mas acho que é uma coisa interessante, onde a questão ideológica e política se configura, que é em uma visão que a gente, particular, sobre o assunto, do processo civilizatório no continente latino-americano. Então, há um processo civilizatório, e por isso eu começo falando dos povos indígenas, havia um processo civilizatório nessas terras que começou lá atrás, um processo civilizatório que se consolidou em estados nacionais indígenas, esse processo civilizatório nosso, indígena, foi interrompido pelo processo civilizatório que veio da Europa, certo?

O processo civilizatório sobre o qual já sabemos, qual era o seu sentido, o colonizador, o extermínio, o genocídio indígena, por exemplo, é um assunto sobre o qual ninguém fala, mas o que morreu de indígena em

² Caminhos utilizados por pessoas em deslocamento, principalmente em contextos em que o traslado é dificultado pelas fronteiras nacionais. Pode envolver uma série de riscos a vida e a integridade das pessoas migrantes por deixá-las suscetíveis a abusos e condições extremas (Nota Museu da Imigração).

toda a América Latina é uma coisa enorme. Então, eu acho que essa questão...

Ana: Desculpa te interromper, mas é que tem um texto, e eu acho que é muito importante a questão epistemológica, eu gostaria de fazer uma crítica forte, já não pode se utilizar mais "chegada dos portugueses", pelo amor de Deus. Aí também diz "existe uma diminuição da população indígena", é um extermínio, tem que falar com a palavra, não dá mais, porque naturaliza esses processos.

Hugo: Concordo com você, Ana, mas uma coisa que eu me coloco, e eu particularmente coloco aqui é o seguinte, eu, particularmente, não me sinto convidado aqui para ensinar o pessoal do museu a administrar o museu, fazer o trabalho que tem que fazer, eu acho que eles têm que ter autonomia. Claro, que por outro lado a gente aponta, que é a nossa visão crítica, para isso que fomos chamados, então, só fechando essa ideia, esse processo civilizatório, que é realidade, o processo de exploração dos povos indígenas, é esse processo que cria essas novas sociedades nas quais a gente vive.

A chamada independência, que é inconclusa no século 19, quando acontecem as revoluções, sobretudo a América espanhola que foram conflitos armados, conflitos contra o exército espanhol, diferente do processo brasileiro, não é melhor nem pior, historicamente, é diferente, o que aconteceu aqui, a monarquia portuguesa se instalou para se livrar da invasão napoleônica. Eu não estou dizendo que foi melhor lá na Espanha, nada disso, são características diferentes nesse processo todo.

Desse confronto civilizatório, de certa maneira, surgimos nós, Darcy Ribeiro já falava, a cultura mestiça latino-americana, essa junção não só do indígena, não só do eurocentrista, português ou espanhol, e também da cultura africana muito presente em toda a América Latina. Então, acho que dentro desse processo é que se coloca essa discussão. O que estaria faltando?

Um monte de coisas, mas não vou falar tudo isso porque não dá, porque eu não quero fazer discurso, há uma coisa que está ligada à minha atividade, que eu mexo com teatro, eu mexo com representações teatrais, nosso grupo trabalha, tenta divulgar o teatro latino-americano aqui no Brasil, que é pouquíssimo conhecido, e aí acho que há uma possibilidade de um caminho, na minha área, não creio que isso funcione para todo mundo, mas, na minha área, a arte sempre sintetiza os conflitos sociais e políticos do homem em qualquer lugar do planeta.

Com relação à imigração, por exemplo, há uma série de autores latino-americanos que tratam disso e, mais especificamente, nesse aspecto das atividades dos imigrantes e tudo mais, eu lembro muito a conversa com a Lélia Abramo, não sei se vocês conhecem, uma falecida já, atriz, do cinema, de origem italiana, que me surpreendeu muito quando ela falou da prática de teatro em italiano, pelo movimento anarquista, grande parte dos anarquistas vão vir da Itália e da Espanha, onde se discutia essa questão da condição do imigrante, através de suas peças e tudo mais, uma atividade que ela me contava que era interessantíssima, por um lado, mantinha a língua dos participantes, desenvolvia o trabalho artístico e o trabalho ideológico também, afinal, os conteúdos eram basicamente anarquistas, o que quer dizer isso, falava da condição da precarização que já existia faz muito tempo no mundo, aliás.

Então, esse assunto de sentir falta de aparecer um pouco mais dessa questão artística que fale sobre a condição do imigrante, que seja, eu falo do teatro, mas isso implica pintura, música, e uma série de outras coisas, pela capacidade da arte que tem de sintetizar questões e colocar não para dizer às pessoas o que tem que fazer. E sim colocar, questionar, discutir, não (necessariamente) o melhor entendimento, promover o questionamento da realidade, que eu acho que é o que nos interessa, a todos nós.

Thiago: Eu vou passar a palavra para a Corina, mas eu queria só colocar um ponto sobre essa questão da administração do museu. Eu acho que faz sentido que, assim, para dialogar com o público migrante atual, imigrantes internacionais atuais, tem dimensões que só a exposição não vai dar conta, eu acho que tem muito disso, isso as instituições de cultura já sabem, isso já está documentado, já está debatido, as equipes precisam ser plurais, então, é uma dimensão que o espaço expositivo não vai resolver, de fato.

Mas a exposição precisa ser, de alguma forma, interessante para essas pessoas, e eu acho que é por isso que está esse debate aqui hoje, também, principalmente, mas acho fundamental também a gente ter essa compreensão de que, apesar da exposição de longa duração ser importantíssima, como um documento histórico, eu também vejo, a exposição de longa duração é uma síntese de um momento, sobre o fenômeno migratório, ele não vai dar conta, só ele, de trazer o público migrante para vir aqui ver a exposição, se sentir representado, então, acho que só queria fazer esse adendo sobre a gerência para fora da exposição.

Corina: Então, também falando sobre as faltas, não são faltas exatamente de pessoas, mas uma coisa que eu acho que também é importante, sendo um museu da imigração, e que também tem a ver com vários pontos que já foram discutidos aqui, eu senti falta de falar sobre a política migratória, as políticas migratórias, não só as leis, as relações exteriores do Brasil, como isso impacta, porque a gente vê isso, a migração europeia nesse momento sendo muito apoiada, como a Mônica falou, mas é só isso, não tem nenhuma referência às leis, não tem referência à movimentação da sociedade civil, da própria população de imigrantes, lideranças, etc., para a modificação dessas leis, e outras questões, então acho que isso é interessante porque também... a gente poderia ver quanto o racismo, o androcentrismo está empatado aqui, está representado nessas leis e políticas migratórias do Brasil hoje, acho que isso eu senti falta e, pensando nos âmbitos da vida, que estão representados e tal, na parte das migrações atuais, eu acho que, por ser também pouco espaço dedicado para essas pessoas, também falta, por exemplo, eu acho que fica muito ligado a uma questão mais exótica.

Então, assim, São Paulo tem comidas muito diferentes, São Paulo tem músicas muito diferentes, porque os migrantes, mas sabe, fica só como a parte exótica da diversidade e não todas as outras questões, o trabalho, como a Sophi estava falando, não está, outras questões também não estão, educação, sei lá, várias questões que não estão, mais que fosse a parte legal, só legalzona e São Paulo, e acho que também outra coisa que eu acho que está faltando, tipo uma crítica, uma revisão, de quando vários momentos vai falando de uma construção de uma identidade paulistana vinculada a esses movimentos migratórios e históricos, tem uma parte do vídeo que ele fala, sei lá, vai nomeando algumas nacionalidades da Europa, japoneses, sei lá, e isso deu na identidade paulistana, então eu acho muito problemático como isso fica só... sem uma revisão crítica, essa ideia de identidade de São Paulo, que também é colocado como o polo da diversidade, a própria cidade cosmopolita, eu acho que isso... enfim, é uma coisa que eu percebi.

E outra coisa que eu senti falta, rapidinho só, que em nenhum momento eu vi, talvez pode ser que eu não vi porque eu não assisti todos os vídeos e não li todos os textos, mas não vi, em nenhum momento, escrito ou colocado a questão da imigração como direito humano, não vi, não sei se alguém viu, mas em nenhum momento está, de alguma forma, colocado que a imigração é... enfim, desde sempre, mas que também é um direito humano, que as pessoas tem

direito a migrar. Cristina F: Depois eu falo, é só porque ela tem que ir embora mais cedo.

Thiago: Perfeito, vai lá, Mônica. Você já vai embora?

Monica: Já vou embora.

Thiago: Tá, se você quiser comentar as outras duas, de que maneira o acervo museológico, os objetos estão lá, e de que maneira a diversidade está trabalhada, também.

Monica: Tá. Uma coisa que eu queria falar, era muito interessante todas as falas de todo mundo, mas, de que maneira a diversidade é retratada na atual exposição de longa duração?

Thiago: Mas segue sua linha que você tinha pensado, depois, qualquer coisa a gente...

Monica: Pois é, eu senti muita falta, eu estava colocando-me no lugar do meu filho e da minha filha que vem aqui no museu, a primeira coisa que entram, veem o que? Eles são descendentes de indígenas bolivianos e também espanhóis, então, tem uma mistura, meus filhos. Quando eles chegam aqui, eles dizem "mamãe, eu não vi nada da Bolívia, eu não vi nada do Equador, eu não vi nada do Peru" que são países mais de 50% indígenas em Latino América. Praticamente, meus filhos não conhecem mais que o Brasil e Estados Unidos na escola, que fala mais sobre isso do que os países latinos que estão ao redor.

Então, eu senti isso, quando vem tantas escolas e entram, que os professores, que as pessoas falam sobre os atuais imigrantes que estão aqui. É uma dor e uma pena não falar sobre isso porque, se vocês percebem, precisamos, é urgente ter um mapeamento incluso para poder trabalhar sobre as culturas, sobre as comidas, trazer essas posições aqui, então, eu senti muita falta sobre isso, não se fala muito dos indígenas, não se fala muito dos países latinos, que tem muitos imigrantes aqui, tanto colombianos, a maioria, primeiramente, estão os bolivianos por número de pessoas, peruanos. E eles querem ter esse lugar, esse espaço, para também, de alguma forma, ocupar, então eu acho que temos que focar nisso, mudar um pouco essa história, colocar essa história contemporânea que estamos vivendo agora dos movimentos migratórios.

Eu queria falar sobre isso, e me despedir, porque eu tenho um evento das mães bolivianas, ontem foi dia das mães, mas hoje estamos tendo uma atividade lá na Zona Leste, e eu estou levando algumas coisas, então, fico muito grata pelo convite, qualquer coisa, vou mandando para vocês também por e-mail, algumas coisas que eu vi.

Thiago: A gente vai seguir aqui mais uns oito minutos, segundo o combinado aqui, para a gente fechar às duas, então, tranquilo. Obrigado, Mônica, pela presença.

Ana: Obrigada. Tchau.

Cristina: Pode ser eu? Porque eu dei o meu lugar para ela, só para não perder.

Thiago: Vamos lá, Cris. Cris, depois Maria Fernanda.

Cristina: Eu acho que em sintonia com o que tem sido falado, ao que também, para mim, acho que tem haver ainda com a primeira pergunta, mas também com a última, estão interrelacionadas, é que existem várias omissões... você também vai?

Thiago: Então, vamos embora. Vai lá, Cris.

Cristina: Algo que para mim foi muito chocante, muito em uníssono com o que você estava falando, são algumas omissões e também alguns eufemismos que são bizarros, hoje em dia, já não dá mais para aguentar esse nível de eufemismo, então, falar "os europeus chegaram", eu até anotei porque eu achei bem chocante, alguns vinham porque queriam, outros eram forçados a vir, não é uns e outros, não é essa a realidade histórica, mas aí vem muito o que a companheira estava falando, de quem está escrevendo essa história.

Então, é muito flagrante quem está escrevendo essa história que perpassa o museu, é muito flagrante quem são, como você estava falando, quem são os funcionários do museu, quem são, mais que os funcionários, as pessoas que estão gerindo, mesmo, essa narrativa, é muito flagrante, e é tão flagrante, que eu acho que hoje em dia, no Brasil, já não se sustenta mais, você ainda ter nesses escritos do museu, escravos e não pessoas escravizadas já não dá mais.

Por exemplo, mencionar guerras coloniais é uma coisa que não dá para mencionar assim, de graça, se não tiver uma discussão, sim, existiam exércitos indígenas, sim, existia uma luta africana e afrodescendente muito forte e que, realmente, às vezes, pareciam realmente exércitos, porque tinham estratégias bélicas a partir dos quilombos, com certeza, mas, se não existir uma contextualização do que é essa expressão guerras coloniais, entra em uma coisa um pouco como guerra Palestina-Israel, o que não é o caso, existe um genocídio em curso, existe um etnocídio em curso, então, acho que esses eufemismos são muito graves e, hoje em dia, a gente está vivendo a tragédia anunciada de um governo fascista, exatamente porque instituições culturais como o Museu da Imigração se dão ao luxo de continuar com uma história

unilateral, com uma história brancocêntrica, eurocêntrica, mas não só com uma história super higienizada dos anarquistas europeus, dos comunistas europeus que vieram para cá.

Então, mesmo dentro da narrativa eurocêntrica, brancocêntrica, masculina, não se fala sobre, por exemplo, esses homens brancos europeus que eram anarquistas e que foram perseguidos aqui, que eram comunistas e foram perseguidos aqui, então, existe, também, um lugar político muito evidente na narrativa do museu, que é o que se diz apolítico, que é o que se dá ao luxo de, na realidade que a gente tem no Brasil, que a gente tem um genocídio negro e indígena em curso, se colocar com eufemismos de chegada dos europeus, e eu acho que é preciso colocar mesmo essa questão com a gravidade que acho que a gente está conseguindo transmitir aqui.

Por fim, também tentando trazer a pergunta dois e três, é evidente que é um museu, como eu estava dizendo antes, é um museu muito ligado à hospedaria, e é um museu muito ligado aos objetos, e nisso eu parabenizo o museu, porque eu acho que no diz respeito à hospedaria e aos objetos, é muito impressionante, a gente sente aquelas pessoas caminhando ali, é arrepiante mesmo, sobretudo aquela sala das camas, das mesas, é uma sala muito sensorial e muito impressionante mesmo, e eu parabenizo, acho que é incrível como conseguem transmitir a presença dessas pessoas, o calor de vida, mesmo, dessas pessoas.

Eu acho que um dos grandes desafios do museu é conseguir enfrentar a história migratória desde os anos 80, que traz essas outras populações migrantes, que são marcantes para a paulistaneidade de hoje em dia, e é fazer essa transição de um museu do objeto, que pira no objeto, e que trabalha muito bem com os objetos em si, para um museu das pessoas e, nesse sentido, eu entendo que não faça sentido, por exemplo, trazer objetos atuais das pessoas, é muito estranho, porque são pessoas que estão vivas, a gente pode escutá-las, a gente pode conviver com elas, a gente está convivendo aqui, entre nós, então, você não vai trazer um objeto.

Eu só queria alertar que, para mim, é fundamental em um novo planejamento da exposição temporal, que realmente se coloquem artistas, criadores, agentes culturais migrantes dentro desse momento que o museu vai ter que assumir da contemporaneidade das migrações no Brasil e em São Paulo, por exemplo, existe um fotógrafo boliviano, que é o Dom Alberto, que é um homem que, desde os anos 70, 78, 79, fotografou a comunidade boliviana até o início de 2020, até o início da

pandemia, e é um homem que tem centenas de milhares de fotografias da comunidade boliviana, o cara foi aos batizados, aos aniversários de 15 anos, aos casamentos, o cara fotografou funeral, ele foi a todas as festas pátrias da Bolívia, então, é um grande trunfo que a gente tem para pensar nas migrações contemporâneas, porque ele fotografou todo mundo. Então, por exemplo, está aí um cara que o museu tem que conversar, e o museu tem que ter esse acervo em mãos para colocar ele em dialogo nessa exposição permanente, enfim, eu falo do Alberto, como eu acho que todo mundo pode mencionar também outros artistas e outras pessoas no mesmo sentido.

Thiago: Perfeito. Tem a Maria Fernanda, a gente chegou às duas, o horário combinado, alguém mais gostaria de se inscrever, e aí, daqui para frente, eu acho que fica quem pode mais alguns minutinhos, o Adama, quem não puder, a Paula já falou que já tem que sair.

Vensam: Eu também.

Thiago: Vensam também. Quer deixar umas últimas palavras, vocês, não? Estão tranquilos? Obrigado, Paula, obrigado Vensam. Então, Maria Fernanda, quem mais? Adama se inscreveu também.

Ana: Eu gostaria também.

Thiago: Você também.

Ana: Sim.

Maria Fernanda: Então, eu vou trazer uma experiência que eu vivenciei faz pouco tempo, e me fez questionar certos lugares e ao mesmo tempo pensar em outras possibilidades. Eu sou psicóloga, eu sou da CDCM, que é o Centro de Defesa e de Convivência da Mulher, Casa Viviane dos Santos, e nós temos um evento que é chamado de Chá Lilás. Chá Lilás é espaço de debate, é um espaço de fortalecimento, político também, onde as mulheres falam sobre as suas experiências, onde as mulheres falam sobre as suas frustrações e também um espaço, não falo de construção, mas de pensar também políticas, o que tem em falta, e ocorreu que dessa vez foi sobre memórias do bairro, e logo que trouxeram isso, eu lembrei sobre as memórias da imigração.

Eu acho que uma coisa que o museu pode estar pensando, também, as memórias da imigração. Que memórias são essas? Falou-se aqui que nós transformamos o lugar onde nós habitamos, mas essa transformação, é claro que já vem com os diferentes saberes também. Esse espaço, esse lugar, São Paulo, que você fala de um espaço multicultural, tudo isso, mas, ainda assim, são memórias que muitas delas estão sendo esquecidas, de uma forma propositada também.

Propositada, porque de alguma forma é fundamental que se olhe só a partir de um único ponto da história, e é fundamental também que se ignore outros pontos, na verdade.

Por que eu trago tudo isso? Eu não vim sozinha hoje, eu trouxe duas sobrinhas, e é a primeira vez que elas vêm para o museu, elas nunca foram a museu nenhum, e logo que eu desci ela disse "nossa, que legal, nunca viemos ao museu, e meus pais haviam dito que no próximo mês vai nos levar ao museu". E quando elas observaram a exposição lá, elas disseram "nossa, tem bastante bolivianos, tem bastante pessoas", mas quando elas disseram "tem bastante boliviano", tem bastante pessoas da América Latina, claro, não necessariamente sejam todos bolivianos ali, é claro que a gente sabe que os povos indígenas, por mais que não se diga muito, mas essa questão dos fenótipos, assim posso dizer, então, não são todo mundo aqui, não, tem também algumas pessoas africanas, mas elas notaram a ausência de pessoas da tonalidade delas de pele. Ausência no sentido não que não tinha, tinha, mas muito pouco representados, e são crianças de quantos anos? Uma está com 12 anos e a outra está com 13 e vai fazer 14, e isso me chamou a atenção, estou partilhando com vocês, isso me chamou a atenção.

Então, eu acho que essa segunda questão, que de alguma forma traz essa própria questão do lazer, do trabalho, de tudo isso, fala dessas memórias, essas memórias que são criadas, essas memórias que não são registradas, e quem tem esse papel de registrar, hoje, quem tem o papel, nesse caso, de catalogá-los, assim posso dizer. É papel nosso enquanto sociedade civil também? Eu acho que é um questionamento que acaba ficando, mas acho que, de alguma forma, necessariamente, a gente precisa pensar nisso, quem tem essa responsabilidade de contar nossa própria história daqui a algum tempo. Somos nós? E quando a gente não estiver? O que o Museu da Imigração está fazendo agora? Está contando essa história? Ou está contando essa história a partir daquilo que está sendo observado, a partir do material que foi coletado da Folha de São Paulo, como é que foi coletado esse material? Como? Quem está contando essa história novamente?

E, deixa eu ver, desculpa gente. De que forma a diversidade é retratada nessa exposição? A gente não pode negar que foi retratada, mas de que forma foi retratada? (Longo silêncio). Eu acho que eu já disse tudo, meu próprio silêncio já acabou de dizer.

Adama: Eu vou falar sobre (a pergunta) quatro, "de que maneira a diversidade é retratada na atual exposição de longa duração?". Então,

eu acho que o trabalho do museu, admiro muito, agradeço muito o trabalho feito, não é fácil esse tipo de trabalho, principalmente essa exposição, e as artistas também fizeram um bom trabalho e, na minha visão, o que faltou ainda, é mais imagens da atual migração, porque cada imagem, a cada foto que está colada, fala. As fotos falam sem letra, então, é uma coisa muito importante que o museu tem que começar a trabalhar um pouco com a migração recente no Brasil. Principalmente as nacionalidades, também, diferentes, em São Paulo, principalmente, São Paulo, ou Brasil, não são todos os países do mundo que tem história sobre essa questão migratória, mas alguns tem mais que outros, e cada visitante no museu, pela bandeira, pelo nome do país, dá outras alegrias para o visitante.

Qualquer jeito que você veja todo o trabalho maravilhoso que o museu faz, se você entrar e sair você não viu nenhum símbolo de seu país, nenhuma foto, nenhuma coisa, você fica um pouco desanimado, uma das maiores fotos é muito antiga, e tem bastante também atual um pouco desconhecido, principalmente 2013, 2014, o o Visto Permanete fez um trabalho bacana, que São Paulo inteiro começou a interessar a migração, e conhecer os imigrantes que Cristina, ela fez esse projeto, vários cantores, as mulheres artistas, boliviano, africano, em geral dos cinco continentes, cada um participou e esteve presente, cada um participou com sua parte da experiência, sua parte de competência, e foi uma proximidade dos imigrantes, até isso ajudou a organização dos encontros migratórios que aconteceram no Brasil.

Então, tem várias lideranças, várias pessoas parecidas com ela, por exemplo, a Oriana foi uma pessoa exemplar para todos nós, imigrantes. Talvez, você chega, uma pessoa com suas referências, você chega em um museu, algum tipo de exposição é possível é foto dela, já te dá outras coisas, porque lembrança é muito importante para nós, por isso que a exposição a gente tem que sempre reviver algum jeito da nossa história, mas cada vez a gente aprende mais, para mim o trabalho ficou perfeito, a gente está dando a nossa sugestão só, mas era só isso que eu queria falar.

Ana: Só uma referência que é a Niède Guidon, a Niède Guidon é uma franco brasileira que já tem uma história, o nascimento da humanidade, completamente diferente daquela que apresenta, os povos da América Latina foram os últimos que chegaram já tem estudos de fósseis nesses territórios mais velhos do que lá em cima, então, essa parte do nascimento, dou essa referência, porque eu acho que é a mais atual brasileira, vale muito a pena dar uma revisada nessa...

Thiago: Aquele primeiro módulo sobre...

Ana: É, aquele primeiro módulo, sim, sim. Aí já começou a tosquite, desculpa. Aí já começou...

Corina: Os dois vídeos separados. Porque são dois separados, um parece que chegamos, que nem fala sobre as pessoas escravizadas, nada, sobre as pessoas indígenas, aí no outro vídeo... desculpa.

Ana: Não, imagina. Era isso, outra coisa que eu queria deixar, e legal que isso está registrado e deixar aqui a demanda registrada, é isso, porque é isso que disse a hermana, é muito delatador quem é que está administrando e qual a visão política, então, precisamos de mais pessoas negras, pessoas imigrantes, mais pessoas indígenas trabalhando nessas instalações, como o museu, como o CRAI, como é a defensoria, como é nas ONGs, que trabalham com imigração, porque são pessoas imigrantes pensando em migração, é uma questão até estratégica, até estratégica, uma pessoa que já viveu essa história vai vir, e isso é transformador, é muito difícil você pensar em uma situação que você nunca passou, eu acho que é respeitar muito o lugar de fala, como seres humanos, e para evitar soberbas. Sim? É isso.

Thiago: Muito obrigado.

(FIM)

Segundo Encontro: Comunidade Acadêmica e ativistas

Data: 24 de Junho de 2022

- 1.** Organização: *Observatório das Migrações (Núcleo de Estudos de População Elza Berquó)*

Representante: Luís Felipe Aires Magalhães

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: O Observatório das Migrações em São Paulo é um grupo de pesquisa desenvolvido no Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO) que busca aprofundar o conhecimento teórico, metodológico e empírico acerca das configurações e das especificidades que os processos migratórios internos e internacionais assumem em diferentes espaços do território paulista na "era da mobilidade". O objetivo principal deste grupo é conhecer e analisar as transformações nos processos migratórios nacionais e nas migrações internacionais para, de e no Estado de São Paulo a partir das diversificadas modalidades migratórias. Nesse sentido, focalizar o contexto estadual das migrações internas e internacionais envolve fortemente as regiões do interior do Estado de São Paulo e as metrópoles, para a compreensão da reprodução social de dinâmicas socioespaciais, econômicas, urbanas, demográficas e de distintos contingentes migratórios presentes. A parceria com o Museu foi através dos eventos "Vozes da Migração", capacitação para professores de ETEC e FATECs do Centro Paula Souza, realização do Encontro do GT Migração da ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), etc.

- 2.** Organização: *Deslocamigramentos (Universidade Estadual de Campinas)*

Representante: Alex André Vargem

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: Alex Vargem é doutorando em Ciências Sociais (Sociólogo - Pesquisador das migrações africanas contemporâneas para o Brasil) na Universidade Estadual de Campinas. Também é assessor da Comissão de Direitos Humanos, Migrantes e Combate à Xenofobia do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São

Paulo. A parceria com o Museu ao longo dos anos, através das diversas atividades realizadas, inclusive, no fomento de debates e realizando palestras, como recentemente, a abertura do Dia da África, no qual compus a mesa inicial e fiz reflexões sobre a importância da data.

3. Organização: *(I)mobilidade nas Américas*

Representante: Caio da Silveira Fernandes

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: O (I)Mobilidade nas Américas é um projeto coletivo que reflete sobre o controle e a mobilidade migratória no continente americano e surgiu no contexto de refletir sobre essa tensão no contexto da pandemia de Covid-19. Compõem o grupo pesquisadores de 21 países, sendo que o núcleo brasileiro conta com 7 pessoas responsáveis por levantar informações e produzir conteúdo sobre o tema. O projeto (I)Mobilidade nas Américas participou de uma ocupação no Blog do Museu a convite da instituição. Foram produzidos uma série de textos voltados a refletir sobre o controle e a mobilidade nas Américas durante a pandemia de Covid-19.

4. Representante: *Letícia Suárez Victor*

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Realizou uma pesquisa de mestrado entre 2017 e 2019 sobre a formação das coleções do Museu da Imigração. Em um viés comparativo, analisei tal acervo junto às coleções do Musée National de l'Histoire de l'Immigration de Paris. A dissertação encontra-se disponível no banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo

5. Organização: *História Indígena Hoje*

Representante: Luma Ribeiro Prado

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: A História Indígena Hoje é um projeto de história pública dedicado à questão indígena: ontem e hoje. Produzimos artigos sobre questões indígenas e socioambientais, também entrevistamos intelectuais e ativistas pertencentes a povos originários, conformando uma plataforma intercultural com histórias indígenas contemporâneas. Estamos no instagram e no facebook. A parceria com o Museu foi através da colaboração com o curso "A Hospedaria de imigrantes e os

tijolos do racismo estrutural no Brasil - Deslocamentos indígenas". E participei da mesa "Racismo contra povos indígenas e a construção da visão colonial".

6. Organização: *Museu Lasar Segall*

Representante: Ricardo Alberton Fernandes

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: O Museu Lasar Segall constitui-se como um centro de atividades culturais, oferecendo programas de visitas educativas, cursos nas áreas de gravura, fotografia e literatura. Abriga um cinema e uma biblioteca especializada em artes do espetáculo e fotografia. O Museu é apoiado pela Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall – ACAMLS, uma sociedade civil sem fins lucrativos, viabilizada pela colaboração de instituições públicas e privadas, além de pessoas físicas. Minha experiência de aproximação com o Museu da Imigração se deu através do meu projeto de Mestrado em Museologia (USP), onde pesquisei o MI como objeto de estudo para falar sobre exposições.

7. Representante: *Stephanie Illanes*

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Foi uma das palestrantes no Curso Online Deslocamentos Indígenas, abordando o tema com foco no Racismo Estrutural. Foi muito enriquecedor poder participar e ainda mais ser convidada pelo Museu da Imigração, local onde já fui em várias exposições e também já apresentei com o Grupo de Dança Folclórico Kantuta Bolívia, caporales.

8. Representante: *Emerson Souza*

Nacionalidade: Brasileiro, etnia Guarani Nhandeva

Descrição: Professor na rede Estadual de Educação. Comunidade indígena de São Paulo e indígenas em contexto urbano. Centro de Estudos Ameríndios -Cesta-USP. Parceria através do vídeo para Conselho Regional de Psicologia, cursos, áudios e esse encontro.

(INÍCIO)

Thiago: Então, a gente tem mais quatro perguntas. Se tiver tempo, a gente ainda volta para aquela primeira: o que foi a narrativa desse lugar.

Mas... acho que você falou, século 19, 20, sobre o trabalho, sobre o controle migratório, principalmente voltado à hospedaria, isso também foi dito no aquecimento. Então, gostaria que vocês retomassem esses pontos ao longo dos comentários, ao longo das perguntas, mas a gente começaria com essa primeira e eu passo a palavra para o Ricardo e eu peço para vocês que enquanto uma pessoa estiver falando vocês podem levantar a mão, eu anoto aqui e a gente vai dinamizando. Então, a primeira pergunta seria, na atual exposição de longa duração quais grupos não tem retratados a sua experiência?

Sté: Eu senti falta de ver... eu vi o povo boliviano sendo retratado em imagens, mas não a nossa história, a nossa migração. Então, eu senti falta disso.

Ricardo: Talvez eu fale algumas coisas com outras palavras e outras que pareçam bastante absurdas. Eu peço desculpas porque eu não sou pesquisador da temática da imigração. Eu não sou historiador. Como museólogo, o meu olhar é sempre voltado para dentro daquele universo de debate que precisa ser tratado em um pedaço tão pequeno do universo que é um espaço de museu, o espaço da exposição.

Eu fiquei pensando em algumas questões de quando eu comecei o meu mestrado fazendo a pesquisa no museu do Futebol, no museu da imigração. Hoje eu lembrei que eu comecei, talvez, pelo caminho contrário, inverso e também perigoso, porque a primeira coisa que eu fiz foi entrevista com as diretoras, depois eu fui visitar a exposição.

Então, o meu olhar já veio condicionado por uma série de lacunas e falhas que haviam entre o plano museológico, perspectiva de exposição e o que eu estava analisando. Eu fiquei pensando nessa pergunta, na atual exposição de longa... quais são os grupos retratados que eu sinto falta ou não. Eu lembro da minha experiência de ter vindo no museu com esse olhar de pesquisador para o mestrado, especificamente, e

der ter saído desse olhar de flutuante, de público, que passa e nem sempre lê, nem sempre adentra uma sala e dá ali aquele tempo necessário. Eu fiz todas as salas, tentando entender qual era a narrativa da história desse museu, o que ela ia me apresentar e a minha segunda visita ao museu com um olhar um pouco mais apurado, com um olhar um pouco mais paciente e cauteloso, quando começa o núcleo 1, das primeiras medidas dos processos migratórios e, para concluir, eu cheguei no final da exposição e eu entendi que ela me deu um contensado de um processo migratório que eu não conhecia. Desde os primeiros homínídeos saindo, começa andança pelo mundo e que tipo de andança é essa?

Quando chega a parte do Brasil, que fala sobre a escravidão, que fala sobre as questões indígenas e esses processos migratórios naturais ou não-naturais, forçados ou não. Eram apresentados de uma forma bastante simples, mas eram apresentados... Não ficou para mim, e vem aqui a minha demonstração de ignorância, quando trata da questão indígena e da questão da escravidão dos negros vindo para cá, e a gente nunca pensa que isso também são processos migratórios e são, não são naturais, são forçados por outras questões, mas são processos que levam e trazem pessoas de um continente para o outro.

E chega na questão da hospedaria em si e os processos migratórios que a gente conhece com relação a Hospedaria do Brás, vai passando por essa São Paulo, que vai se modernizando, que vai se introduzindo toda essa mão de obra que vai chegando nos campo do trabalho em São Paulo, termina com uma São Paulo mais moderna, os bairros da Mooca, Santo Amaro e sai com um sensação, como uma pessoa que não é da área de história, que não é um pesquisador, de que ela deu cabo que em algum momento ia trazer uma história bastante ampla e, de certa forma, redonda. Com lacunas, porque a gente só vai ver as migrações nos dias de hoje em um último modulo da exposição, como eu falei, eu já tinha um olhar meio pré-avisado que a diretora também já tinha me falado as lacunas, esses novos processos migratórios que faltam na exposição de longa.

Então, isso eu já fui perdendo em todos os módulos. Eu fui tentando buscar, realmente, onde estava aqueles módulos, os novos processos migratórios, essas novas pessoas que estão vindo para cá, quem são? Por que vem? Como são tratadas? O que elas fazem? O que elas trazem? O que elas deixam. Porque a diretora já tinha me dito isso, então, por isso que eu falei que eu me arrependo hoje de ter feito o processo contrário, mas foi o processo que eu consegui na época.

E também não dá para pensar a exposição de forma anacrônica, não dá para a gente olhar para a exposição que foi criada em 2014, 2015, com um olhar de um conhecimento, de uma amplitude sobre as questões de migração que a gente tem hoje. Como tu bem falastes, essas questões eu também percebi hoje, todas essas palavras, escravo e não escravizado, mas eu pensei, "Poxa, sei lá, eu não tinha ouvido a palavra escravizado em 2014, 2015, quando eu comecei o meu projeto de mestrado, talvez ela já existisse, mas como eu não sou pesquisador da área para mim ela não era uma palavra do meu vocabulário, que hoje já é e eu percebi da exposição quando traz essas pessoas, os escravos.

Então, eu não sei quais grupos não tem retratado a sua experiência migratória, não tem retratado, acho que de alguma forma, pensando de forma que foi construída, ela conseguia dar conta de alguma forma, minimamente, de tratar várias questões a respeito da migração de vários grupos, eu esqueci o seu nome...

Sté: Sté.

Ricardo: Quando a Sté fala que ela não viu, de repente, a história do Bolívia ou outras mais complexas, alguma coisa mais ampla sendo retratada no museu da imigração, nessa exposição a gente não pode esquecer também que ele não é uma... a exposição não é uma enciclopédia. Ela vai gerar essas discussões todas, elas vão gerar página e páginas de publicação, de escrita, horas de vídeo, discussões bastantes profundas a ponto de você resumir, minimamente, no máximo seis, sete laudas que vão para a gráfica produzir os textos que vão estar na exposição ou nesses vídeos, isso é muito complexo, pensar dessa forma.

E também essa pergunta, eu vejo essa pergunta pensando no que o museu quer apresentar. Não dá para gente pensar que... como que eu não encontro determinados grupos em uma exposição se eu não sei, exatamente, a que se propõe esse museu, ele quer falar a história da migração no mundo de uma forma ampla? Ele quer falar da história da hospedaria do Brás que ocupa uma parte bastante significativa da exposição, do pós-obras, pós-pessoas do Brasil, campo de trabalho, café.

É muita coisa para dar conta de um tema tão complexo. Então, desculpa se eu me prolonguei com coisas que, de repente, não eram tão relevantes. É que elas me fazem pensar sobre essa pergunta, de que grupos eu não vi ali representado. Eu vi vários, mas também por um olhar... eu falo que eu também tenho consciência de que eu tenho

um olhar bastante romantizado sobre os processos migratórios, porque eu vim de uma cidade de 20 mil habitantes no sul de Santa Catarina, que é metade alemã e metade italiana e que a experiência de visitar esse museu é uma experiência de novela das seis, da avenida Angelica, de hospedaria, me remete a casa da minha avó. Metade daqueles móveis do acervo eu encontro na casa da minha avó. É uma realidade muito próxima, muito romântica da migração que eu tenho e que eu tive uma amplitude ao visitar o museu aqui...

Thiago: Eu acho que... Ricardo, o que você traz é fundamental, porque eu acho que essa exposição tentou trabalhar muito com o que o memorial já tinha em mãos que é essa conexão afetiva, principalmente, dessas migrações do século 19, principalmente relacionadas a italianos, alemães, japoneses também. A gente está em outro momento histórico também que tem outros grupos dizendo, "Olha, a gente não se sente representado nessa ideia de imigração". Então, precisa ser ampliado e a gente também, desde o Museu da Imigração, a gente vem se posicionando nesse sentido também que é necessário ampliar, ampliar para onde? Todo o debate que a gente está fazendo aqui. Eu queria passar para o Alex.

Alex: Perfeito. Primeiro, felicitar o museu por ter essa abertura de fazer uma avaliação crítica. Na verdade, contando um pouco da minha experiência como pesquisador e ativista negro, afro-brasileiro, eu nunca me reconheci no museu. Acho que uma das falas comuns entre os movimentos negros, do qual a minha família faz parte, a gente sempre falou que o museu da Imigração é um museu de branco, conta as histórias dos brancos.

Então, eu nunca me reconheci no museu. Então sempre quando eu... na minha história eu vou lá no museu Afro, lá no Ibirapuera, eu não venho no museu da Imigração. Essa é uma discussão clássica que os movimentos sociais de base fazem em São Paulo. Se eu quero saber a minha história, eu vou para o museu Afro no Ibirapuera, não no museu da Imigração, porque eu não sou descendente de italiano. Os meus vieram escravizados, a minha bisavó, a minha tataravó e por aí vai. Então, acho que sempre teve essa questão. E o museu, obviamente, que ele está, o museu da Imigração, ele está em um espaço também que não foi retratado que também é doloroso para nós. Eu como afro-brasileiro, porque está em um contexto de uma política eugenista, o museu da Imigração está no contexto de uma política de embranquecimento do Brasil.

É daí que vem o museu da imigração. Então, você tem a abolição da escravidão, tem esse processo da migração europeia branca e era um projeto de embranquecer o Brasil, então, a experiência de estar no espaço do museu também é dolorosa do ponto de vista dos vínculos afetivos de embranquecimento do Brasil. Nós tivemos uma política eugenista. Nós tivemos o congresso internacional das raças em 1911 que o estado brasileiro, a sua elite intelectual e política foi lá defender o embranquecimento do Brasil em 100 anos, e o museu, no caso, a antiga hospedaria, atendeu a esses fins também.

Nós tivemos uma Sociedade Protetora da Imigração no final do século 19. Hoje a Secretaria de Direitos Humanos da prefeitura, na Libero Badaró, na década de 20, 100 anos atrás era onde funcionava a sociedade eugênica paulista. Hoje é a secretaria de direitos humanos... (Estavam alocados ali) os que queriam nos eliminar. E hoje, em tese, eles querem nos defender e o museu está nesse contexto. Onde era uma hospedaria e agora é um museu. Às vezes é uma experiência que não me reconheço nesses espaços.

Thiago: Vamos tentar, de vez em quando o trem piora, a gente dá uma segurada. Desculpa, Alex³.

Alex: Tranquilo. Então, assim, de fato... fica um pouco repetitivo, mas no meu caso e com outras pessoas também, negros, mulheres, homens, nunca nos reconhecemos aqui. Referente a exposição, obviamente que a população afro-brasileira é sub-retratada. Como foi colocado, (o termo) "escravos", como alguns colegas bem mencionaram. "Escravidão" (seria) o termo que se utiliza, mas sub-representados e teve aquela junção de... quando sai da questão... colocar lá o bandeirantismo, bandeirantes, identidade paulista, o que é identidade paulista?⁴ E sempre remete o italiano, português, é uma coisa que incomoda, porque nós temos aqui no estado de São Paulo hoje, quase 40% da população afro-brasileira e é sub-representação, inclusive, aqui no museu da Imigração.

Então, eu acho que são questões que tem que ser pensadas. E no final da exposição, quando coloca os bairros, bairros de migrantes, acho que também é outra questão que dá uma outra discussão. Porque os bairros hoje que são ditos de imigrantes, a Liberdade, que hoje é um bairro oriental, japonês, é um bairro negro, o movimento negro está lá para reivindicar a sua presença, que foi apagada.

³ Interrupção do mediador no momento em que passou um trem na linha férrea que fica ao lado do edifício onde foi realizada a atividade.

⁴ Alex faz menção neste momento ao módulo 5.

Uma política eugenista na qual se encontra o contexto da hospedaria do museu. O bairro da liberdade é um bairro negro. A Bela Vista é um bairro negro, bairro de italiano, mas é um bairro negro e todo o processo de gentrificação e você sai lá da Liberdade dos negros, vai para a Bela Vista, a Bela Vista, vai para Casa Verde, a Casa Verde, antes das periferias da zona leste, eram os bairros negros.

Então, eu acho que tem toda uma questão também de pensar as composições sociais. Hoje tem bairros negros ali e fazer uma leitura crítica desses bairros. (Por exemplo), "Corea town", que tentaram fazer e não deu certo, que bom, porque lá tem a população latina, bolivianos, peruanos.

Luis: Little Seul.

Alex: Exatamente, a Little Seul. Toda essa questão. Acho que a intenção é pensar e como essa identidade é apagada da história de São Paulo. Essa identidade paulista que é uma coisa, o que é identidade paulista? E se isso existe, onde os não-brancos são representados? Negros e indígenas, onde que eles são representados também? Acho que é uma coisa que incomoda, enfim, acho que é um pouco disso que eu queria colocar: essa questão de não se enxergar no museu, que na minha visão, é um museu brancocêntrico, eurocêntrico.

Luis: Tentando dialogar com a questão 1 e trazendo, obviamente, as contribuições que foram feitas. Se a gente for pegar uma perspectiva. Usar uma perspectiva conceitual, toda pessoa em situação de refúgio é um imigrante, nem todo imigrante está em situação de refúgio. Então, de cara nós temos uma ausência muito grande hoje do que são os deslocados forçados e nós temos uma ausência justificada, conceitualmente, dos deslocados forçados de ontem.

Então, eu acho que a gente precisa ampliar o conceito de imigrante, desde aquela primeira... daquele primeiro, "Migrar é", quando a gente sobe a escada e se depara com "Migrar é". Eu acho que ali a gente precisa de um conceito mais amplo que traga para dentro desse escopo conceitual a população em situação de refugio, deslocados forçados do passado e de hoje.

Eu acho que um grupo que não foi devidamente retratado, obviamente, como está sendo colocado aqui, são os indígenas, é a população negra e são as pessoas em situação de refugio hoje.

Além desses grupos, eu queria fazer uma outra observação conceitual. A América Latina é uma coisa e Caribe é outra completamente diferente. A gente não poder utilizar América Latina para conceituar

povos caribenhos, são formações históricas, são formações linguísticas, são formações sociais, econômicas muito distintas. Então, por exemplo, em determinado momento se tenta falar de imigração haitiana, falando que são imigrações latino-americanas, aliás, a imigração haitiana é uma grande ausência e eu concordo com a observação que nós temos esse desafio de fazer consideração tendo em vista a natureza viva do acervo que a gente quer construir.

Eu acho que outra grande ausência é a da migração haitiana que está bastante presente nos últimos 10 anos, é uma migração caribenha e que não está retratada em nenhum momento ao longo do acervo e a terceira ausência são todos os fluxos que moram na periferia. Então, quando a gente chega na parte da cidade, me parece uma propaganda quase institucional de São Paulo. Nós temos Mooca, nós temos Brás, nós temos Bom Retiro e nós temos Santo Amaro, mas nós temos uma diversidade de nacionalidades muito grande no Grajaú, em Guaianases, em Perus, isso está muito ausente, a periferia está ausente.

Então, a produção da nossa identidade ela é retratada como algo isento de tensão e a produção da nossa cidade de São Paulo como algo isento de desigualdade, isento da produção de uma periferia urbana. Eu acho que é a questão da periferia, dos imigrantes que hoje vivem na periferia, os chamados periféricos, na periferia e eu acho que essa também é uma grande ausência e, por fim, eu sinto a ausência da questão linguística.

As dificuldade linguísticas que os imigrantes tem hoje em grande medida são as que eles tiveram 100, 150 anos antes e a questão da língua que é uma imposição, um instrumento de dominação, que faz parte da violência que é a construção da nossa identidade nacional. A questão da língua ao não estar retratado no acervo me mostra essa naturalização da construção dessa identidade nacional. Algo tipicamente paulista, mas que está embrenhado na constituição do acervo do museu. Então, haitianos, periferia, os refugiados e a questão da língua, para mim são quatro grandes ausências.

Sté: Só para esclarecer o que o colega falou, eu não estou esperando que o museu seja... que a exposição seja uma enciclopédia. Não foi isso que eu falei. Na verdade, o que eu quis dizer, o que eu falei foi da falta de retratação dos povos bolivianos na exposição, assim como você consegue pegar e ver, aqui eu vou para a casa da minha avó e eu me vejo. Cara, a gente não se vê. Então, é muito nesse lugar e eu acredito que é justamente por causa disso que a gente tem essa pergunta.

Então, a falta me ver e ver pessoas como eu contando histórias da imigração, só deixando claro isso.

Emerson: Vou tentar responder essas questões que foram colocadas aqui. Bom, migrar, imigrar, sem dizer, mostrar ou expor o óbvio do território indígena. Termina no fim da corrente evolucionista, capitalista, do trabalho assalariado, das grandes cidades? O proletariado de fato exposto na corrente migratória das grandes metrópoles. Chegaram, ocuparam sem se quer conhecer, de fato, a história dos povos indígenas do Brasil. Falta de respeito ou desconhecimento? Os dois juntos, ou o avesso à diversidade dessa região? Omama para os yanomami, Nhanderu para os guarani, estão distantes? Não. Bem mais perto do que imaginamos.

Estão felizes com o genocídio? Ecocídio? Genocídio, etnocídio, covidcídio e uma nova história? Sem os 305 povos, 274 línguas, 80 povos migrantes das grandes florestas e grandes cidades. Como os isolados na cidade grande, como São Paulo. Povos indígenas de São Paulo?

Os Guaranis, das aldeias, os indígenas da grande cidade, as correntes migratórias, por exemplo, os Guaranis que sempre existiram na história do Brasil, na história de São Paulo e continua existindo. Porque os Guaranis ainda continuam no Jaraguá e depois se deslocam para Parelheiros, descem para o litoral, se deslocam para diversas aldeias do litoral, do Rio de Janeiro, Espírito Santo, entre outros. E as diversas etnias, como os Kaimbé que vivem na cidade de São Paulo, que migraram como fruto de uma retirada de territórios da região da Bahia.

E eu queria deixar uma questão, porque eu vou discordar de que 2014, foi colocado pelo colega. Porque essa história é uma história de mais de quinhentos anos. Os povos indígenas não são retratados porque a gente tem uma ciência branca, eugenista, fruto de um processo colonial que excluía, que matava, que destruía e que contava história dos povos vencedores.

Para finalizar, eu queria dizer que, antes de mais nada, o que a precisar ter como fala, que aqui é um território dos povos indígenas e que muitas vezes a gente reivindica a história de outros povos, mas esses povos necessitam conhecer a presença dos indígenas que estavam e estão e que se espalham em muitas outras histórias. Respeito a gente tem, a gente também quer o respeito de muitos que reivindicam os seus espaços.

Luma: Acho que é muito bom ouvir vocês, porque a gente vai melhorando, fazendo outras conexões. Eu volto a dizer, porque agora está gravando. Outra vez essa questão da terra. Sinto muita ausência, toda questão indígena. Então, migração é ocupação de território com gente dentro, gente que mora aqui. Eu acho importante pensar em terra e território e pensar agora em uma questão irremediável que é a questão ambiental.

Os povos indígenas são responsáveis pela conservação... pela produção dos biomas e pela conservação. Não só os indígenas, mas os quilombolas e comunidades tradicionais. Então, seria um gancho, porque, provavelmente, eu acho que provavelmente a exposição vai retratar também um aspecto, principalmente, dessa questão ambiental. Então, eu acho que isso é legal para pensar. A arqueologia hoje fala que a ocupação indígena na América tem 20 mil anos, 20 mil para 520 anos de colonização é muito pouco tempo. É legal, mas aí tem a ver com as escolhas que vocês vão fazer.

E eu fiquei pensando em duas questões. Eu acho que... você falou que existe uma conexão afetiva, então, pensar nas experiências e na conexão do público, bem estar, conexão afetiva, talvez, justamente dessa conexão tem ressaltado as questões benéficas, as questões de, essa experiência, a memória, tudo mais, uma memória positiva e daí, essas experiências mais dolorosas, de escravidão, de deslocando forçado, foram deixados de lado.

Então, talvez seria interessante pensar em outros tipos de conexão, identificação e eu vou sugerir, sempre que me chamam puxo a sardinha para esta questão que eu estudo, que é a questão da terra e do trabalho, que eu acho que são experiências.

Outra coisa que eu tive a impressão é que tem uns aspectos que beiram a curiosidade, tipo, o que trouxe na bagagem, o que foi deixado, não sei, é interessante, mas tem que pensar um pouquinho... não, esses aspectos, mas outros aspectos que atravessam quem migra, que é a questão da terra e do trabalho.

Luis: Posso fazer só uma apartezinha.

Thiago: Sim.

Luis: E quem vem sem bagagem? Isso sintetiza muita coisa. Tem gente que vem sem bagagem, porque ela veio forçada. A bagagem é muito simbólica.

Sté: Eu queria também complementar com uma coisa que eu deixei de falar. O que eu sentia na hora que eu circulava é que eu fiquei

pensando um pouco também nessa coisa de você sair do seu território de origem e no sentido de uma certa angustia, um negócio, mas ao mesmo tempo eu fiquei pensando, eu não vejo essa angustia, porque as pessoas tem um certo glamour em dizer que é europeu e muitas vezes tem um certo olhar, não quer nem saber quem estava aqui.

Thiago: Essa questão de uma memória mais dolorosa, um memória mais de tensões.

A questão ambiental, a gente está pretendendo fazer uma exposição já no ano que vem, temporária, e como eu falei, as exposições temporárias tem um pouco a proposta de dar conta do que não está lá na exposição de longa duração. Então, a gente vai refazer, obviamente, uma revisão das nossas exposições temporárias para trazer para essa nova produção, mas, é como eu disse, o discurso mais forte que fica é a exposição de longa duração. Caio está inscrito e Suzy depois.

Caio: Então, a gente vai conectando, inclusive, tem uma conexão com o que ela (Luma) mesma falou, dessa ideia de terras, não tem nenhuma menção a criação da lei de terras no Brasil e isso tem a migração como aspecto central também. Não só, mas também, sobretudo por uma reivindicação nacionalista, de uma elite nacionalista que era contra a doação de terras para imigrantes, porque os imigrantes seriam concorrentes e não uma mão de obra para ser explorada nas fazendas e a lei de terra atinge a migração de uma maneira muito forte.

Passando um pouquinho por um período mais contemporâneo, mas com um diálogo, do período que o museu trata, tem uma passagem muito interessante na parte da cidade, foram criados edifícios para os imigrantes morarem. Sim, foram, as vilas operárias eram pouquíssimas em São Paulo, era para uma certa elite migratória e a grande, o grosso dos imigrantes em São Paulo moravam em cortiços que era uma disputa pela terra, era uma terra urbana criada sem nenhuma regulamentação desde então. Era simplesmente a compartimentação de chácaras por empresas privadas. Muitas... é aquela coisa, muitas empresas e proprietários eram migrantes anteriores, italianos.

Então, como essa identidade imigrante vai se cruzando com outras e que são espaços que até hoje os imigrantes que chegam na cidade de São Paulo, os imigrantes, sobretudo, indesejados e tudo mais, residem. Então, não à toa, muitos bairros, continuam sendo bairros de presença migratória muito forte.

O Alex, por exemplo, citou a Liberdade, a Liberdade, a Baixada do Glicério é um espaço. Quando cenários migratórios estão mudando no Brasil e você vai tirando foto da Baixada do Glicério, por exemplo, aqueles grupos vão sendo representados ali muito em função das condições de moradia. Era um espaço, por exemplo, de uma presença indígena muito forte também que foi invisibilizada por completo, em termos de... eu acho que essa coisa da terra, da disputa. Muitos migrantes moram, com ocupação de moradia que é uma questão central da cidade e que são reflexos que vem dessa ideia de terra. Enfim, para passar para a outra questão, o quem, que é o que a pergunta faz, eu acho que também cabe uma reflexão. Digamos é problema do museu como ele vai fazer isso, mas como representar, porque pode ser que você represente grupos e pessoas, mas de que maneira isso vai ser feito?

Isso, às vezes, acaba sendo mais ofensivo e talvez prejudicial do que, efetivamente, não representar. ambos são problemáticos e puxando um pouco a sardinha, digamos, para um olhar mais geográfico, o onde representar, o Luis já falou. É fundamental esse olhar para as periferias que também conectam passado e presente, porque a ideia é que esses migrantes ficaram no centro de São Paulo no século 19, 20. Sim, a grande maioria, sim, mas já existiam registro de imigrantes morando em bairros, do que era, então, periférico, na época. Depois uma migração interna que passa a ocupar essas periferias e hoje os imigrantes...

Também existe uma linha do tempo de quem representar, como e onde esses grupos estão e dentro desse onde, aí eu senti falta, talvez entrando em alguns outros espaços, de outros espaços mesmo de presença migratória. Não só de uma presença passiva, mas existem várias festas que os migrantes fazem hoje, existem feiras, existem centros culturais, existem manifestações musicais que tensionam um pouco a ideia de uma identidade paulista já formada e puxa para uma ideia de identidade sempre em construção e que esses migrantes estão construindo a nossa identidade. As reivindicações históricas e as lembranças, elas passam a reconstituir. Vamos sim identificar isso e eu acho que daí outras práticas mesmo vão surgindo para transitar entre somente duas narrativas da migração que é o heroico ou a vitimização, mas tentar tratar de uma maneira complexa todas as tensões que existem.

Por fim, prometo que é o fim mesmo, eu senti um pouco falta de um tensionamento sobre uma ideia de fronteiras, porque eu acho que a

fronteira, hoje, talvez, seja um dos espaços mais conflituosos para migração. Aparentemente a gente não tem uma fronteira México-Estados Unidos, tudo bem, a gente não tem naqueles modos, mas a gente tem uma proliferação de fronteiras para outros meios que é a dificuldade com documentação, a chegada que era, por exemplo, da imigração haitiana que não está retrata e que vinha de uma forma muito precarizada, com ônibus, com aliciadores, de uma migração que cruza todas as américas, saindo do Brasil e indo para os Estados Unidos, extremamente violenta. Então, eu acho que esse tensionamento que é a ideia de fronteira nacional desencadeia, as questões que ela desencadeia para a imigração também senti um pouco ausente.

Suzy: Bom, eu queria dizer que eu estou me sentindo super contemplada aqui com as falas de vocês. Eu acho que tem algumas questões que quando eu visitei a exposição pela primeira vez, eu tinha visitado a exposição anterior antes, e eu me recordo que foi bastante impactante para mim aquela primeira sala que se fala sobre os processos de imigração e o quanto que várias populações do planeta migram constantemente há séculos. Essa mudança de perspectiva para mim foi muito impactante naquele momento e na sala seguinte, quando finalmente falaram sobre as populações indígenas e as populações negras, mesmo que essa representação não tivesse... não nos contente, mas alguém tinha lembrado que aqui tinha populações antes de virem essas massas de imigrantes no século 20, 19, 20 e das populações negras.

É engraçado que todas as vezes que eu voltei... engraçado, não é engraçado, é trágico, que todas as outras vezes que eu voltei ao Museu da Imigração, cada visita que eu faço parece que a lacuna da ausência vai se alargando, eu vou percebendo mais ausências. Nesse sentido, eu, pensando nesse processo que os colegas trouxeram, as populações indígenas, do processo migratório de 500 anos atrás, de sair do litoral e da interiorização, então eu acho que esse processo migratório que veio muito antes do século 19, século 20, eu acho que é um ponto de partida também.

É um dos pontos de partida possíveis e, as vezes, a gente precisa trazer, necessariamente, as respostas ou os relatos, mas trazer os questionamentos mesmo desse processos.

E que território é esse? Quem aqui habitava? Quais eram esses povos? Se fala muito que eram povos nômades, mas não se problematiza esse próprio conceito de nomadismo e a relação que isso tem também com

os processos de imigração e eu me lembro bastante que um professor me disse em uma das aulas que essas populações que vieram no século 20, principalmente, nos períodos de guerra, eram populações extremamente empobrecidas ou que tinham perdido tudo por conta da guerra ou que eram perseguidas, como as populações ciganas, e que aqui, na exposição do museu da imigração, apesar de alguns momentos a gente ver que se fala sobre escravidão e tudo, a sensação de que a gente se vê na novela, na novela das seis, na novela das nove, especialmente naquela sala da Mooca, do Brás, eu falei, "Gente". Essa sensação que eu tenho e naquele paredão dos sobrenomes também, porque a gente tem ali diversos sobrenomes, provavelmente associados a documentação do...

Thiago: Da hospedaria.

Suzy: ...da hospedaria, mas também pensando nas próprias pesquisas que o museu vem desenvolvendo ou pesquisadores de fora que tem acesso a documentação do museu, tensionam também, fazem essa correlação com outros museus que abordam a temática.

O próprio conceito de documento. Quantos de nós tem o privilégio de ter um documento que comprove a nossa estadia nesse território, a nossa vinda. Quantos de nós somos considerados pessoas que podiam ter um documento de identificação. Então, nesse sentido eu acho que aquela sala que tem aquelas gavetas, que trazem essa documentação, esse registro das idas, das idas e vindas dos povos europeus, também isso precisa ser tensionado, ser questionado, os nossos ancestrais vinham com registro de compra e venda e olhe lá, quando existia esse registro. Os povos indígenas, os povos quilombolas hoje tem que comprovar com documentos algo que sempre lhes foi negado: o direito aos territórios originários ou aos territórios que eles ocupam há algumas décadas ou séculos.

Então, acho que tem muitas lacunas e a gente tem muita documentação museológica e arquivística que dá conta dessas lacunas que, talvez, nunca vão dar conta de responder tudo, obviamente, nesse sentido, pensando nos trabalhos que a gente faz de museologia comunitária junto com as comunidades que trabalham com patrimônio e com memória, é importante o museu também ter esse diálogo com essas comunidades, porque talvez aqui não haja tempo e espaço para falar de forma mais aprofundada sobre a comunidade boliviana, mas existem espaços que essa comunidade está atuando, que está preservando as suas tradições culturais e nesse sentido a gente não traz bagagem física, mas a gente traz as nossas bagagens culturais

que são imensas. Acho que a cultura imaterial também é algo que precisa estar mais presente, pensando nessas ausências e essa ponte, essa atuação em rede com essas comunidades, eu acho que potencializa o trabalho do museu, já que ele, por si só, não vai dar conta.

Então, eu acho que essa atuação mais próxima a essas comunidades imigrantes é fundamental e também com o próprio Memorial da América Latina que também tem uma programação cultural bastante intensa com várias populações e as populações nordestinas que a gente tem populações majoritariamente negras que tem ocupado tanto as periferias aqui de São Paulo, da região metropolitana.

Eu moro em Guarulhos. A população nordestina é imensa e a gente também tem atuado nos trabalhos de base comunitária a partir da temática da migração para o sudeste. Então, eu acho que é um potencial muito grande também do museu fazer... compor essa rede, na verdade, já que nem nós que trabalhamos nas comunidades, nem o museu da imigração, ninguém vai conseguir fazer um trabalho total, ninguém vai ser uma enciclopédia, mas a ação em rede tem potencial muito grande e aproveitando essa tecnologia que não dá conta de tudo, mas ajuda.

Thiago: Sim, vai abrindo. Eu acho, que no geral, a gente já comentou um pouco a segunda questão, se alguém quiser voltar, que são os âmbitos da vida, a gente vai falando, trabalho, que tipo de trabalho. No nosso aquecimento aqui foi mencionado que até o trabalho é muito limitado, a forma como o trabalho é mencionado na exposição, que daria para explorar outras formas de trabalho, mas eu vou aproveitar e passar para Letícia e eu também gostaria de sugerir que a gente fosse para essa outra pergunta que é, "De que maneira o acervo museológico está acionado dentro da narrativa expositiva?." Letícia, a fala é sua, mas queria já sinalizar que poderia ir avançando para essa outra questão.

Letícia: Legal. Acho que eu vou me concentrar nessa pergunta. Acho que de maneira muito pontual, eu responderia: uma loja Tok & Stok. Quando eu entro na exposição, sobretudo naquele módulo onde está retratada a hospedaria, que é grande parte do acervo daqui do museu, tem muitos objetos que foram utilizados durante o período que o prédio funcionou como essa hospedaria e também os outros órgãos públicos que foram funcionando. Tem muito material, por exemplo, de escritório que não eram da hospedaria, mas eram desses órgãos depois e que não é feito esse tipo de análise de quando é esse objeto, por quem

esse objeto foi utilizado, mesmo peças, objetos mais recentes, contemporâneos quanto os objetos mais antigos.

Então, eu sinto que o objeto não é entendido como um objeto museológico, ele é entendido como um cenário. O objeto ali é apresentado de uma forma sem muita crítica e isso me incomoda muito. Porque esse museu tem um potencial incrível de pesquisa, existem muitos pesquisadores que já se dedicaram a temática da imigração e os objetos conseguiriam contribuir enormemente para fomentar esse tipo de questionamento, até essa ausência de grupos que existem.

Eles não estão representados por que não tem acervo? A gente não tem, por exemplo, uma representação tão internalizada de comunidades indígenas, porque a gente não tem acervo indígena? Onde que estão esses acervos? Por que que o museu não faz uma parceria com a museu Afro e traz a materialidades dos afros para cá para a gente problematizar essa materialidade a partir da perspectiva da imigração também? Então, existe essa dificuldade, eu entendo essa limitação da temática do acervo, mas, enfim, a gente não pode usar isso como uma muleta. "Não vamos tratar sobre, porque não temos objetos, os objetos que a gente tem a gente coloca como mero objeto figurativo".

Então, eu acho que precisa, do meu ponto de vista, claro, nessa nova reformulação da exposição, olhar para esses objetos de uma forma que a gente consiga entender quais foram as pessoas que usaram ele e até a ausência de objetos. Você comentou sobre bagagem. Eu me lembrei de um objeto muito icônico que faz parte do Museu da imigração da França que é um celular. Assim, os imigrantes, hoje em dia, a primeira coisa que eles querem fazer, o primeiro item de necessidade que eles precisam comprar é o celular para tentar se comunicar com a família, para avisar que chegou, está no mundo. Eu estou aqui com o meu celular na mão e esse tipo de objeto contemporâneo não existe aqui no museu da imigração, "Mas é um problema, existe uma grande dificuldade em você fazer salvaguarda de acervo, você precisa de espaço, você precisa de dinheiro", mas por que não pensar em uma política de empréstimo?

Eu sei que há muitos anos o Museu da Imigração vem fazendo, inclusive, participamos muito disso de... pesquisas de história oral, de conversar com essas comunidades. Por que, então, não fazer uma campanha de acervo com essas pessoas que existem com esse contato e colocar esses novos acervos nessa nova exposição que vai ser

reformulada e mesmo olhar para esses acervos que eram da antiga hospedaria e qualificá-los com novos questionamentos, novas perguntas.

Enfim, eu não me... eu gosto muito da exposição, porque eu acho ela muito... ela é muito atrativa, ela é muito sedutora, eu já cheguei a estar aqui na exposição, sobretudo, nas salas que contam essas histórias do bairros paulistas, eu já vi pessoas dançando, as pessoas se envolvem, mas falta essa crítica.

Dentro da minha pesquisa, uma temática que eu quis abordar, mas que eu acabei não abordando, eu fui desaconselhada, era pensar sobre emoção patrimonial, o sentimento das pessoas em relação aqueles objetos que elas estão carregando. Por que que o imigrante vem com determinada coisa? Por que que o imigrante vem sem nada? O que eles trazem nas bagagens e o que eu sinto é que aqui até mesmo as bagagens são colocadas como mera decoração naquela sala que a gente passou, não lembro agora o nome, tem aqui do lado esquerdo da parede algumas bagagens, aquilo é decorativo, não sei se vocês têm as imagens.

Luis: Isso, as malas estão ali atrás como mera decoração e eu acho que é um objeto tão potente, porque ali você traz a sua vida, ali você traz a sua história vida, ali você traz o que você vai deixando para trás e como você coloca uma exposição sobre imigração, as malas nessa expografia, eu sei que é uma escolha, claro, mas, enfim, eu não escolheria representar uma bagagem que eu acho que é um objeto tão potente dentro de um museu de imigração dessa forma tão escantilhada, literalmente.

Eu sinto falta de histórias de pessoas. Na sala onde tem aquelas esculturas de formas de pessoas, a gente não vê o rosto daquelas pessoas. Eu sinto falta de ver gente aqui dentro, de ver histórias, mesmo essas imigrações consideradas mais tradicionalistas, de italianos, espanhóis, eu sinto falta de ver gente e de ter essa conexão das pessoas com os objetos, porque isso que dá sentido dentro de um museu. Eu acho que é muito problemático esse tipo de ausência.

Alex: Perfeito, acho que são duas dimensões, talvez sintetizando a fala dos colegas. Tem uma perspectiva histórica e uma contemporânea. Acho que na perspectiva histórica, vou, novamente, falar da questão negra. Eu acho que a gente também tem que pensar conceitos, a escravidão pode ser uma migração? No meu ponto de vista não. A gente vai romantizar o processo, os meus aqui não vieram imigrante para o Brasil, eles foram açoitados pela força de trabalho que construiu

o Brasil e não foram reparados até hoje. Então, aí que está essa questão, imigração versus escravidão, por isso que eu não gosto dessa frase clichê, "somos todos imigrantes". Acho um baita de um clichê, porque se hoje o Brasil tem 54% da população afro-brasileira e os antepassados da população afro-brasileira não foram imigrantes, eles eram escravizados. Então, a gente não pode romantizar o processo. A gente tem uma questão de conceitos que eu acho que talvez o museu possa... por isso que eu falo que eu me reconheço no museu Afro, o museu Afro me representa, não só a mim, mas a população negra no geral.

Então, se a gente for pensar no ponto de vista de escravizados, as lutas também, sejam as abolicionistas, também as revoltas das senzalas, saudoso Clovis Moura, a grande intelectual, as grandes revoltas, não um sujeito passivo, aqueles quadros do Debret, mas sujeito trabalhando na luta contínua.

Então, essa perspectiva histórica e contemporânea, como eu falei, que vieram escravizados, não na condição de migrantes. Essa questão dos registros, aí também é doloroso também estar no museu. O museu também é um espaço de dor para nós afro-brasileiros, porque nós não sabemos de onde viemos. É fácil para quem é branco falar, o meu pai é italiano, minha bisavó é polonesa, português, sei lá o que for. Os nossos registros foram apagados, o estado brasileiro apagou o registro para não pagar indenização, reparação histórica, não pagou reparação. Então, nós não sabemos de que parte viemos da África, isso é doloroso. A violência do estado brasileiro está aí, não sabemos de onde viemos. Então, quando eu vejo aquele quadro eu até comentei com o Thiago, os sobrenomes, eu falei, "Cara, isso é violento, é horrível isso aqui". Para alguns está resolvido, mas para nós não está resolvido. A gente está cobrando reparação até hoje, tem grupos na OAB que cobram reparação até hoje.

Quem foram os que se beneficiaram da escravidão? O meu sobrenome, por exemplo, não gosto de falar muito de mim, enfim, eu sei, é uma família que escravizou os meus antepassados no sul de Minas. Então, muitos dos sobrenomes da população afro-brasileira foram atribuídos por brancos que tiveram negros como escravos. Então, por isso que eu não gosto, de olhar para aquele ali: "meu sobrenome é italiano?, eu sou português?", sei lá, não. A gente está falando de 54% da população afro-brasileira e como que a gente resolve essa questão? Não tem registro, o estado apagou o registro para não pagar indenização, então a violência do estado está aí. O museu é um espaço de dor e é doloroso

estar aqui, é doloroso também estar nesse espaço de uma política eugenista de embranquecimento.

E pensar na questão da migração africana contemporânea e como eu falei, essas duas dimensões, histórica e contemporânea. O estado brasileiro proibiu africanos de entrarem no Brasil no pós-abolição, teve todo um conjunto de decretos, normativas institucionais que impediram a vinda de africanos para o Brasil. Política de embranquecimento.

Só foram entrar no Brasil em meados da década de 60, um tema que eu tenho trabalhado no doutorado, que eu venho falando ao longo dos anos. Então, você tem essa questão, essas políticas de embranquecimento e qual que eram os interesses do estado, da elite política ou empresarial também?

Trazer essa migração contemporânea e, por fim, acho que é pensar nessa migração contemporânea, estou falando dos africanos, os negros no geral, pensar acho que do ponto de vista de perfis diferenciados. Porque nós temos uma classe média, uma classe média alta, eles que são colocados em situação de vulnerabilidade, eu não gosto de falar são vulneráveis, não, porque a gente acaba racializando o processo migratório como se fossem, tivessem nessa condição, temos perfis diferenciados.

Então, são questões, enfim, são desafios para o museu, dar essa oxigenada, essa mudada, mas é o que eu falo... enfim, vou ficar repetitivo... Fizemos eventos no mês passado (aqui), mas para mim tinha mais significado falar lá no museu Afro ou em outro espaço. Eu até tinha falado com os colegas sobre o evento do mês passado⁵, mas enfim foi feito aqui, bacana, um lugar super plausível, o museu está de portas abertas para receber também, ouvir também, fazer uma autocrítica, mas acho que é uma questão, esse gap, é o que eu sempre falo, Museu da Imigração é um museu da branquitude brasileira que ignora 54% da população afro, minha opinião, obrigado.

Thiago: Eu acho que a nossa última pergunta também está sendo trabalhada de alguma forma. "De que maneira a diversidade é retratada na atual exposição?"

Luma: Queria só complementar umas coisas que eu pensei, uma é a questão da bagagem. Tem um vídeo, do Vídeo das aldeias, um documentário que os Paraná fizeram sobre eles, sobre a experiência

⁵ Alex se refere à abertura da Semana da África 2022, realizada no dia 23 de maio de 2022 no auditório do Museu da Imigração.

deles⁶. Eles foram deslocados forçadamente da área de origem para o Parque do Xingu e é muito comovente, é muito triste, muito violento e eles dizem que eles não conseguiram nem levar sementes de feijão e de abobora. Então, a bagagem deles era essa, que foi cultivada a milênios por conta dessa questão do trabalho, trabalho agrícola, trabalho de cultivo e nem isso eles puderam levar. Então, acho que é interessante pensar na bagagem como não só como bagagem física, mas outras questões, outros objetos, outros dados, outros conhecimentos.

O Alex falou isso dos conceitos, eu acho que é importante pensar, imigração, apropriação de terras, migração forçada, escravização e, vou ser repetitiva, consegui chegar nisso agora: para que essa população imigrante fosse acolhida tem que ter um rearrajando das populações indígenas aqui e é um rearranjo forçado. Esse rearranjo gera, com a lei de terras, tem um apagamento étnico, depois da lei de terras. A gente tem Estados como o Ceará falando que não tem indígenas no território, para liberar essas terras para o mercado. Então, o que acontece? Quais são as consequências dessas populações que habitam? Acho que é importante falar esse tipo de coisa. É isso.

Mais uma coisa, para pensar, depois, nos pós 1988, com esse fortalecimento étnico, na criação das terras indígenas também, como que migrantes e como que povos indígenas no Nordeste começam a se reconhecer também como povos e reivindicar terras. Tem um ponto que eu acho que eu não falei ainda, que talvez não tenha ficado claro, eu lembrei com você falando, da comunidade, que essas migrações elas fragmentam a comunidade, então, tem impacto na identidade que é uns temas...

Thiago: Fragmentam comunidades desde a origem?

Luma: Desde a origem. Transformam um trabalhador em pó de estrelas, como eu falo, e daí essa dificuldade também de propor um outro modo de vida que não seja o capitalismo, que não seja mão de obra barata.

Thiago: Olha, a gente está encaminhando para o horário que a gente combinou, eu proporia para quem já levantou a mão, continue levantando para anotar aqui e até a última pessoa falar.

⁶ Referência ao filme “De Volta a Terra Boa” (2008):
<https://www.youtube.com/watch?v=pOFuQEJxUJ8>.

Ricardo: Só pensando nessa questão de forma, o acervo estar acionado dentro da narrativa, eu estou pensando nesse nosso encontro como um encontro que vai gerar subsídios para que uma outra equipe futuramente leve tudo isso e transforme isso em uma exposição.

Então, pensando de uma maneira, tentando trazer todas as discussões, mas para um olhar mais prático e técnico, eu concordo com a Letícia, completamente com o que você falou, à primeira vista, para mim, foi um setor, esse museu e aquela sala do cotidiano é muito sedutora e eu não tenho problema com cenografia em museus, eu acho que o museu tem espaço chato, cafona, decrepito, antigo, desatualizado, desconexo, é analógico. Eu acho que o museu é um produto do nosso tempo, tanto é que a gente está trazendo para a questão da migração questões múltiplas e as questões múltiplas podem ficar, devem estar presentes na temática, no discurso, nas discussões que o museu apresenta, elas também têm que ser traduzidas de forma com a gente vê o mundo hoje. Eu não vejo problema com cenografia, nenhuma, desde que ela não seja completamente descontextualizada que é o que a Letícia falou, é uma loja da Tok & Stok, são objetos que... uma das coisas que eu fiquei procurando é onde estão a legenda daquilo mobiliário, no canto da parede...

Luis: Não tem numeração...

Ricardo: ...uma parte escura.

Ricardo: Não, não consegue, está no canto da parede, olhar para uma legenda e procurar o que está naquele paredão grande. O problema é quando traz um objeto dentro do espaço museológico tentando contextualizar ele com a temática e a coisa não dá certo, que foi obviamente ali. Ali eu não sei se foi uma tentativa de transformar... na verdade, essa exposição é uma exposição bem cenográfica, essa coisa de construir os módulos com madeira, com madeira de lei, com ferro, com materiais que remetessem ao prédio, a hospedaria, a questão do trem, ela é um museu bem cenográfico.

Ali é o grande choque da exposição, ali é o grande momento da exposição e tudo está ali é muito cenográfico, aquela vitrine de gavetas... Hoje, de novo, procurando a legenda que explique que gavetas são essas, que documentos são esses, porque tem letras que, para mim, são bem difíceis de ler. Então, tem casos que eu não consigo ler, outras não estão nem em português. Então, de novo, a réplica, a reimpressão do acervo estão ali expostas de forma meramente decorativa. Não que isso seja um problema, mas esse espaço proposto seja esse, tipo uma... e a partir dessa decoração, dessa instalação,

dessa cenografia, tu mesmo faças as suas reflexões. Uma obra de arte, por exemplo, não precisa ter um texto do lado explicando o que ela significa, as pessoas fazem a sua leitura a partir do seu universo. É possível? É, mas se o artista quisesse fazer uma leitura da sua obra, ele pintava, não escrevia. Então, geralmente, uma obra de arte te possibilita isso, as pessoas precisam ter também os seus repertórios para fazer essas leituras, mas não é um problema, é que nessa exposição é meramente... o objeto está ali meramente decorativo. Claro, é um objeto, que eu volto a falar de novo, ele é um acervo que fala de que processo migratório?

Porque a gente está falando de um processo migratório, pensando a partir de uma hospedaria de imigrantes focada no alemão, italiano, no polonês que vieram para cá em uma versão romantizada dos processos migratórios, a gente vai dizer assim, está ótimo. Imagina, todo imigrante ter contato com rádio, todo imigrante ter contato com essa cadeira, não. Nem todo imigrante teve.

Como todo mundo falou, nem todo imigrante vem com bagagem, nem todos saem do seu país com bagagem ou leva a sua bagagem. O outro lugar que tem acervo começa a apresentar o primeiro acervo, eu acho que é o final da sala Leis, quando fala da hospedaria, que eles chegavam aqui e primeiro faziam registro, depois passavam por inspeção sanitária, dentista e tal, para mim, o objeto está ali em vitrines bem espaçadas, a gente está falando de médico, o que tem de médico na hospedaria? Pega uma pinça, é, de novo, uma decoração e só para pegar um gancho, já que a gente está falando de acervo e pensando que o acervo não é só decoração, o acervo também é leitura de toda uma temática, ele contextualiza o que está sendo apresentado, ele ou a ausência dele, pode ser questionada também para contextualizar o que está sendo apresentado.

E pensando que tudo isso que a gente está falando é pra a construção de uma nova exposição, há uma série de erros com relação a toda comunicação visual da exposição. Muitos textos e muitos textos com letras muito pequenas. E que fiquei me questionando: por que tem, além do português, o espanhol e inglês, se é um museu da imigração? Porque a gente está pensando em outras populações... em outros, um estrangeiro, um estudante, então, de repente, contemplar um polonês, um alemão, um italiano, tudo isso faz parte do processo migratório que passou por aqui. Eu estou dizendo porque esses textos em português, em inglês, espanhol, eles tiram muito espaço do texto em português que é

pequeno e tem todo um problema que aí já não é só de texto, é de alguns erros, tem um grande problema de acessibilidade. Texto em cima de imagem, em cima de imagem, os objetos daquela sala, perto do projetos, espaço do café, tem objeto que é impossível enxergar naquela parede, eles são completamente apagados, eles podem estar ali, objetos de trabalho e de uso doméstico. Eles são completamente apagados.

De novo, a gente percebe que é um grande esforço cenográfico que em um primeiro olhar ele é muito bonito e muito sedutor como a Leticia falou, depois eu completo com o que a Suzy falou, a cada vez que eu volto para essa exposição, começo a visitar essa exposição, vou percebendo... as lacunas vão ficando cada vez maiores e aquilo que era sedutor... é a primeira coisa que tu percebe quando entra no espaço e aí a questão do acervo para mim, sempre foi esse mero teatro e não tem contexto nenhum.. ele tem contexto para quem tem um repertorio e quem se identifica com aquilo, fora disso.

Luis: Eu concordo bastante com essas questões de acessibilidade, eu estava comentando com uns amigos e vários textos são muitos difíceis de ler, estava muito escura a sala. Eu até fico me questionando porque que o museu é tão escuro, uma vez que a gente está falando de um processo extremamente vivo, extremamente colorido, extremamente diverso. Quê caráter soturno que quer se tornar presente nesse fenômeno. Eu acho que o museu não precisa ser tão escuro como ele é.

Questão dos conceitos, nós precisamos reforçar a ideia de que migrar é um direito, isso tem duas dimensões. A primeira dimensão é do direito formal, nós temos uma nova lei de migrações desde 2017. A pessoa vai entrar no museu e vai sair do museu e ela não vai ter noção disso. Ela não vai saber que existe uma legislação migratória, que os migrantes tem direitos, que a legislação anterior era do período ditatorial que confundiu migrante com uma ameaça à segurança nacional, estabelecia diretamente que ele era uma ameaça, que a lei atual ela tem um caráter humanitário, ainda que cheia de problemas. Então, eu acho que a gente precisa sedimentar que o estado tem dever e que o migrante tem direito.

Acho que essa é uma questão importante, a outra questão é, existe de migrar e dever ser salientado o direito de não migrar. Deve ser salientado o direito de permanecer aonde está e isso faz muito parte dessa narrativa ausente do refúgio. Temos o direito a migrar, mas também devemos ter o direito a não precisar migrar, não ser deslocado

compulsoriamente, forçadamente. Então, essa é a dimensão da questão, eu fiquei observando as crianças no museu, me parece que o principal público do museu são as crianças e quando a gente pensa em um ambiente escuro, em um ambiente cheio de problemas do ponto de vista do acervo que só dialoga com um perfil específico da população paulista. Eu acho que a gente está tratando mal as crianças que vem aqui e a gente precisa pensar mais criticamente isso. De repente uma linguagem mais colorida, uma linguagem mais acessível, colocar outros sobrenomes que não apenas o que estão nos registros, nós precisamos eliminar essa confusão de um lado, o registro da hospedaria e de outro lado um museu que se pretende estadual. Este não é o museu da imigração. Esse é um museu da hospedaria e eu acho que isso precisa ser pensado criticamente.

Ricardo: Então a história da migração passa por esse contexto que você falou.

Luis: É.

Ricardo: Por isso que ela é tão cheias de lacunas.

Luis: Esse é um museu da hospedaria, não é o museu da imigração do estado de São Paulo, cadê os árabes? Cadê os africanos? Cadê os indígenas? Os portugueses não estão aqui, porque não foram trabalhar na lavoura, foram trabalhar na cidade. Gente, os portugueses, sem nenhum julgamento de qual é o mais importante, mas vários fluxos importantes estão ausentes. Então, eu acho que isso também precisa ser pensando criticamente, claro que não inviabiliza a importância que o museu tem, mas a construção de redes, eu acho que é fundamental, rede com o museu Afro, rede com a casa japonesa, com a casa latina americana, com o Memorial da América latina. A gente precisa construir redes para tentar, de alguma forma, preencher esse vazio identitário que existe aqui.

Alex: Só para... coisa rápida, bem interessante a observação do Felipe, das crianças também, porque eu também... até comentei com o Thiago, eu fiquei imaginando as crianças de escolas públicas, em grande parte de periferia, de parte não-brancas, o que é passado? Procure o seu sobrenome aqui. E aí? Já não vai se reconhecer, uma grande falha, uma criança de escola pública, em grande parte de periferia, não-branca, com todo esse histórico que nós falamos, de não sabermos as nossas próprias histórias, sobrenomes que foram atribuídos pelas pessoas que escravizaram e vai procurar lá o nome de italiano, sei lá o que que apareça ali. Então, enfim... com quem que o museu quer dialogar? Qual que é o público que o museu quer dialogar?

Quem que é o público do museu e está dialogando de que forma? Acho que é uma questão central. Obrigado.

Luis: Vocês vão fazer esse tipo... não, exatamente nesse formato, claro, vocês vão convidar crianças para escutar o que elas têm a dizer sobre a exposição?

M1: Então, essa é uma questão colocada nesse momento para a equipe. A gente está pensando na melhor maneira de fazer isso, mas a gente acha que esse formato aqui, por exemplo, não funcionaria. Então, a gente junta a equipe educativa e também está pensando em uma forma de fazer esse processo de escuta. Esse processo de acompanhar a visita, mas a gente acha que esse formato aqui não funcionaria, mas a gente acha fundamental ser escutado. Eu vou passar a palavra para Emerson.

Emerson: Bom, primeiro, eu não sei... mas uma questão que eu sempre aponto, que o meu trabalho de pesquisa do mestrado. Foi tratada a questão dos indígenas na metrópole e uma parte do mestrado, eu acabo falando um pouco sobre a hospedaria e o agenciamento da hospedaria, como a hospedaria serviu aos anseios do capital. Aqui era o local onde se agenciava grupo de pessoas, porque fica explícito em umas das falas, que era o local onde se pegariam os dados da pessoa e ele teria um destino, uma agência e por de trás dessa agencia existia pessoas ligadas a política, ligadas ao governo, existiam uma série de pessoas que estavam loteando os terrenos em determinadas regiões, tem até um ou dois mapas que eu uso. O primeiro mapa que eu colocaria na exposição sobre parte do território que era Kaingang e que me parece, assim, a propaganda que foi feita pela hospedaria, pelo estado, era uma propaganda de um território sem ninguém, completamente despovoado. Então, depois que eu comecei a fazer o meu trabalho e contei um pouco até da minha trajetória daqui dentro da cidade, porque a minha família ela veio para cá na década 60 e veio morar dentro de um... como que é nome? Alguém falou aqui...

Várias vozes: Cortiço.

Emerson: ...cortiço na região de Mauá, eu perguntei para o meu irmão, na minha pesquisa, mas como que era viver no cortiço naquela época? Ele falou, a gente não era indígena, a gente era alguém que veio como parte da pobreza e da violência que existia aqui, chegar em uma região onde você precisava trabalhar para sobreviver, quer dizer, aqui é um local também que as etnias acabam se perdendo, na grande metrópole,

porque o objetivo final é transformar você em um proletariado, assalariado e alguém que vinha atender aos anseios.

Por outro lado, nessa região onde eu estudei, que a minha família acaba se deslocando, é a região de Bauru, na verdade, são 30km de Bauru, uma aldeia chamada Povoação Indígena do Araribá que hoje tem quatro aldeias, uma é Queria, Copenoti, que são do povo Terena que vieram da região do Mato Grosso do Sul justamente porque no período da gripe espanhola, em 1919, diga-se, trazida pelos diferentes processos de migração, vamos dizer assim, que acabou criando uma estação de trem que saia aqui da estação da Luz e que terminava dentro da aldeia. Nessa construção, quase 300 indígenas morreram de gripe espanhola e as pandemias são algo que os indígenas, por isso que eu disse etnocídio, não só covidicídio, mas as pandemias, em geral, sempre foram grandes problemas, principalmente para os indígenas daquela região. A maneira como essas estações de estrada de ferro acabaram também sendo parte do processo de migração e violência que acho que a gente precisa entender um pouco do que está acontecendo na atual conjuntura.

É justamente porque a gente está vivendo no século 21 um momento de integração de um novo modelo de integração do índio a sociedade brasileira. São Paulo foi um exemplo de massacre na história dos povos indígenas e me parece que São Paulo é um exemplo a ser seguido pelos outros estados nesse momento. O que está acontecendo nas outras regiões, no norte, nordeste, citado aqui, é fruto muito desse processo que São Paulo construiu de matança e morte e de apagamento da história. Por onde a gente circula aqui, a gente não vê referências aos povos indígenas, não é o museu do Imigrante que não diz isso, é nenhum museu, quase nenhum, em raras exceções. Então, nesse sentido quero dizer que a gente caminha para um diálogo, eu acho, pelo menos, que eu acho que a gente já começou há um bom tempo fazer, é que a gente precisa, de fato, escrever outras histórias. No meu trabalho de mestrado tem muito disso de fazer uma própria crítica a história, acho que é o que a gente faz, uma contra história, tem a história, existe uma história pegar outra história, uma história vertical dos grandes heróis que chegaram, se instalaram e que transformaram e que fizeram as pessoas virarem povos da cidade ou não, que ocuparam territórios, que ganham a vida, de certa forma, ascenderam economicamente, mas o que eu estou querendo dizer aqui que é interessante esse diálogo porque a gente está em uma história horizontal, que são outras histórias, existem outras histórias e essas outras história talvez seja um campo interessante de discussão para

novos campos de pesquisas. Porque os povos indígenas carecem e estão fazendo justamente esses diálogos com outras narrativas, outras histórias e até uma crítica a própria história. Só isso.

Caio: Eu vou tentar ser bem objetivo por causa do tempo. Só voltando na primeira questão de quem não estava representado e que me veio. Eu tinha pensado, depois, e não falei, que eu acho que são as migrantes, refugiados LGBTQIA+ porque não só... acho que se tratar de um interseccionalidade hoje muito importante, mas também por conta dessa condição, muitas pessoas terem que sair dos seus países e se tornarem refugiados, refugiadas e eu acho que isso é um ponto que vem crescendo. É importante de ser lembrado.

Duas ideias que eu pensei, talvez, pensando nessa parte de acervo e tudo mais que muitas vezes, bom, não entendo nada de acervos, então, qualquer coisa... mas pensando nos acervos que os próprios imigrantes poderem criar, lembrei de duas coisas.

Uma é que foi em um museu que eu vi, latino americano em Nova Iorque. Eram jornais, pequenos jornais que todo mundo podia pegar, que chamavam "Obituário do sonho americano", histórias contadas por imigrantes quando eles sentiram o sonho americano morrer para eles⁷.

Era muito interessante, porque tinham várias experiências de diversos tipos. "Foi quando eu encontrei a fronteira", "foi quando o meu familiar morreu no país de origem e eu não pude visitar, porque ele estava irregular", "foi porque um parente morreu na travessia ou um caso de racismo, xenofobia" Eu acho que talvez seja uma forma de diversificar as histórias. Enfim, os obituários, vamos pensar, poderiam ser vários, os obituários da integração, os obituários da democracia racial, os obituários diversos que poderiam se pensar.

E o segundo que é o que o Thiago conhece e que foi trabalhado pela gente no Imobilidade nas Américas, é mapa polifônico que eu acho que seria um jeito também de trazer sotaques e vozes para a exposição, de diferentes maneiras, contando, claro, a partir das perguntas que seriam feitas, contando fragmentos das suas experiências, já que a ideia é pluralizar as experiências. Eu acho que... não traduzido mesmo, acho que sentir um pouquinho das vozes que hoje estão em São Paulo e muitas vezes a gente cruza com elas, transita pelos bairros, lugares, mas essa polifonia mesmo que lê acho que reflete um pouco também dessa construção de identidade, de espaço da metrópole, mas, enfim, são só ideias, de novo, do museu, que depois...

⁷ Ver mais em <https://www.obituariesoftheamericandream.com/>. Último acesso: 12/07/2022.

Suzy: Bom, também acho que tem um tema bastante... que é contemporâneo, mas acredito que deva fazer parte já das pesquisas de vocês que é com relação às as pessoas com deficiência. Então, acho que é importante também, a gente percebe circulando pela exposição que a experiência é diferente para quem tem deficiência, assim, pensando no próprio circuito físico da exposição para uma pessoa que é cega ou que anda com cadeira de rodas ou uma pessoa que tem baixa estatura, pensando no próprio público infantil. Então, são experiências muito diferentes, eu acho que o museu da Imigração tem um público escolar muito grande.

Então, aquilo que eu já tinha falado, que é o das pessoas retomarem, que é importante ouvir esse público, é um público infantil, um público adolescente, porque eles também, em muitos momentos, eles vão se sentir também encantados em alguns lugares, mas sempre o incomodo aparece, em algum momento, especialmente na parede de sobrenomes, ou por não se ver ali, não conseguir encontrar o seu sobrenome ou também na discussão que é feita, geralmente, pelo núcleo educativo, já que não está posto na exposição, que é uma parede que tem os sobrenomes, mas é muito cenográfica. É dessa discussão de que sobrenome é esse que a gente carrega.

Então, eu acho que são questões que são importantes também estarem presentes e tensionando mesmo, questionando da onde vem esse sobrenome? Quais forma os processos para que hoje a sua família use esse sobrenome? A gente tem questões relacionadas a escravidão, a gente tem questões relacionadas as questões de gênero, as mulheres também perdendo o seu sobrenome para as famílias dos seus companheiros. Eu acho que são públicos importantes e pensando na contemporaneidade, o Museu da Imigração tem as pesquisas já com alguns perfis de público e também tem já 27 festas que ocorreram. Então, provavelmente vocês conseguem fazer um levantamento dos públicos participantes dessas festas, tanto expando, tanto nas barracas.

Acho que de visitar a festa de alguns anos, é nítido o quanto que hoje ela é mais diversa. Eu acho que até mesmo uma estatística com relação a essa aplicação é interessante estar presente

E pensando também nessa atuação em rede, a gente tem outros museus do estado, tem o Museu do Ipiranga que tem muito acervo relacionado... muita pesquisa e acervo relacionado a ocupação dos territórios indígenas, Museu India Vanuire, Museu do Ipiranga, que eu acho que tem muita coisa, tem... enfim, eu estou pensando só na rede,

nos museus da secretaria que a gente sabe que acervo que tem, mas tem Museu de Arqueologia Etnologia, o Museu Afro.

Então, a gente tem muita documentação que talvez não esteja aqui presente, mas que está presente nessa rede de museus da secretaria, que poderia também ter uma atuação conjunta, estar presente e é nesse sentido. Queria só compartilhar, que eu fui convidada para compor a equipe do Museu das Favelas e não fui por conta de outros interesses no momento, mas uma pessoa, várias pessoas, na verdade, vieram perguntar, me questionar, "Por que que você não aceita? É sua cara. Você tem que estar lá, você pesquisa comunidade periféricas, favelas, você mora em uma favela", eu falei, "Gente, eu não quero falar sobre a comunidade periférica e favelada só no Museu da Favelas", eu acho que a gente tem as comunidades diversas, negras, indígenas e outras que devem ser tratadas nesses museus, no Museu Afro, nos museus etnográficos, indígenas, os diversos perfis, mas a gente tem outros museus que também precisam abordar essas temáticas.

Eu acho que a nossa atuação é que justamente a gente consiga ampliar esses espaços de representação e representatividade também pensando na composição das equipes. Também pensando que os espaços de coordenação, de direção dos museus sejam ocupados também por essa diversidade. Então, a gente tem aqui um pesquisador, mestres, doutores, que são, que representam essa diversidade e que a gente represente nos postos, nos museus, o que seria fundamental.

Eu estou aqui curiosa para pegara as pesquisas de vocês para pesquisar, porque, justamente, para a gente conseguir compartilhar, que as vezes as pessoas não acabam tendo acesso uma aos outros fazem e isso é importantíssimo. Eu acho que pensando nesse museu, como um museu público, um museu do estado, um museu que precisa representar a população de maneira geral, essa discussão que a gente faz aqui, provavelmente é a discussão que teve no grupo anterior, vem trazendo essas demandas que são fundamentais.

Uma última coisa relacionada a identidade. Naquela última sala que fala do sujeito brasileiro, tenho participado de várias discussões sobre a construção desse sujeito, no singular, invisibilizando toda essa diversidade, toda essa pluralidade e o fato das pessoas se reconhecerem. "Eu vim para cá e não era mais indígena, aqui eu me juntei a massa trabalhadora". As populações negras também, o sujeito brasileiro se impôs, pensando também na questão linguística e a

gente... essas nossas identidades que elas, hoje, são a base da... esqueci a palavra, da... gente... não dá exclusão, da...

Thiago: Acolhimento.

Suzy: ...da segregação...

Thiago: Segregação.

Suzy: ...elas precisam estar presentes e eu acho que esse museu também tem que assumir essa responsabilidade.

Thiago: Quando você diz a última sala, é a dos bairros? Aquelas cheias de fotografias...

Suzy: Isso. A outra também, que tem os depoimentos...

Susie: ...fala, "Sou brasileiro". Como se assim, chegamos, somos diversos, viemos de diversos lugares, compomos várias identidades só que aqui...

Thiago: A crítica do Alex... Somos todos migrantes, mas como assim, não é?

Suzy: É isso. Então junta com a questão da política eugenista, mas também com relação a própria política da mestiçagem, da ideologia que a gente hoje está tensionado cada vez mais, tem sido questionada há muitas décadas, mas hoje isso está tendo uma visibilidade maior.

Ricardo: Aliás, essas discussões trazem uma questão de identidade bem forte para o museu. Porque uma coisa que todo mundo meio que já falou aqui, acho que tu falou bastante sobre isso, alguma coisa sobre ser um museu de migração ou da hospedaria. Mas ele já começa lá na entrada com um migrar, que é um texto que foi...

Eu lembro que na época que eu estava fazendo o mestrado, eu peguei o plano museológico, as plantas dos caras que fizeram a expografia e tal, e no plano museológico já tinha essa proposta que o processo de migração que fosse falado no museu da imigração, fosse a partir de um ponto de vista da imigração antropológica. Pensando em imigração como um movimento que aconteceu no mundo a partir de tal, tal e tal, vindo até hoje. Mas ele se perde. Começa com isso, vai deixando todos os esquecimentos ao longo desse curto discurso, de repente ele se embrenha na hospedaria do Brás, vai para o cotidiano que é gigantesco, quase um terço de todo o espaço expositivo. Se for pensar bem, depois já chega naquela coisa de mão de obra de trabalho... assim, ele começa com migração, de repente vem para o Brás, de

repente do Brás ele também fala da imigração, aí vai para São Paulo... ele vai lembrando e esquecendo, ele é bem esquizofrênico, não é?

Mas é fruto também de questões e discussões como essas que geram um monte de coisa e de repente quer se colocar tudo em um espaço pequeno. Se for botar em termos de laudas, de páginas, do que deve ter sido mandado para gráfica para se produzir em termos de arquivos de plotagem, não devem ter sido dez páginas. E a gente tem uma história que começa lá com o primeiro índio caminhando, saindo e termina aqui em Santo Amaro, Brás, Mooca e nas festividades, nos novos processos migratórios.

Então é delicado. Mas assim, desde que o museu se enxergue independente da identidade que ele vai assumir, é uma identidade que agrade à gregos e troianos e a todos, o importante é que ele assuma uma identidade e mantenha esse discurso. O que não pode é ficar esquizofrênico, tentar falar de tudo e acabar esquecendo de... Porque aí sim, quando tenta falar de tudo, ele vai esquecendo... quando uma coisa é clara, tudo bem. Você não se sente contemplado ali, mas você sabe que está falando específico, de um recorte bem específico, que não está falando de vocês. Como as vezes o museu também não está falando de homens gays, de mulheres lésbicas, de trans, de enfim, negros, indígenas. Eu estou falando de várias pessoas, mas tudo bem, eu sei que esse não é o meu museu. Estou entrando para conhecer, mas que história é essa que não é a minha? Agora, quando ele se propõe a ser uma história de todos, a gente entra lá e não se reconhece... é o que acontece com o museu quando ele quer falar de tudo ao mesmo tempo, mas não consegue dar conta de nada.

Alex: Faço uma pequena colocação rápida. Por fim, a música do Adoniran na sala... acho que foi das cidades, não é? Os bairros, que tocou a música do Adoniran. Na hora eu pensei a contraposição a Adoniran, porque Adoniran faz uma música integracionista, vamos integrar com São Paulo. E você tem o Geraldo Filme, pai do samba, largo da banana, a polícia chega aqui e dá porrada na negrada, não é? Então assim, que cidade que a gente está falando? Que identidade paulista é essa? Você tem lá Adoniran versus Geraldo Filme, a polícia chega e dá porrada, racismo e xenofobia no Brasil.

(FIM)

Terceiro Encontro: Parceiros da Festa do Imigrante e Entorno

Data: 23 de Julho de 2022

- 1.** Organização: *Folclore e Etnografia Região Autónoma da Madeira/ Grupo Folclórico Infanto Juvenil da Casa Ilha da Madeira de São Paulo*

Representante: Pedro José Sardinha Gonçalves

Nacionalidade: Luso-brasileiro

Descrição: O Grupo Folclórico recolhe, representa e pesquisa o Folclore e a Etnografia da Região Autónoma da Madeira em São Paulo e no Brasil através do contato com nossas "autoridades", os imigrantes das décadas de 30/40/50/60 que escolheram o Brasil para fazerem morada. Presente desde a 2ª Festa do Imigrante temos o orgulho de coordenar as barracas de gastronomia e artesanato da Ilha da Madeira. Nossa coordenadora, Maria Sardinha, é Conselheira da Diáspora Madeirense no Brasil e estuda e divulga a imigração da Ilha da Madeira em São Paulo e no Brasil, sendo um desses espaços o Museu da Imigração.

- 2.** Organização: *Samosa & Company, Indian Food*

Representante: Vijay Ramesh

Nacionalidade: Indiano

Descrição: Comida e Cultura indiana. Sempre boa experiência com o museu da imigração.

- 3.** Organização: *Arsenal da Esperança*

Representante: Ivan Fernando Sargenti

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: O Arsenal da Esperança divide o prédio com o Museu da Imigração. É uma "CASA QUE ACOLHE", fundada em São Paulo, em 1996. Localizado nas instalações da antiga Hospedaria de Imigrantes, o Arsenal há 25 anos, abre diariamente para 1.200 homens que se encontram em dificuldades, o assim chamado "povo em situação de rua", jovens e adultos que sofrem pela falta de trabalho, casa, alimentação, saúde e família. Em:

<https://br.sermig.org/arsenais/arsenal-da-esperanza-sao-paulo-brasil.html>

4. Organização: *Perfumes Aldomari*

Representante: Anas Obaid

Nacionalidade: Sírio

Descrição: Jornalista, ator, ativista dos Direitos Humanos e expositor na Festa do Imigrante.

5. Organização: *Moradora/Articuladora da Mooca*

Representante: Elizabeth Florido

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Desde 1998 quando era o Memorial do Imigrante conhecia o Museu como jornalista e era a primeira jornada por esse espaço.

(INÍCIO)

Thiago: Eu vou começar retomando alguns pontos que vocês mencionaram sobre a primeira pergunta. Foi dito "tem uma predominância da imigração vinda da Europa ou um olhar europeu". Ficou um pouco essa discussão, uma leitura da história a partir da Europa, isso a gente pode retomar, de repente. Foi dito também que a Ásia está muito pouco representada, a gente não vê as migrações asiáticas, as várias Ásias.

Vijay: Isso já mantém, mas a Ásia e isso é original China, Malásia, Índia, Taiwan.

Thiago: E na sua diversidade e na longa duração, porque a gente falou principalmente da população da Síria e do Líbano, essa história do antigo Império Turco-Otomano também foi mencionado. Um dos resumos também foi que existe uma história, um fluxo de imigração do passado até atual, é isso que tenta ser feito lá. Uma história muito de tristeza que está lá na...

Vijay: Sucesso então só precisava uma falar também que (inint) [00:01:18]

Thiago: Que faltava um pouco de sucesso desses imigrantes. Deslocamentos, a história dos deslocamentos humanos. A Elizabeth trouxe para a gente a ideia da diversidade étnica dentro dos migrantes. Foco nos espaços da migração, que o Pedro falou aqui para a gente que a exposição se volta muito nessa coisa geográfica da migração, aonde aconteceu, eu não sei se você estava falando também da hospedaria em si...

Pedro: Nesse sentido, do espaço físico de hospedagem, e não dos espaços múltiplos, da possibilidade de expansão.

Thiago: E é isso. O Anás também trouxe que tem elementos de cartografias. Eu acho que é uma ideia também que se repetiu já, é que faltam histórias individuais também, não é? De pessoas, a gente não encontra muito histórias de pessoas lá. Então, retomando, vou dar a palavra de volta, e eu vou pedir de novo, gente, quem quiser ir falando na sequência, dá uma levantadinha na mão assim, eu anoto o nome e

já vou passando. Então, vou começar com o Vijay. Você queria retomar lá do que você...

Vijay: Acho que aquele não foi gravado do YouTube, vou repetir. Eu sou o Vijay, represento a Índia, Deepali, minha esposa, e nós representamos o Brasil, e nós somos novos imigrantes, da época de, 98, 2000, e hoje são 24 anos que os indianos aqui estão presentes no Brasil e contribuindo, vivendo desde 50 anos a primeira migração, eu lembro que em massa que foi professores, engenheiros e cientistas, e depois vem massa de imigração de pessoas, são comerciantes, e indústria, de várias indústrias, tecnologia, farmacêutica e hoje é uma população muito pequena, mas, se a gente vem economicamente como imigrante, contribui em sistema de educação, cultura, tecnologia, e melhorou vidas deles e dos brasileiros, e em termos de investimento e oportunidades que criaram, em termo. Só que eu acho que nós somos novos imigrantes, não temos história igual ao italiano e japonês, e temos um pequeno espaço, mas eu acredito que o museu pode usar a forma digital, como o nosso (alivante) [00:03:47] falou que não cabem todas as épocas, todas as a massa de imigrantes que chegaram ao Brasil, mas eu acho que o moderno museu pode usar várias tecnologias para dar uma rotatividade para falar, uma série 12 meses, 12 comunidades, 12 países, que cada vez ela roda. O uso de mídia digital hoje está muito mais do que aqueles sua televisão e voz áudio vídeo você tem vários gráficos 3ds que podem ser usados. A Índia tem de ser representada em termo de, não só uma imagem minha, talvez a imagem da comunidade indiana que tem aqui, a história de sucesso e contribuição que os imigrantes fizeram em vidas brasileiras ou estrutura brasileira; terceiro, eu acho que a gente tem de ser representado de alguma forma física. Pode ser um instrumento musical, pode ser uma roupa, uma foto digital da comunidade, dos trabalhos dela, as histórias de sucesso também têm que ser, porque você imigrar para outro lugar, e o objetivo de imigrar não é só a sala da sua vida (inint) [00:04:54], é viver e contribuir. Só acho que cada comunidade de cada país contribuiu de uma outra forma, não é? De sírio-libanês hospitaleiro, existe tão grande e com tantos brasileiros fui tratado. Então, eu acho que é assim, como Índia, a gente sempre dá uma oportunidade de representar mais. A gente pode também pegar apoio do governo, porque nós temos um centro cultural da Índia aqui. O diretor do mundo está aqui hoje e ele vai conversar com ele, que aconteceu essa reunião, e não precisa somente deixar fisicamente, porque tem muitas coisas que estão lá, pelo meu aspecto são bons para crianças, mas ela pode ser em forma digital também, em

sensação. Talvez você tenha mais espaço para mais material. A escultura tem limitações, ou pode ser uma do lado esquerdo do museu, no lado direito pode ser a história do ser humano que começa com imigração (inint) [00:05:49], mas lá na esquerda você pode deixá-la digital e criar sempre as mais contribuições da comunidade fez. Essa é meu o ponto.

Thiago: Eu não mencionei. Eu vou passar para Elizabeth agora porque ela tinha inscrito antes, mas a ideia é a gente retomar os pontos que vocês já mencionaram no nosso aquecimento para a gente ter aqui registrado, então, por favor, mas a gente já seguir também na primeira pergunta. Na atual exposição de longa duração, quais grupos não têm retratada da sua experiência migratória, mas aí eu vou passar para Elizabeth. Se você quiser retomar o que você já falou...

Elizabeth: Não, não. Vamos dando continuidade. Ouvi o Vijay falando e influenciou um pouco a minha cabeça, inclusive respondendo já a primeira pergunta, eu faço eco ao que eles falaram. A gente sente falta mesmo é dos sírios, dos libaneses, da cultura árabe, vai. Vamos colocar num sentido mais amplo para poder abranger a própria Índia dentro da Ásia e outros, como você citou, Taiwan, Camboja, Vietnã, além do próprio Japão que teve uma expressividade enorme tanto quanto os italianos e ficou nesse tempo. Só que eu queria falar da minha experiência de conhecimento da casa há muito tempo, desse edifício, desse, que eu falei para ele, que isso aqui também é um edifício monumento, assim como o nosso museu do Ipiranga, que também o edifício monumento, e que tem muita história. Então, o que foi a primeira coisa que eu falei para o Tiago? "Tiago, eu já tinha falado para o outro pessoal aqui da equipe que mexe com essa parte do educativo, que precisa resgatar a história desse edifício." Ele teve várias ocupações, então, ele tem muitas histórias dentro da própria história dele. Quando eles fizeram uma de curta numa sala expositiva lá embaixo, 130 anos dessa, você lembra? Eu cruzei até com o Gianfranco ali, naquele dia. Ele estava com alguém da Itália naquele dia. Então, aquilo foi fantástico. Eu conhecia parte dessa história, mas tinha ainda coisas que eu não conhecia, que aqui também foi um presídio, aqui foi a escola técnica da aviação, então aqui também tem essa história. Falta isso. Voltando para não fugir e tentar ser rápida, com tanta coisa boa para falar com vocês, mas vocês me enriquecem, então eu sempre fico com vontade de... já aconteceu muita coisa aqui dentro e continua acontecendo dessas curtas durações que vocês falaram, com roupas, com vocês mesmos. Eu conheci vocês numa oficina de gastronomia aqui que enalteceu a comida indiana. Então já fiz várias atividades de

ioga, eu adoro ioga, e conheci o instituto cultural indiano por conta desse contato aqui. Então, de alguma maneira, o museu está estabelecendo este diálogo. Talvez ele não seja nunca o suficiente, mas é inesgotável, mesmo. A ideia é essa, não se esgota. Só para lembrar, quando ele abriu não era mais hospedaria, nada disso, e ele abriu como memorial do Imigrante, em 98, e eu estava aqui como repórter, e acompanhando toda a comitiva da inauguração, como tive em 2014 também aqui, já como Museu da Imigração. O Memorial do Imigrante tinha esse papel de mostrar essa primeira grande onda imigratória, que começou lá atrás, 1890, por aí, indo quase no final do século 19 para o início do 20. Então, por isso enaltece tanto os demais aqui. Essa questão da cultura italiana, dos japoneses, e parece que ele só os tem, não é? Não. Depoimentos, a gente tem os totens, tem alguma ali, naquela sala onde vai dar no dormitório, no que seria a simulação do dormitório, tem os totens, que você pode sentar ali dentro e ouvir os vários depoimentos. Alguns são bem antigos, não é só do Vijay. Tem uns mais antigos que o do Vijay. Então, você precisaria retomar isso, eu até cheguei a sugerir para o pessoal, não sei se vocês conhecem o Museu da Pessoa, eu falei "a gente podia fazer algo semelhante aqui", estabelecer uma cabine para pegar essa contemporaneidade. Quando surgiu aqui como é hoje o Museu da Imigração, a partir de 2014, e ele falou "8 anos", eu não tinha percebido isso, 8 anos já se passaram, eles começaram a trabalhar os novos deslocamentos. Aí entra todo esse pessoal da América Latina, que são bolivianos, peruanos, venezuelanos e outros mais. Você falou Cuba. Entram outras culturas, os refugiados também. Eu participei de várias, não as rodas de conversa, tiveram várias - ele pode me confirmar isso- mas eu sei que houve e tiveram várias exposições de curta que eu vi, como lá em cima aquela instalação na hora que a gente foi passear pela exposição de longa duração. Então, hoje o museu estava mais preocupado com isso. Eu, particularmente, dei até uma cobrada neles. Falei assim "vocês também têm que manter essa história viva, antiga, do museu."

Vijay: A antiga você precisa...

Elizabeth: Ela não pode anular. Uma não anula a outra.

Vijay: Não pode anular, mas o que eu falei aqui que é muito isso, de espaço insuficiente, a dinâmica a gente pode usar a mídia nova mídia.

Elizabeth: E falou com muita propriedade é multimídia tem que acontecer o tempo inteiro eles sabem disso então hoje tem a gente pega o QR Code e tem várias exposições que já estão disponibilizando atrás o QR Code, como se fosse um saiba mais. Você abre todo um

universo ali, uma plataforma digital no próprio celular se você quiser conferir, na hora. Eu fiz isso com aquela de cerâmica, maravilhosa, que foi quando teve a queima nos fornos da árvore centenária que foi removida. Então, o museu tem procurado fazer isso, mas hoje, a gente participando de uma roda como essa de conversa em relação ao que fazer com o museu daqui para frente, eu acho, sinceramente, fantástico que nós possamos dar essa contribuição, e me sinto bastante honrada de estar com vocês aqui, nossa, bastante. Eu sou brasileira, brasileira mesmo, paulistana nascida no Brás, na maternidade do Brás, moro na Mooca há muitos anos. Meus avós, como eu falei para vocês, eram de origem espanhola. Vieram de Málaga, cidade de Cádiz. Quem conhece, olhando no mapa, vê que você está lá perto do Estreito de Gibraltar. Meu avô era neto de marroquinos, então tem um pouco de uma ascendência também árabe, digamos, que dominaram boa parte ali, Andalucía, da Espanha. Então essa diversidade é fantástica. Eu falei também dos meus padrinhos que eram portugueses. Meu padrinho era...

Pedro: É o Brasil.

Elizabeth: É o Brasil. Esse é o Brasil. Meu padrinho era de Lisboa, ele era lisboeta, e era mesmo. Minha madrinha, devota de Nossa Senhora de Fátima ia todo ano para Fátima. Eu tenho até hoje o pratinho, um pozinho de Fátima, e ela era de Trás-os-Montes. Então é uma riqueza absurda. E, só para fechar. A minha tia, que é casada com um tio meu, Síria. Síria mesmo. Não filha, nem neta. Era Síria. Falecidos já todos eles, porque acima dos 80, 90 anos já. Então eu, como brasileira, paulistana, dessa cidade tão multicultural e diversa como São Paulo, eu agradeço ter nascido aqui, porque eu não acho que eu não teria essa mesma oportunidade que eu tenho hoje aqui com vocês e com outros grupos que estão aí participando, que também são multirraciais, étnicos, de ascendências várias, porque eu estava contando aqui - hoje nós estamos aqui com dois indianos, com um de origem portuguesa, com um sírio. Eu falei "brincadeira." Eu falei assim "isso é... quando?" E aqui a gente, como é que fala, coexiste pacificamente. Então...

Pedro: Os conceitos do mundo não se repetem aqui.

Elizabeth: Exatamente. Tem os judeus. Você tem lá o israelita, o palestino, toda aquela guerra que tem Santa por causa dessa questão de Jerusalém. Aqui você tem isso. A origem foi no bairro do Bom Retiro. Grande parte, até da sua área, do seu pessoal muita gente foi para o Bom Retiro. Não sei se tem ainda lá, para o Ipiranga, região central da cidade...

Thiago: Elizabeth, eu vou passar para o Pedro...

Elizabeth: Então era isso. Eu queria falar isso só para a gente estimular vocês.

Pedro: Eu vou começar puxando, então. Eu vou ajudar a parte digital da exposição, porque, assim que a gente entra, só apresentar para constar também. Pedro Sardinha, Ilha da Madeira, que seria Portugal, mas é um Portugal diferente, é uma região autônoma. Uma região autônoma de 230.000 habitantes, que é pequeno, mas ao redor do mundo tem sua diáspora. Por aí tem mais de 1.000.000 de pessoas espalhadas pelo mundo. Então, elas são uma parte da exposição que o Vijay traz bem a questão digital, eu até comentei um pouquinho, durante a nossa passeada por lá, hoje dia tem a capacidade de ter realidade imersiva, e poderia propor uma ideia se fosse, assim, objetivamente, um dia na comunidade. Um dia na comunidade indiana, um dia na comunidade boliviana, um dia na comunidade armênia. Poderia ser só no sentido de, máxima uma propositiva mesmo, assim que a viabilidade técnica financeira, aí é com você. Mas em relação a, eu queria falar um pouquinho também, eu senti falta um pouquinho na parte da migração do entre estados no Brasil, porque o estado de São Paulo se enriquece muito a partir dessa perspectiva, e ao longo da estrutura física da exposição só tinha um, que eu vi mesmo, posso ter visto menos, mas só vi uma tabela e, querendo ou não, a moldagem de São Paulo se deu com a imigração de gente de todo o Nordeste, tem a imigração também que ocorre, o começo do tempo entre Rio Grande do Sul e Amazônia. Eu fui esses dias descobrir que o charque é da Bolívia, e a gente considera como coisa do Rio Grande do Sul. Então, a migração sempre existiu nesse sentido, e eu acho que deveria ter um foco maior nesse sentido, também. Como eu comentei anteriormente, eu acho que, além de imigração, como eu comentei agora de migração, que seria imigração interna, tem que ter um foco também nos apátridas, que nem a gente comentou, porque, não é porque o Estado não está lá, cancelando a existência da pessoa que ela deixa de ter existência, deixa de ter cultura, deixa de ter valores, crenças, que tem que ser divulgado, porque traço da humanidade está ali, e nesse sentido eu vou te chamar atenção também porque eu gostei particularmente do traço que é feito, porque vem desde a imigração, falar aqui: "olha, o ser humano se desloca, não existe imigrante ilegal, ele se desloca." A gente tem discussões hoje em dia complicadas politicamente, não vou entrar no meu campo, mas nesse sentido, o migrante ele tem (inint) [00:16:07], o ser humano ele pode se deslocar, seria o direito de ir e vir consagrado, nesse sentido. Eu

vou cortar um pouquinho. Com relação a responder a pergunta, eu senti falta dos russos, dos armênios, do combo tanto do RDC como do Congo convencional, digamos assim, e também dos filipinos e bolivianos, que hoje em dia também uma imigração mais recente, mas acaba subrepresentada pela sua condição de... vai dialogar um pouco aquela imigração que é um pouco da tristeza mesmo, que é uma imigração que é um ovo para três pessoas. Querendo ou não, é aquilo. Temos um ponto que eu destaco bem, que eu gostei, assim que a gente chega tem as três imigrações brasileiras. Tem a colonização portuguesa, que é a imigração pelo vencedor. Eu estou aqui para... eu, como Ilha da Madeira, fica no meio do caminho, porque nós também somos colônia de Portugal. Eu não sou colonizador, mas também não sou... eu sou brasileiro, nasci no Brasil. E lá representa muito bem a colonização. Aí tem a imigração forçada, que é a escravidão, que, querendo ou não, isso é Brasil também, isso representa o Brasil, tem que estar dito, e a parte indígena. Me lembrou muito um fundo que tem no Itamaraty, que é o Painel do Athos Bulcão, que é amarelo, vermelho e preto, que é branco vermelho e preto, digamos as cores do Brasil representada. Então, esse ponto do Brasil ser isso tudo e não só, é importante ser destacado, e no sentido que eu falei um pouquinho também do espaço, é tirar o foco do espaço, mas passar para o indivíduo, no sentido do indivíduo e, enquanto sociedade, enquanto relacional, enquanto cultural, porque a gente vai vendo a história mesmo. Na parte que conta da hospedagem em si, eu gostei de ter acesso ao que eles viviam, e, de fato, quem não está na... eu como, vamos colocar, português. Eu que não sou agora... a imigração dos meus avós é década de 50 e 60. Tem uma passagem pela hospedaria dos imigrantes, então tem um certo valor bem forte, mas quem vem agora vai falar "está bom, beleza, faziam isso aqui antigamente, mas, o que me representa?" Eu acho que, sobretudo, eu fiquei com uma impressão que eu falei "acho que esses foram explicar a exposição ela faz um meridiano na Polônia. Para lá da Polônia não tem nada. Não tem Índia, não tem Oriente Médio. Nada, nada, estou sendo injusto, mas, por exemplo, a Lituânia é subrepresentada, que tem uma expressão forte cultural da Vila Zelina, por exemplo. Os sírios, que são diferentes dos libaneses, que tem que ter representado, e eu acho que, eu, pessoalmente, eu entendo a dificuldade que é para um museu colocar às vezes comunidades, por exemplo, o Império Turco-Otomano naquela época, então separou, juntou todo mundo. A Rússia também, já foi grande o suficiente para inviabilizar certas comunidades. Então, você tem uns pontos ali, eu acho que o Brasil tem uma vocação de

poder valorizar, que nem retomando um pouco o que a Elizabeth falou, pode valorizar palestinos e judeus, pode valorizar russos e armênios. Lá na Armênia, pode ser que tenha confusão, Rússia, Turquia, Armênia e Turquia. Mas aqui no Brasil não é esse espaço. Aqui é o espaço da construção, é o espaço do sucesso também. Então, é uma vocação muito, muito difícil mesmo, e entendo, compartilho muita da ideia do Ivan. O mundo é muito complexo, e a gente vai ter que selecionar em certa medida, e aí, no caso, o mundo digital pode vir para fechar, para a gente conseguir, de fato, ir além. Falou "vamos ter um dia aqui na comunidade indiana, não só também, mas isso seria aquela dinâmica que o Vijay propôs. Temos uma de curto prazo e uma de longo prazo e elas coexistem. E trabalhoso, mas é isso. O Brasil se constrói sobre esses moldes, São Paulo sobretudo.

Thiago: Maravilha, Pedro. Não, é, realmente as exposições temporárias vão seguir. A gente sempre vai complementar algo que ficou faltando, algo, um tema novo. Por exemplo, ano que vem a gente está prevendo uma exposição sobre migrações climáticas, por exemplo, que é um novo tema. Mas a exposição de longa duração, ela é muito importante porque ela molda um conceito de imigração, sabe? É o que as pessoas vão aprender a depois criticar. Vão falar assim "Não, é a discussão que está aí e não me representa." Então, ela tem uma importância sem peso. Legal, vou passar para o Anan, depois o Ivan se inscreveu. Quem quiser também depois voltar a falar.

Anan: (inint) [00:20:23] vamos retomar a conversa que falamos sobre a exposição que está lá. Eu, como uma pessoa síria, árabe, eu fiquei procurando onde eu me entendo lá com o contexto do Brasil, todos nós escutamos milhares de vezes que o Brasil é feito por imigrantes e essa é uma fala pública, que todo mundo sabe, mas quando a gente entra no Museu da Imigração assiste essa história com objetos, história, mas eu sinto uma falta de linkar isso e o modo de vivência lá fora, é o que eu falei. Só precisam turco que estará em uma parede com uma história de 100 anos atrás, que ela faz parte da estrutura do Brasil, mas, para mim, quando eu comecei a correr atrás dos meus símbolos culturais, as minhas dúvidas, as minhas, que chamam a minha atenção como uma pessoa árabe, eu sinto falta, eu sinto falta também de entender qual contexto (procurador) [00:21:27] essas coisas. Eu senti uma falta de os vídeos, tem nome, a idade. Eu senti falta dessas... mesmo como nossa amiga falou, colocar um código que você vai para nossa história total, mas também, eu não vou desvalorizar uma forma de (inint) [00:21:52] colocar bastante informações, porque a história da Índia para um indiano ela muito vale, a história da Síria para um

sírio muito vale. Essa precisa ser mostrada como uma forma... eu senti uma falta de mediação com o mapa entrou na minha história quando eu vou para lá procurar algo de mim. Então imagine, para um aluno, vem para cá para tentar entender a história total, um pouco de história. Outra coisa que notei aqui...

Thiago: Desculpe. Só para especificar se sentiu falta do mapa, de uma...

Anan: Mapa da história que está sendo contada, porque em um momento eu fui... no começo uma escrita depois foi um trabalho (inint) [00:22:42], depois que a gente foi em um objeto, depois uma parte mais pessoal depois em uma região que parece a Mooca, como um presente, mas a gente está indo para o Museu da Imigração. A gente precisa entender essa história como parte, tempo mesmo contada como uma linha do tempo. Tentei acompanhar uma linha do tempo de 1913, 14, 15, mas não conectou comigo que estou, hoje, vivo, em 2022. Não conectou com a criança que vem com nove anos para cá, tentando entender, quando no TikTok tem milhares de conteúdos, quando no Instagram tem milhares de conteúdo, com um museu, a importância de um museu. Eu acredito muito na história. Eu acredito muito como a gente aplica isso no nosso dia a dia, nossos hábitos, cultura, política, é um lugar também de... eu não tenho aqui lugar... o mapa eu falei... literatura faz parte grande da história do mundo. A gente conhecer uma parte grande da história através de uma obra de alguém, escrevendo. Então, a literatura pode encaixar muito quando a gente tá falando sobre história, porque uma explicação justa, claro, aí não é de esquerda, não é de direita, de lugar político. Hoje aceitar um lugar muito mais fácil para hoje em dia a gente ser (narrar) [00:24:18]. Outra coisa que o Museu da Imigração tem uma experiência muito forte em Berlim, onde tem um museu de objetos que foram, objetos históricos da Síria, do Iraque parte asiática, em Berlim eles fizeram uma espécie de museu sobre as coisas que foram roubadas, vendidas em algum lugar do mundo. Os sírio-libaneses compraram para fazer uma espécie, algo de verdade em Berlim, ela comprou, fez uma espécie de museu para preservar isso. Ela não achou ninguém mais justo do que as pessoas que pertencem àquela cultura para explicar o que que é isso. Quando eu vou entrar eu um Museu de Imigração, como respeito total para as pessoas, mas quando eu vou ver uma pessoa indiana, ele vai falar sobre um objeto com tanta (prioridade) [00:25:18] sobre o que ele vai passar, qual é o sentido, qual é essa mais fantástica que eu posso ganhar em um museu, alguém que conheça o material mais do que eu, em um forma de

pertencimento, além de ir para, quem está trabalhando para o museu, para a cidade e para o Brasil, que a gente está vivendo todos longe e precisamos aplicar isso da forma de que nenhum aluno vai para o museu e acham que o sírio está falando sobre a Síria, vai marcar a vida dele era dele inteira. Vai falar "o sírio me falou. O indiano me falou." Essa é uma técnica que hoje em dia a gente usava por fazer espaço (inint) [00:25:57]

Thiago: As ações dessas populações mesmo. E, conversando com objetos, conversando com os aspectos. Muito bom. Vou passar para o Ivan. Quem quiser já se inscrevendo para a próxima, eu já lanço a próxima pergunta, porque a gente já está entrando em algumas questões. [00:26:14]

Ivan: Eu não sei agora, eu não lembro exatamente quem comentou, mas na escola no Brasil, tem gente que não estudou no Brasil, a gente aprende essa história que a gente vê aqui. Então, é Europa que chega e que domina. Se a gente fizesse um encontro com a África aqui, se vocês chamassem sul-africanos, eles iam por 1000 pontos diferentes, "porque não falou do meu país, porque não falou da minha cultura, porque não falou da minha religião." E eles têm razão, porque sabe Deus como eles chegaram aqui, mas tudo foi colocado por terra. Então, o museu segue uma linha de raciocínio que é a linha institucional escolar, mas a gente sabe que já está mudando. Então, provavelmente em 98, quando esse museu foi fundado, era uma linha era um raciocínio mundial, e esse museu tinha muitos objetos, muitos objetos mesmo. Quando a gente passa para 98, que muda o mundo em vários setores, entra muita tecnologia. O museu já é muito mais tecnológico do que era antes. Para quem visitou antes disso daqui, era uma outra história. O tecnológico que você tinha uma luz em cima do objeto. Esse era o tecnológico. Hoje a gente sabe que é tudo tecnológico, então o museu busca falar as novas linguagens, foi falado muito bem aqui, assim, que é você tem um vaso ali e do lado você tem um saiba mais, porque se a pessoa na hora quiser, porque aquilo vem da Síria, para usar o exemplo da Síria agora, ele entra.

Elizabeth: E até talvez um sírio falando, já pré-gravado.

Ivan: (inint) [00:27:45] atenção nisso daí porque você amarra aquilo que você falou. É uma coisa de pertencimento. É a pessoa que tem aquilo cultura dela, que fala o que é aquele pote de barro, que vem da montanha X. Então, eu acho isso muito importante e, com certeza, quando fizeram uma reunião dessa, se fizeram uma reunião dessa, falaram "vamos pegar o Brasil, porque a gente está no Memorial do

Imigrante, junto ao Museu da Imigração. Bom. Vamos pegar um representante da África, vamos pegar um representante da Ásia. O Japão, para São Paulo, historicamente é o representativo. Não adianta falar de outra comunidade. O Japão é o representativo. Então, eu acho que falta porque as leituras também vão mudando. Quando a gente falou antes um pouco sobre as migrações latino-americanas, vai ser a mesma discussão com o exemplo que eu fiz dos africanos aqui. Eles vão se sentir, eles estão no bairro, porque eles estão aqui, no Brás, Pari, eles estão aqui no bairro, e eles falam "isso para mim não representa. Esse museu, para mim, não fala nada de imigração." Que corre-se o risco de acontecer exatamente isso. Então, acho que a linha do museu é assim. Que público que você quer alcançar? Porque se vem um grupo mais idoso, eles querem ir naquele andar que a gente foi.

Thiago: Talvez sejam todos.

Ivan: Mas as crianças, capaz que queiram ficar mais na parte de baixo, ou na parte mais tecnológica. Então, você tem, e eu me coloquei agora na exposição, assim. Eu já vi tudo isso, não uma, não duas, não 10. Eu vi muito. Eu voltaria aqui de novo? Por algumas coisas você voltaria, porque hoje eu prestei atenção no mapa, que eu nunca tinha prestado atenção, porque é muito conteúdo, mas eu prestei atenção, eu fiquei lendo aquilo lá. Então, acho que tem essa questão...

Thiago: Qual o mapa, Ivan?

Elizabeth: Daquela parte que estava falando das hospedarias?

Ivan: Era uma parte das hospedarias.

Elizabeth: É daquela sala?

Ivan: É dessa daí. Exatamente. Então, não vai conseguir abranger todos os grupos. Precisava entender se aqui a gente quer mais presença de criança, a que a gente quer mais presença de gente que procura informações, porque a gente comentou isso. No Arsenal da Esperança a gente recebe bastante grupo italiano, mas não só italiano. Quando você vai numa festa de São Paulo, de rua, e a gente sabe que isso é muito forte e as festas italianas são bem fortes aí em São Paulo, tem gente que fala "isso não existe na Itália hoje. Você não encontra isso." Aquela coisa da tarantela, aquilo não existe na Itália. Você fala "isso a Itália do sul, e numa região muito específica." Essa coisa de bater pandeiro, fazer uma massa que enrola, isso no Norte você já não vê. Então, já é uma outra Itália, ainda que seja muito representada aqui, mas a gente continua usando a Itália dos nossos avós, dos nossos vizinhos. A gente não evoluiu. Então, se você trouxer um turista

italiano hoje aqui para ele ver isso, ele vai falar "ah, não, eu já escutei, mas hoje isso daqui não tem nada na Itália." O Vijay já falou sobre isso em relação a Índia, não é?

Elizabeth: São várias novas várias Índias, não é? Ele é um indiano que é outro indiano.

Vijay: Isso vai ser um grande desafio para o museu, para encaixar todas essas ideias (inint) [00:30:52] fiquei "etnia". Agora, a África tem várias etnias, e as línguas são diferentes. A ideia de imigrantes, para brasileiros, (inint) [00:31:02] é que os estrangeiros também queiram ver o Brasil, e não só a parte nova da imigração, e aquela onda... tem de preservar isso.

Ivan: Só para eu terminar meu raciocínio, eu achei que eu vim procurando isso, a parte das crianças ou das oficinas, não sei como você chamam, ela é a última parte, é a última, e a gente falou que é cultura, educação. Essa parte não pode estar em último lugar, porque eu não sei nem se uma criança chega naquele espaço que tem as mesas, os trabalhos. Eu acho que é muito complicado você gerir, porque é barulho, é correria, é tira a mão daí, é complicado, mas a gente está pensando que essas novas gerações é que vão absorver a nova linguagem museológica (cativa) [00:31:48]. A gente não pode jogar lá no fundo. Precisava ser uma coisa, não vou falar o Jardim, porque envolve outras coisas, é chuva, é sol e tudo mais, mas a gente está buscando aquele foco lá, nós aqui, de meia idade, cada um vai procurar uma coisa, tem a sua história. A criança está formando a sua história.

Elizabeth: Acho que os dois são os mais novinhos, não é?

Ivan: Com certeza.

Elizabeth: Os dois aqui. Posso, então?

Thiago: Eu vou passar para Elizabeth, mas eu já vou trazer uma pergunta que vocês comentaram de alguma forma, mas eu queria ver se a gente consegue também continuar um pouco mais nessa questão, que é a três, porque eu acho que a dois a gente falou dois.

Vijay: A dois foi coberta.

Thiago: Mas os objetos, é...

Pedro: Mas, então, só um parêntese, rapidinho, um breve, porque hoje em dia no folclore a gente estuda folclore patrimônio imaterial, então aí tem muito patrimônio material. Talvez pudesse ter um pouquinho mais de foco no patrimônio imaterial das comunidades, então, seja a

dança da casa portuguesa, um só um parêntese mesmo, bem breve. Por exemplo, a história do pão, via pelo trigo. Você tem o pão (do carro) [00:32:55], você tem o pão sírio, você tem... seria uma maneira de permear as comunidades, mostrando as diferenças e poderia ser pensado uma coisa nesse sentido, de mostrar a vida, que o pão é o alimento humanitário, todo o alimento, pão e água as religiões gostam muito do pão. Enfim, poderia ser um ponto de divergência, e de perspectiva para criar alguma outra coisa, só para a gente fechar o dois, mesmo.

Elizabeth: Eu ia falar a parte do Ivan, mas vou falar agora a parte do Pedro rapidamente, porque existem várias temáticas que você pode trabalhar. A gastronomia, a questão socioeconômica, política, cultural em si, danças, como ele falou, as vestimentas, as falas. O paulistano assim tem um sotaque próprio, principalmente o mooquense, aquela coisa de "orra meu. Ô meu." Até "bello! Bello!" a gente fala meio italianado assim mesmo sem ser italiano, porque já é a sonoridade própria, tentaram até fazer o tombamento imaterial, está processando lá na Câmara Municipal, mas ainda não saiu disso. Lembrando que nós temos museus afins. Nós temos o Museu Afro-Brasileiro, que fica dentro do Ibirapuera. Nós temos o museu novo do holocausto, que conta essa parte muito triste dos judeus. O Museu da Imigração Japonesa, que fica na estação São Joaquim do metrô, perto da Liberdade. Temos bairros bem temáticos, a própria Liberdade é esse bairro temático. O Bom Retiro com judeus...

Ivan: A Vila Zelina com uma imigração forte dos muçulmanos

(Conversa paralela) [00:34:27]

Elizabeth: Eles são um portal do leste europeu. Foi reconhecido pelo consulado. Eles fazem... estava lá semana passada, no domingo teve a feirinha deles que tem todo mês. Então tem essa representatividade grande mesmo dessa parte dos Balcãs, do leste europeu, e aí entra lituano, entra russo, romeno, entra a Iugoslávia, a Tchecoslováquia, que agora é Herzegovina, são várias, essa parte da Europa Central. Então precisaria ver eu, na verdade, eu vou chamar, Thiago, de restabelecer esse diálogo que já existia antigamente no Memorial do Imigrante. Hoje, eu não sei como está necessariamente no Museu da Imigração, na atual gestão com todos esses espaços, também, que dialogam com esse tema da imigração em si, da questão cultural, folclórica e que abrange 1000 coisas. Os consulados propriamente ditos, que tiveram várias exposições aqui também, que sempre tiveram o apoio dos consulados próprios, se fosse da Itália, se fosse da própria

Índia e tudo mais, tem um diálogo, acredito eu. Os espaços culturais existem diversos aí também das várias localidades do mundo, então isso é importante, ter esse diálogo com todos eles.

Pedro: Só para pegar o gancho mesmo, o nosso amigo Anas falou também. Anas, não é? Por exemplo Ricardo Jafet, uma rua que todo mundo que está em São Paulo e se se desloca para Santos, tem a Ricardo Jafet, e Jafet é um sobrenome árabe. Tem de ser esmiuçado, porque não saberia dizer qual sobre qual povo. Árabe é etnia

Elizabeth: Eles são da indústria têxtil, não é?

Pedro: Dentro dessa clivagem tem "ele é sírio? Ele é libanês? Ele é jordaniano?" Tem uma discussão importante e os nomes das coisas... uma vez, uma menina canadense, só para enumerar, ela falou "que legal que no Brasil vocês tem nome das coisas, não é?" Então, você vai dar 25 de Março, tem a Niazi Chohfi, que era uma coisa, uma personalidade importante...

Elizabeth: E ainda tem uma diversidade grande de árabes na 25 de Março. Na própria (inint) [00:36:34].

Pedro: Também, da própria literatura e do nome, mesmo. Como o nome influencia no local. Você tem, tanto lá na no Ipiranga, você vai ter as casas que são da família Jafet, e depois você pesquisa. Você vai para o Botafogo, no Rio de Janeiro. O Botafogo um time. Todo mundo conhece o time Botafogo, mas vai saber a história de quem foi o Botafogo. Era um cara que botava fogo, era um cara de artilharia.

Elizabeth: A própria origem do Palmeiras. Era o Palestra Itália.

Pedro: Então, é um pontinho para se pensar, tanto pelo ponto das linguagens, mas para explorar também de onde vem o nome, de onde vem esse nome. O Visconde de Parnaíba aqui da rua. Quem foi o Visconde de Parnaíba?

Elizabeth: E ninguém fala dos ingleses, mas os ingleses tiveram uma influência enorme, porque eles construíram a Estação Júlio Prestes, toda aquela área maravilhosa onde hoje é Paranapiacaba inteirinha, e, na região de Santana, você tem um pouco dessa memória no nome das ruas. Tem a Rua do Tramway, Engenheiro Fox, que foi quem construiu toda essa parte das ferrovias, porque na época, quem conhece a história do Visconde de Mauá, foram os ingleses que vieram aqui, toda essa parte de construção que usa o ferro e aquela história como estrutura metálica, tudo feito por eles. Viaduto Santa Ifigenia.

Pedro: E a ideia é, só para ficar com a exposição, seria, de repente, colocar o país, a região, e mais ou menos onde você encontra a influência deles. E aí pode ser um QR Code, pode ser nesse sentido, só para fazer algo objetivo, para a gente fechar a analogia.

Thiago: Vamos voltar aqui para as inscrições. Elizabeth, não sei se o Vijay o quer retomar algum tópico.

Vijay: Como recuo... Deepali, eu falo em nome dela. Eu acho que a gente resumiu bem, porque vários iniciam (inint) [00:38:16] que talvez está repetindo novidade e nessa reunião que teve a sua tecnologia que pode ser abrangido em um modelo, porque hoje as crianças que a gente quer compartilhar nosso histórico, já estão muito habituadas com o celular, mídia social, coisa assim. E a colaboração entre os consulados, pode ser apoiado pela Índia, já fiz com você, ioga, aula de culinária, depois tinha música, dança. Só assim, acho que vai ser...

Thiago: Anas, e depois, Ivan.

Anas: As moças colegas falaram bastante coisas, que deixam nossa mente abrir mais sobre qual as questões que não são atendidas. Não o Museu da Imigração, eu acho que migra para cá, que vem para cá, que chega para cá, são milhares de coisas, milhares de objetos, milhares de seres humanos, milhares de trabalho, milhares de nomes, milhares de etnias, milhares de línguas, que ela linka muito como volta para nós mesmos para utilizar essa língua, para ser nominadas as coisas. Exemplo, nossos colegas falaram sobre a importância de nomes quando a gente passa na rua. Então, imagina se a gente está no Museu da Imigração, a gente tem essa fala bilingue, falando com todo mundo, como espantando, primeiro acho que para comunicar com o outro, porque quando ele chega para cá primeira coisa que vai falar "marhaba". "Que é? Não entendi. O que você quer falar?" então essas primeiras coisas que a gente utiliza nas nossas recentes chegadas, que ela vai... pegou algo, de onde vem, ou vai pegar algo para onde iremos, porque eu falei para primeiro tempo (inint) [00:40:05] por uma forma básica para entender o que está na mídia não é o que está sendo utilizado por outra pessoa, porque o outra está falando com muita propriedade, porque ela, da forma que ele cumprimenta os outros, a forma como o nome dele é (inint) [00:40:23]. A gente está falando sobre o primeiro eixo da imigração, que esse sonho, essa nova chegada, nova história, novo... então, essa bilingue também um lugar tão importante igual o Museu da Imigração fez a grande diferença quando eu vim para cá, procurando quem sou eu, a curiosidade minha

passar, como fala oi na Índia, como fala oi na África, como nos países africanos, como fala oi na Colômbia, como fala oi na (inint) [00:40:56], como fala oi para, com a própria palavra, ela pode falar muito sobre cada uma das nações que chegaram para cá, ou representa. Saalam Ailekum me representam, representa todas as pessoas que utilizam.

Thiago: Eu gostei muito.

Ivan: Eu não sei como são os outros grupos que vocês estão escutando, mas eu acredito que esse grupo está bem ligado à festa, essas comunidades da festa. Eu, pensando aqui junto, eu acho que quem vem na festa e vê um caldeirão de experiências, a gente usa muito experiência, que agora tudo é experiência. Gastronomia virou experiência. Mas é um termo bom, porque você sente na pele, ou você sente porque você está ingerindo alguma coisa, acho muito bom. Mas acho que a pessoa que vem na festa do imigrante, depois ele se sente órfão. Os outros 11 meses que vão separar da próxima festa, ele se sente órfão, porque ele não tem ele não tem a gastronomia, não que precise ter aqui dentro, não sei se seria ideal. Ele não tem a dança, ele não tem essas informações, ele fica assim. A pergunta que eu lanço para vocês é o seguinte: que outro museu em São Paulo, e a gente não está falando de uma cidade do interior, a gente está falando de São Paulo, consegue pôr dentro do espaço físico deles a comida, a dança, as informações... isso daqui faz muito, e deve dar muito trabalho. Então, quem sabe, essas oficinas na qual vocês se conheceram, se acontecesse de uma forma mais periódica, o acervo poderia descer. É o acervo de uma peça que vai ser trazida aqui nessa sala e vai ser falado por uma pessoa que teve isso na casa dos avós, e ele vai falar com propriedade "é uma colher que foi usada". Isso aproxima, com menos tempo, menos espaços, as comunidades para voltarem ao museu e escutar o que o pessoal da Índia tem para falar, a vestimenta da Ilha da Madeira, porque é um artesanato que dobra o papel. Então, o acervo desceria para participar...

Elizabeth: Isso tem sido feito nas oficinas. Quando tem a festa do imigrante, como você falou, acontece tudo isso ao mesmo tempo, no mesmo instante.

Pedro: Mas temos de contextualizar a questão. Trazer uma coisa mais contextualizada, que sejam eventos pontuais, fora da festa, o calendário complementar à festa, para manter a festa ativa.

Ivan: A festa é uma coisa tão louca que, todo mundo passa por isso aqui, você não tem tempo de cumprimentar quem é da barraca do vizinho.

Anas: Você nem conhece o vizinho.

Ivan: É montar e desmontar. Então eu acho que um calendário estendido, durante o ano, e eu estou falando isso só porque esse grupo é o grupo das comunidades, faria com que esse acervo viria mais.

Thiago: Também a vizinhança.

Ivan: Sim, sim, a gente entra nessa parte, mas eu estou falando, vocês não estão fazendo uma reunião com as escolas, por exemplo. As escolas seriam outro, que também beberiam disso, porque se o professor é interessado, e quiser trazer os alunos dele em um sábado de manhã, para fazer com o pessoal da Índia a releitura de um objeto que veio, isso seria fantástico também para ele. É que aqui a gente está falando das comunidades que participam, que estão mais próximas da festa, e isso, o acervo desce, o acervo volta, isso envolve uma dor de cabeça tremenda, porque tem que tirar com o tempo e não pode pegar uma temperatura, eu sei que é uma coisa bem complicada, mas você aproximaria mais aquela população que fica 11 meses.

Pedro: Vai gerar uma comunidade estando na festa, não é? Interessante.

Elizabeth: O que eu consegui perceber é que isso que o Ivan está falando, aconteceu nesse período pandêmico, que foi terrível...

Ivan: Porque só podia ser feito assim.

Elizabeth: Mas foi incrível, porque mostrou a Irlanda, fez o dia da Irlanda, fez o dia da Índia, eu já tinha visto vocês online, assisti, participei de tudo, depois eu vim pessoalmente na última vez que foi do pão, e foi maravilhoso, e as aulas de ioga e de dança. Enfim, essa questão do que a três, de que maneira o acervo estacionado dentro da narrativa expositiva, não está. Nós sabemos que não, Thiago, porque eu sempre fiz esse clamor, com todo o respeito, a alma daqui foi retirada daqui. Ela está lá no acervo lá em Santana, no arquivo público do estado. Então, todos aqueles livrões de registro que ficavam aqui, da antiga hospedaria, e todo o mobiliário, não existia esse imobiliário, não está mais aqui disponível, por exemplo, como os bairros geograficamente está localizado Mooca e um pedaço do Brás, eu já tinha sugerido também de fazer, pelo menos, mesmo que seja de curta duração, a história do bairro, por quê? Porque o bairro da Mooca também é um bairro diverso, de forte imigração,

expressivamente de italianos, mas não só de italianos, mas tem várias histórias dentro da mesma história. Então, a greve geral de 1917, os operários, as fábricas, muitas que existem até hoje, então tem muita coisa para contar, e tem muito acervo, que eu sei, disso, do Cotonifício Crespi, das fábricas, de todo o jornal La Fanfulla, que era um jornal, já naquela época bilíngue, italiano e português, a língua brasileira, e que está tudo aí num acervo, que é a reserva técnica, que a gente nunca mais teve acesso, nunca mais viu nunca, mais foi exposto, então falta assim essa narrativa expositiva, ter o acervo presente. Não tudo mas vai ser conforme a temática. Teve inclusive a história dos jornais, da parte da imprensa que era a imprensa imigrante, uma imprensa engajada, falou dos anarquistas. Aí entra com o que o Pedro estava falando. Pedro, tem que ser várias temáticas, quem é historiador sabe, são várias temáticas que você pode contar da própria Índia. Se você for pegar a Índia, você vai falar dela de inúmeras maneiras, você vai falar da parte religiosa, você vai falar da parte da música, mesmo, que é linda e maravilhosa, você vai falar, pegar um dia só de ioga, mas em ioga não é só as práticas, os asanas, é muito mais do que isso. Ele falou de Mahatma Gandhi, meu Deus do céu, isso aí é... deles, então nem se fala.

Thiago: Casa com o que o Pedro estava falando do patrimônio imaterial, de tomar esses patrimônios como como um fio, também, a gente conseguir trazer...

Elizabeth: E que vai enriquecer, só para fechar, a criançada que vem para cá, porque geralmente quem vem é do ensino fundamental, não sei se um ou dois, que vem para cá fazer as visitas, que eles vêm de ônibus, fazem as parcerias aí, que eu acho isso fantástico, acho lindo quando eu vejo aquele mundo de criança aqui. Então, essas crianças vão sendo sensibilizadas e elas vão sendo trabalhadas para serem cidadãs do mundo, porque aqui o mundo está aqui, um pedaço grande do mundo está aqui, de continentes está aqui nesse instante sentados aqui, até com as nossas origens, não importa se você aqui nesse caso é brasileiro, paulista, paulistano, você está com as suas origens e eles que estão aqui. Então, eu acho isso aí fantástico, você se sentir cidadão do mundo, o pertencimento da sua origem, isso é, você não pode perder a sua origem, sua identidade, mas hoje você tem uma nova identidade aqui, e como que você trabalha essa nova identidade?

Pedro: A gente está em torno da três ainda, não é?

Thiago: Estamos. A gente pode já também trazer algo da quatro, mas também tem um pouco a ver com essa questão dos grupos, dos grupos

que não estavam... Conversa bastante com a um, mas, enfim, está aberto aqui, uma última rodada, a gente começa a levantar nessas últimas questões, o Anas vai se inscrever também.

Pedro: Então, é o seguinte, a parte do acervo eu fiquei bastante feliz de ver aquele livro que tenha a carta de admissão, era uma só uma, e eu não sabia que estava tudo no arquivo público, e o arquivo público é um lugar muito legal de ser visitado. Eu já visitei, gosto.

Vijay: Acho que a gestão dos documentos, acho que é problema. Por isso que foi tirado.

Ivan: você não pode mexer, porque antes você podia, a pessoa vinha com a luva e folheava. Hoje não pode mais, porque é um livro centenário.

Elizabeth: tem de ser com luva.

Pedro: Só para fechar um pouquinho do que foi discutido. A questão da experiência. Tem uma hora que eu entrei lá e ouvi uma voz japonesa, aí falei "legal". Aquilo mexe mesmo, a experiência acaba sendo tudo. Só para ter de retomar o tema do acervo, na Ilha da Madeira, como eu falei, é um espaço pequeno, 260.000 habitantes, então tem todo o lado documentado. Eu tive o privilégio de ter acesso a todos os meus avós bisavós, você vai achando tudo, e que era centralizado. Então você ter, que a pessoa tem acesso a um pouquinho da imigração dela, vai ser fantástico. Seja Síria, seja Índia, se ela puder ter um pouquinho de contato, uma experiência que desperte alguma coisa, eu acho que o museu já fez sua parte. Com relação à diversidade, só para... Outro pontinho que eu pensei. A exposição é em espanhol e português, espanhol e inglês. Português porque é a nossa língua, espanhol porque nossa América Latina, inglês porque é a língua universal. talvez fosse interessante pensar em fazer um sistema onde línguas, colocar o francês, colocar o chinês e o russo. Dá um trabalho, mas eu acho que o museu tem (inint) [00:50:22] para isso. Tinha mais uma ideia para dizer, eu me perdi um pouquinho... Ah, não. Estava já indo para a quatro, a diversidade. Eu achei que é importante também ter diversidade sexual trazida, porque o Brasil, querendo ou não, é uma discussão infinita nas relações internacionais, se somos ocidente ou não, particularmente eu acho que não somos ocidente, e nós estamos de fato moldando o nosso país. Nós temos um momento colonial de separar de Portugal, que é importante, gera identidade do Brasil, e o Brasil tem que ser o lugar dessa situação também da diversidade sexual e acho que isso poderia ser apresentado de uma maneira nas exposições, porque o conceito de família é de

famílias, então isso tudo pode ser também um caminho para ser explorado porque a gente não pode ficar escondendo o que acontece. A vida é... existe isso no mundo, isso no sentido de, a adversidade é muito maior do que a gente acha, sempre, e quanto mais a gente se direcionar à direção de adversidades, no plural, mais a gente ganha enquanto sociedade.

Thiago: Anas, por favor.

Anas: Muitas coisas. Mas eu vou voltar no meu eixo como uma pessoa vem de uma cultura, tentando buscar os elementos que estão presentes, não uma sala que tenho milhares de culturas respeitadas por mim, aceitas por mim, é que eu estou vivendo o tempo inteiro lá fora. Senti falta muito da presença, de explicação sobre as religiões, uma forma justa, uma forma neutra, uma forma de dando para novas gerações que eles estão praticando como um lugar educativo. Essa me levou meu direito, como eu sou uma pessoa muçulmana, quem vive hoje num mundo que está cheio de islamofobia cheio de questões, guerra, surgida por essas etnias que, infelizmente, que por causa do Ocidente, o tempo inteiro para lidar com certos países, lidar com certas religiões, certas regiões do mundo, que são frutos dessas políticas, somos nossos, imigrantes, quando vem um para o Brasil, tentando me buscar através de um alimento que é meu eixo pode deixar meu país, é meu eixo por minha mãe usar um hijab, a senhora usar uma sári, a coisa cultural, religiosa, respeitada de algo do nosso eixo, presente como todas as nossas, pode ser um símbolo, eu via uma presença muito de religiões, tem uma minoria, mas deia ter apresentado mais que uma região que é da maioria que representando uma forma totalmente (decreta) [00:53:20] ali, além de a história do Brasil foi uma história de uma população muçulmana. A Grande Revolta dos Malês fala isso. Então, era sugerir esse impacto, eu não quero tocar com essa presente dificuldade de uma religião muçulmana, que chega para cá de uma certa forma. Examinar a exposição de religião, na parte que foi religiosa, eu vi uma presença de uma religião que vem de uma população de 15% de população muçulmana, onde não vi 85% de uma população muçulmana. Essa é uma crítica. Eu quero levar, como jornalista, para minha comunidade onde estamos atuando, para chegar à essa representatividade, que a gente está atuando. É muito rápido, muitos órgãos culturais que estava em São Paulo, com o SESC, com as escolas, gente está na nossa casa, no nosso museu. A gente precisa arquivar, como claramente a gente está, esse espaço nosso para ser uma fonte para como, por exemplo, se eu quero pesquisar sobre qual tema, eu preciso voltar para cá para entender quem chegou para cá

da religião muçulmana, isso precisa ser estudado, precisa ser pesquisado, como parcerias com órgãos culturais, como é o caso da Índia, religiosos, como organização religiosas, a (própria) [00:55:01] tem, a gente tem que estabelecer uma parceria com esses passos, para disponibilizar a própria pesquisa, os próprios números, próprias mapas, como ele está atuando. Último mapa utilizado por Cáritas, de 2014, sobre as novas imigrações, onde estão morando em São Paulo, a gente tem um mapa inteiro de onde estão os sírios, onde estão os angolanos, onde estão venezuelanos, ou a gente tá vendo que a cidade está mudando o tempo inteiro, como novas comunidades estão surgindo, o próprio Cambuci, (inint) [00:55:38] o próprio Brás, o centro tem muitos sírios, a zona leste cheia de angolanos que não são refugiados, para a gente entender também como a história de refúgio é uma parte muito grande desviada da história de imigração. Como se fosse algo separado. Mas na realidade é a mesma coisa, porque o filho de um refugiado é brasileiro de pais imigrantes. Meu pai na escola falava que minha mãe era refugiada, porque a gente tem próprio tempo que vai dizer isso não ou sim, com cada uma história, etc, com esse título que é dado como se fosse uma divisão. Refugiados são imigrantes, mas imigrantes não são refugiados, como se fosse. Falando sobre refugiados a gente tem que falar sobre imigrantes, porque quando eu vim para cá, ser tratado como sírio-libanês, eu falei "não. Não sou sírio-libanês. Não sou imigrante. Eu sou sírio, refugiado. Mas eu sou sírio. Tem muito dos meus alimentos aqui presentes. Então se alguém tem um problema com x fulano de política, porque é sírio-libanês, é outro contexto, mas eu sou sírio. Ele é sírio." Mas o contexto de tempo muda.

Elizabeth: Eu acho que essa terminologia que o Anan está falando, a gente precisa trabalhar melhor isso também, em termos de a gente falar imigração, emigração, migração, é complicado, não é? Eu mesma, refugiado...

Ivan: A gente inclui tudo no mesmo balaio e acha que é tudo a mesma coisa.

Elizabeth: A questão de Portugal, por exemplo, que o Pedro colocou, pelo menos eu aprendi muito isso não dentro da escola, mas estudando muita coisa fazendo oficinas, workshops relacionados à questão histórica, nunca os portugueses foram considerados como imigrantes, porque nós somos países irmãos por conta de toda a nossa origem, começar a partir dos portugueses, mas também dos holandeses, nós temos a influência da Holanda gigantesca, e eu fui para lá nos lugares

onde os holandeses foram aqui no norte e nordeste do país e é, realmente, você pessoas ali branqueadas, loiras, de olhos azuis, que você não vê aqui, entendeu?

Pedro: Uma curiosidade rapidinho, só para pegar o gancho, lá na Ilha da Madeira, por exemplo, a imigração para o Brasil é considerada imigração que vai para a terra dos esquecidos, porque a pessoa se esquece, ela fica tão amalgamada com aonde ela chega, que ela acaba sendo esquecido. É isso o que a comunidade entende, a comunidade portuguesa que é que nem refugiado e imigrante. Ilha da Madeira é Portugal, mas Portugal não é Ilha da Madeira. Cristiano Ronaldo só virou português depois que ficou muito bom, mas antes ele era só da Ilha da Madeira.

Elizabeth: Antes ele era só da Ilha da Madeira e o pessoal até desprezava. Acontece com o Japão, acontece com Okinawa, a ilha de Okinawa tem essa equivalência.

Pedro: Tem essas clivagens internas.

Elizabeth: Tem essa rivalidade.

Pedro: E como tem essa mescla toda cultural, fica difícil de localizar, e a Ilha da Madeira é bem específico. Eu gostei quando a gente conversou no início e o Vijay falou: "tem o bolo do caco." Falei "legal, já conhece a Ilha da Madeira"

Elizabeth: E tirar um pouco dessa pecha, no caso dele, falar refugiado. Passa uma impressão, de repente, em um trabalho emocional disso, e pode até falar "não, eu meu orgulho da minha trajetória." mesmo que, vamos supor, que seja eu, eu como refugiada, mas eu venci, eu lutei, eu aconteci, entra essa questão do sucesso que o Vijay fala, mas, assim, fica uma coisa de negatividade. Não quero falar que você. Para mim, você não é. Você é um sírio que hoje está brasileiro.

Thiago: Eu vou passar para o Vijay.

Vijay: (inint) [00:59:19] uma coisa que eu, nessa nova reforma que a gente vai fazer, cada comunidade que em 50, 100 anos, contribuiu para o Brasil, a gente tem que, talvez, deixar bem claro que os italianos, o que que contribuíram para melhorar o Brasil, em termos de política, indústria, ou algum aspecto da sociedade. Isso seria uma grande informação, porque, imigrou, mas será que ele vai me valorizar, porque o brasileiro, ou qualquer pessoa tem de saber que eles vieram, integralizaram, e deram esses benefícios. E se a informação sobre a comunidade, ou de pessoas que (inint) [01:00:01]

Pedro: A troca, sobre como cada um enriqueceu um ao outro.

Vijay: Exatamente. Será mais importante para destacar de alguma forma digital, ou som, ou escrito.

Elizabeth: Muito bom.

Thiago: Ivan.

Ivan: Eu vou partilhar com vocês uma experiência que a gente teve no arsenal, a gente estava conversando um pouco antes e teve muito material que não ia ser utilizado nessa nova montagem, que acabou indo para lá, e eu fiquei um pouco responsável por redistribuir este material dentro da casa. Então, o que era dormitório eu pus em um grande dormitório, que é um dormitório que a gente faz visita, quando tinham as visitas. Atualmente, estão suspensas. Uma vez, durante a visita, uma pessoa de um grupo perguntou, falou assim "mas você não acha ruim esses homens que são acolhidos no Arsenal da Esperança olharem para essas fotos tristes?" Eu falei para ela "não. Quem me garante que esse cara que atravessou em um navio, hoje não tem uma vida, não conseguiu fazer uma vida melhor?" Depende muito do seu ponto de vista. Se você olha aquilo como uma coisa triste, fica fechado lá, é o seu jeito de ler as coisas. Eu olho como um monte de gente que ralou muito, que se esforçou muito e que, quem sabe, venceu. São Paulo é a prova disso. Não por causa dos italianos, não estou aqui para levantar a bandeira dos italianos. Dos imigrantes que chegaram e atravessaram o oceano, que naquela época era diferente, era o navio, eram as doenças. Chegaram aqui nessa casa, foram acolhidas, essa casa, lembrando o que Elizabeth falou, é a casa que acolheu a muita gente, e que, quem sabe, deram em São Paulo e foram ter uma história de sucesso, porque você pega marcas hoje de São Paulo, de alimento, de indústria, que são pessoas que imigraram. Você vê os aqui, então isso é muito importante. E a segunda coisa que eu queria falar, a gente participou de uma live nesses tempos da pandemia com o pessoal do museu e foi falado que a hospedaria foi inaugurada às pressas por causa da pandemia, aquela primeira, da gripe espanhola. Ninguém fala isso. Então, a gente sai para fazer uma pesquisa, quem vai no museu da imigração pesquisar sobre a pandemia de 100 anos atrás? Ninguém, porque uma o Museu da Imigração vai me dar que informação? Eu vou no hospital, eu vou na parte da ciência, mas eu não vim ver aqui o que estava sendo feito com essa população que vinha, que provavelmente trouxe no navio, que os hábitos higiênicos eram péssimos. Aqui tem essa história contada, tem essa história guardada. A gente participou de uma live que falava justamente sobre isso. Então, essa diversidade

também é enfrentar os novos problemas, olhando um pouco... o que essa casa fez? Essa casa que representava São Paulo era uma outra São Paulo, era uma população menor, mas tinham as doenças, tinha desemprego...

Elizabeth: Os novos deslocamentos. Trabalhar isso trabalhar isso, mas isso foi enriquecido nesses dois anos que teve de pandemia, plena pandemia, nós tivemos inúmeras lives, e essa parceria que a gente está esquecendo de falar, não é Tiago, com o Museu do Café lá em Santos. São, hoje, mais do que nunca, primos-irmãos. A gestão é a mesma, em termos de governo estadual, Secretaria de Estado da Cultura e a organização social que gere os dois espaços. É fantástico, e, em segundo, o pessoal foi falando para mim ao longo do tempo que vai ficar cada vez mais próximo. Então, a gente acabou tomando conhecimento dessas coisas todas nessas lives, porque tem um acervo lá que tem a ver com acervo daqui, porque, quando os navios chegavam, na sua grande maioria, eles aportavam no Porto de Santos. Então, você tinha também, provavelmente, é algum espaço ali onde as pessoas ficavam, que elas não iam ficar no convés do navio, até elas virem para cá, para São Paulo, porque a grande maioria, quando veio aquela primeira onda, era para as fazendas de café, mas muitos ficaram em São Paulo. Aí entra essa questão de quanto eles contribuíram, todos esses imigrantes. Contribuíram com tudo. Com a nossa fala, com a nossa comida, com as festas, com a arquitetura, várias construções, o metrô, a partir dos anos 70, foi construído pelos nordestinos, mas antes disso os imigrantes construíram praticamente São Paulo, para virar a metrópole que virou.

Ivan: É legal essa história que você fala do sucesso. As pessoas poderiam vir para cá também para ver histórias de sucesso.

Vijay: (inint) [01:04:08] E você vem aqui, porque a criança, por exemplo, uma criança da escola, vai ver que alguém imigrou e virou sucesso. Contribuiu. Ela tem mais uma motivação para imigrar para outro país, como ele falou que essa seria um sinônimo de chegar às bordas, ou país.

Ivan: Mas naquilo que o Anas estava falando, as barreiras geográficas, quando hospedaria, o memorial, eram mais fixas. Hoje, a gente está vendo que tudo está muito mais (mole) [01:04:37]. Capaz que, daqui a dois anos, nasça um novo país em uma divisão que a gente não sabia, e, também, eles vão querer falar que eles precisam da história deles, precisam ser representados.

Vijay: Feliz e infelizmente.

Ivan: As barreiras.

Vijay: Feliz e infelizmente.

Anas: Nossa parte mediar isso como uma sociedade na qual estamos presentes. Esse lugar que eu quero não quero construir com novas gerações, porque as novas gerações estão indo ver a gente quando falamos "no meu país é assim" e eles falam "tio, agora a gente está mais moderno." Esse é um lugar no qual a gente precisa estar na mediação. Quando a gente estava no museu, essa é a porta da história que veio para explicar isso. Eu não quero falar "desculpa" para quando eu for falar "olha, eu sou sírio, desculpa por tudo o que aconteceu, sobre minha chegada aqui, porque a minha chegada é diferente de chegada dos sírios para cá 100 anos atrás. Todas as nacionalidades farão. A gente está falando sobre um museu, além de ele ser uma peça do nosso histórico, do nosso entendimento para a nossa nova, atual, ele é uma mensagem muito forte para as novas gerações. Eu não quero ofender ninguém quando eu contar uma história "me ofendeu agora" com um museu que me representa. A casa que está aqui, por política daquela época. Há turcos que fizeram com o Brasil um tratado para liberar para o povo vir para cá com um documento turco. Mas, quem são esses povos? Sírio-libaneses. A própria palavra sírio-libaneses é um tapa na cara da política daquela época. Agora, você fala "turco" para um árabe, eu falo para você "você conhece o que é um turco?" Com respeito total para os turcos, mas é um tapa na cara da história.

Elizabeth: Nós tivemos que aprender isso que ele está falando ao longo do tempo. A gente foi cultural, erroneamente educado para isso. Mal-educados, na verdade.

Pedro: Mas as gerações anteriores podem ter noção da geografia daquela época. (inint) [01:07:22] a União Soviética, já falei da Armênia. A Armênia, em 1987, era União Soviética.

Elizabeth: E até nesse momento, nessa roda, nós estamos ampliando. Você falou isso, também, que você está abrindo sua mente para.

Thiago: Deixa-me colocar uma questão sobre isso, que eu acho que apareceu em outras conversas que a gente não gravou, mas tem uma coisa dessa exposição, que é bem abstrata, que tem um pouco a ver com o que vocês estão falando, sobre falta de pessoas, falta de indivíduos. Então, de alguma forma, os episódios históricos estão fora da exposição. Nenhum episódio histórico do Império Turco Otomano, o que foi o Império Turco Otomano, o que aconteceu naquela região, isso está fora.

Ivan: Está contextualizado ali, não está?

Thiago: E eu acho que esse é um desafio, no sentido de cada povo, a gente vai procurar uma história. Como é que você vai conseguir colocar isso, é sempre um desafio. Eu tendo a pensar eu, Thiago, pesquisador aqui no Museu da Imigração, que é isso aqui, são os parceiros nossos que vão trazer, e a cada oito anos, a gente vai ter que escutar novos parceiros, e enriquecendo, de alguma forma, esse espaço aqui.

Vijay: Outra coisa, acho que tudo o que eu falo pode ser possível ou impossível, não sei. Há duas gerações, três gerações. Você tem de representar as 3 gerações, porque o histórico de uma geração... por exemplo, meu filho ou filha, eles vêm aqui, agora, eles têm que contar a história do Brasil, também. Alguma parte, algum assunto dessa, você também coleta, de forma a divulgá-la.

Pedro: E eles são brasileiros, não é?

Vijay: É. Eles são brasileiros.

Pedro: Eles vão ver o pai e vão falar "esse é o poder do Brasil."

Ivan: Eles vão ver o pai e vão falar "essa é a história do meu pai." A minha já não é mais essa, a minha já é além da dele porque começou aqui.

Vijay: Isso também precisa ser incluído para (inint) [01:09:00] melhor.

Anas: Thiago, você está falando sobre como contar a história do passado, até hoje em dia, para passar para a frente como uma forma, a gente tendo uma base, eu falei eu sou muito (jovem) [01:09:14] de literatura. Eu, quando eu fui aprender sobre o Brasil, eu fui à literatura. O Brasil está fazendo hoje dia isso, está aprendendo a escrever a própria história, que não seja uma referência europeia, a um autor que vem para cá passear para ver como os índios estavam vivendo, escreveu. A própria comunidade está começando... nasceu a nova geração, novo gênero de literatura, de hoje em dia, que está falando sobre imigração, com (inint) [01:09:44]. A gente já tem milhares de livros, como um evento pequeno no Centro Cultural de São Paulo, temos 10 livros que atingiu um lugar. Imagina cada livro, onde vai atingir. Aí, no Brasil, a gente tem histórias de literatura, porque foi um lugar onde recebeu as pessoas, com garantia de, alguns passos, algumas batidas, apropriar a fala, como estávamos falando, sobre como aqui é um país onde o árabe vive ao lado do judeu, todas etnias, de uma forma ou outra, a gente está vendo que estão narrando a história, o próprio espaço, o próprio tempo para narrar a história, a

gente tem como pesquisar cada um diário dele. Eu vivo, a minha casa está cheia de livros. Os árabes que escreveram no Brasil coisas, como se diriam. Então, hoje eu vejo um livro de tal autor, essa ele pegou uma história, colocou o tempero dele e não é o nosso, esse é muito nosso, esse não é nosso, esse desrespeitou o nosso, esse... então, quando a gente fala com essa pesquisa, além de pessoas, além de órgãos, que são embaixadas, além de órgãos religiosos, a gente tem literatura, a gente tem a nossa base, nossa cultura árabe. Teve uma história de 1940, tem autores que fugiram de um cara que está lá, que um dia ele acordou, ele juntou quase 17.000 autores, poetas, que escrevem, jornalistas, e mataram-nos, uma vez. A maioria fugiu para as duas Américas. As Américas foram para onde esses autores conseguiram escapar. Gibran Khalil Gibran, ele é famoso, ele foi para a América e seus amigos foram para o Brasil. Então, a gente está falando sobre poder, sobre imigração, que tem narrativas além de ordens políticas, que essa caneta de narrativa... está na mão de quem?

Pedro: E, para mim, na narrativa oficial, não é?

Anas: E para quem vai essa narrativa? Para dominar mais poder ou para registrar a história?

Elizabeth: você chegou no ponto crítico da vida.

Anas: Não é só o ponto crítico. A gente está, hoje em dia, nessa, a gente sabe muito bem que não tem garantias de amanhã, mas a gente tem, também me lembrando, marcar os passos, marcar todo o poder que a gente está aproveitando, no lugar que cada um defende, porque, se eu tomo café com cardamomo, você toma café com bolo, café, fala "como isso chegou para mim?" Como você chegou para você? Porque a sua história vale o mesmo que a minha. Quando a gente a amarra de alguma forma, respeitada, e de tudo o que sua própria gente, eu acho um avanço.

Thiago: Gostei.

Pedro: Só nesse sentido, só um comentáriozinho extra, o professor Alberto Vieira, lá da Ilha da Madeira, ele estudava no Centro de Estudos de História do Atlântico. Ele fazia história toda do Atlântico. Um pesquisador muito graduado, ele já faleceu, mas ele estudou durante muito tempo. Os tempos fossem mais, pós-doutorado, ele criou a nona ilha, que era a Ilha da Madeira fora da ilha, que era o que a pessoa representava para a Ilha da Madeira, como é que ela vivia a Ilha da Madeira. Então sob essa perspectiva, ajuda a pensar muita coisa. Como o indiano vive a Índia aqui, fora da Índia não é porque a pessoa se

focaliza como indiana. A gente aprende muito bem, com o Revelando São Paulo, que é do governo do estado, não é? Tinha os indígenas. Minha mãe sempre fala que um indígena chegou para ela e falou assim "eu posso ser o que você é sem deixar de ser eu sou." Uma discussão que que é muito presente, assim. O índio não usa celular. Enfim, o mundo muda, estamos todos juntos, existem as diferenças, mas, aqui no museu a gente tem de buscar o fio da humanidade, não é, Anas?

Anas: Exato.

Pedro: As semelhanças, não é?

Ivan: E eu acho que, por mais que a gente fale de uma exposição de longa duração, que o nome já caracteriza, é nítido, ninguém vai achar que dura uma semana. Dura muito mais que uma semana, porque vocês têm que ter uma segurança, vocês têm que ter um projeto, tem o autor, tem o artista, e isso envolve grana, mas o que não coube ali, pode caber na de curta duração ou pode caber no digital que a gente começou falando disso. "Olha, não deu porque ainda não estava acontecendo esse movimento. Faz um digital. Faz uma gravação." Põe lá um QR Code e a pessoa consegue acessar e ela não sai achando que está faltando tanto. Está faltando, mas um pouquinho foi falado.

Pedro: E que essa gravação também possa, de repente, ser a cargo das próprias comunidades, que vão se atualizando. "Olha, essa é a festa x, a festa y", porque daí também é um trabalho conjunto.

Elizabeth: Por isso as parcerias constantes com os consulados, com os institutos culturais que existem, centros culturais, com os próprios museus que também têm essa mesma temática.

Pedro: A gente está abraçando o mundo, não vamos conseguir segurar.

Anas: Nós somos o mundo. Se, agora, a gente pegar uma fita e colocar aqui, eu quando eu vou falar a respeito de um lugar, onde tem a Índia, esse é o mundo. Então, se a gente vai fazer uma exposição de curto tempo, um mês, a gente tem que buscar as fontes. As fontes são todas suas vidas, órgãos, pessoas pesquisando, sabendo. No lugar que eu vou falar sobre a história da Síria, de uma pessoa que está mediando uma história e, além, eu vou para a USP procurar quem está estudando a história do Oriente Médio, que ele pode contribuir com nosso seu trabalho. A gente está falando de acadêmico, a gente está falando de sociologia, a gente está falando de todos os casos, porque lá fora quando acontece, eu vou viver ao lado de um vizinho de um país africano, não posso olhar mais e desrespeitar a história dele, por um

motivo, seja como ele toma banho, seja como ele toma banho, seja como ele canta, como fala alto. A gente tem que saber dividir essa mediação. A gente tem que aplicar isso lá fora. Quem chega aqui tem de assistir uma aula de história, uma aula de educação de novo, porque a gente não está no Brasil. A gente está... quando eu cheguei no Brasil, muitas coisas tentaram me mudar, como minha forma de árabe "ah, não pode. Por que não pode?".

Thiago: Uma certa noção de convivência é o que você está sugerindo?

Anas: Sim, essa sim. Quando a gente vem, pega um mês para cá, com a Índia, com os países asiáticos, a própria vivência de um mês aqui com a comunidade inteira deles, inteira para as pessoas interessadas buscarem informações, ao estudar mais... a própria Unicamp tem milhares de linhas, de áreas de estudos.

Pedro: Acho que fecha bem. Uma longa duração, com uma curta duração mais específica, com um saiba mais.

Ivan: É o pequeno, o médio e o longo.

Elizabeth: Onde tenha essa constante interatividade. Aqui tem de ser uma casa plena dessa interatividade, esses encontros, dessas discussões, rodas de conversa.

Ivan: E quando isso virar um calendário, você faz com que as pessoas que já visitaram a longa queiram vir.

Anas: Na festa do imigrante, eu já tenho noção de tudo o que está ali, porque a gente é uma comunidade. A gente, querendo ou não, a sua filha vai ser brasileira, meu filho vai ser brasileiro. Na escola, "ah, filho de imigrantes" ele é um novo brasileiro, porque vai ser professor, político, dançarino, jogador de futebol.

Pedro: Ser humano não é planta, não fica no mesmo lugar, então ele vai e se desloca.

Vijay: Vocês têm pesquisa de dados que contam quantas pessoas repetidas visitam vocês? Que visitam vocês várias vezes? Porque a programação do exilado, de longa, curta, depende daquele dado ou do interesse do povo para visitar.

Thiago: Talvez a gente tenha esse dado.

Vijay: Oito anos aqui uma vez a visita é suficiente para ele. Se ele visita várias vezes, para alguma coisa, porque o museu, minha ideia de mim é conhecer a história da imigração, café, café. Eu perguntei que se, eu desenho algum projeto, porque vai que precisam recursos mobiliza em

nossos milhões de dólares, para você a gente dá uma sugestão de graça, é de curta, aplicativo.

Thiago: A gente está escutando 50 pessoas, então imagina.

Vijay: Eu acho que depende dos dados, qual o número de pessoas você busca atrair e quanto frequentador. Se frequenta uma vez, então isso tudo está ok, mas sem contexto.

Anan: Eu tenho uma opinião sobre a importância do nosso Museu da Imigração para levar para amanhã à nossa sala de aula, na rua, no comércio, alugar uma casa para alguém. Essa, depende de repetição de visitas, mesmo. O museu tem uma programação incrível. Eu já participei nessa sala de mais 30 reuniões, de 30 projetos, de 30 pesquisas e já foi só passeando por aí, porque eu estou aqui há seis anos e eu já encontrei milhares de rostos diferentes e repetidos. Isso leva o nosso discurso para ser uma marcação de espaços, de tempos, de cidade porque a gente está no centro de São Paulo, a gente querendo ou não. É uma fonte para procurar informações, uma fonte para acertar isso, e a propaganda de festa é própria. A última vez que eu participei antes da pandemia chegavam para cá mais de 60.000, acho que até mais. Então esses 60.000 tem com certeza vão marcar na cabeça de uma criança, aquela parede estava tendo muitos sobrenomes ele vai, quando ver um sobrenome diferente na escola dele, vai falar para ele "você é de onde?" "Eu sou da Índia." "Ah, no Museu da Imigração tem." é um trabalho bem...

Vijay: A época de festas, quando acontece, muita gente visita e (inint) [01:21:30] e uma coisa que realmente essas festas, essas reuniões pessoas, reuniões, visitam aí falaram não vai ouvir você para você está mostrando...

Anas: É algo fantástico a festa de imigrantes. Se a gente completa com nosso trabalho, como uma exposição fixa, firme, é como todas essas que representam a gente, eu incrível.

Thiago: Gente, eu acho que a gente levantou...

Elizabeth: Tudo e mais um pouco.

(FIM)

Quarto Encontro: Organizações internacionais, autoridades no tema migratório e ONGs

Data: 26 de Agosto de 2022

1. Organização: *Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI – Oriana Jara)*

Representante: Tabita Tiede Lopes

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O CRAI é um equipamento do Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS) conveniado à Prefeitura de São Paulo/ Secretaria de Direitos Humanos, atendendo à população migrante e refugiada do município a partir dos parâmetros definidos pela Lei Municipal 16478 de 2016. Estou há pouco tempo na organização, mas sei que o Museu é um parceiro de longa data, especialmente do projeto Línguas Migrantes (juntamente com a Unifesp). Além disso, em mais de um momento contamos uns com os outros para nos ajudar em necessidades mais cotidianas, como o empréstimo do bonito espaço do Museu para uma atividade etc.

2. Organização: *Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente – Secretária Municipal de Direitos Humanos e Cidadania*

Representante: Núria Margarit Carbassa

Nacionalidade: Catalã (espanhola)

Descrição: A Coordenação de Políticas para Imigrantes (CPMig) foi criada no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC), tem como objetivo é articular as políticas públicas migratórias no município de forma transversal, intersetorial e intersecretarial, uma proposta pioneira no país. Juntamente com a política municipal para a população imigrante, a

coordenação articula as políticas públicas para a promoção do trabalho decente no município de São Paulo. A experiência mais recente de parceria entre a CPMigTD e o Museu foi o desenvolvimento de uma ação no mês da mulher, em parceria com a OIM, chamado “mulher além das fronteiras”, no qual realizou-se uma jornada de palestras e rodas de conversa para mulheres imigrantes.

3. Organização: *Instituto ADUS- Instituto de Reintegração do Refugiado*

Representante: Cleita Fernandes

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O Instituto Adus é uma ONG que promove a integração de refugiados na sociedade brasileira há cerca de doze anos. Nós, do Adus, sabemos que a busca por refúgio não é uma escolha. É um direito. Refugiados são pessoas em situação de risco e vulnerabilidade, que tentam recomeçar suas vidas com segurança. Sua migração forçada ocorre por causas diversas, incluindo perseguição, conflitos armados e violações de direitos humanos. Essa é uma realidade global e o Brasil é um dos países que assumem deveres e obrigações legais relacionadas ao acolhimento de refugiados. Ao exercer esse compromisso, nosso país colhe benefícios econômicos, culturais e sociais. Nesse contexto, o Adus apoia aqueles que chegam ao Brasil, para que possam escolher os seus caminhos de forma autônoma e consciente. O Museu cedeu um espaço físico (sala de aula) de 2018 até chegada da pandemia para que pudemos atuar com um de nossos programas – aulas de idiomas com professores refugiados.

4. Organização: *Organização Internacional para as Migrações (OIM)*

Representante: Gabryela Claudino

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: A Organização Internacional para as Migrações (OIM) faz parte do Sistema das Nações Unidas como a principal organização intergovernamental que promove a migração humana e ordenada para o benefício de todos. A OIM está presente no Brasil desde 2016. A parceria com o Museu veio através de dos seguintes eventos: Participação de evento sobre dia das meninas - Prevenção a fake news para meninas migrantes - em parceria com Plan International - outubro 2021; Participação da Festa do Migrante - dezembro 2021; Co-participação/organização do evento "Mulheres além das fronteiras" - mês internacional das mulheres, para mulheres migrantes, em parceria com Secretaria Municipal de Direitos Humanos.

5. Organização: *Missão Paz – Centro de Estudos Migratórios (CEM)*

Representante: José Carlos Pereira

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: O Centro de Estudos Migratórios está em atividade na Missão Paz desde 1968, carregando uma tradição de diálogo constante com a comunidade acadêmica e migrante. O CEM conta com uma biblioteca especializada na temática de Migração e Refúgio, além de um Centro de Memória e Documentação da Missão Paz. As visitas monitoradas são conduzidas pelo Centro de Estudos Migratórios, através da biblioteca. Desde 1988, o CEM é responsável pela edição da Revista Travessia e pela publicação de diversos livros. Também organiza eventos multidisciplinares, como os Diálogos no CEM, que reúnem recorrentemente pesquisadores, intelectuais, ativistas e outros interessados nas diferentes temáticas ligadas às migrações. O CEM da Missão Paz é um dos seis centros de estudos migratórios da Scalabrini International Migration Network (SIMN), os outros estão sediados em Buenos Aires (Argentina), Cidade do Cabo (África do Sul), Manila (Filipinas), Nova Iorque (EUA), Paris (França), e Roma (Itália). A parceria com o Museu se dá através de: realização de seminários;

organização de exposição temática, “venezuelanos”, juntamente com outros parceiros; participação em podcast do Museu e, produção da Revista Travessia

6. Organização: Associação Multiplicando Esperança (AME+)

Representante: Elcio Careli

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: A AME+ é fruto de iniciativa de homens e mulheres cristãs que colocam em prática o princípio de que a fé sem obras é morta, visando atender crianças de famílias de baixa renda através de um atendimento de qualidade: incentivo à leitura, projetos pedagógicos, ética cristã, artes, musicalização, esportes, recreação, alimentação, projetos de vida, educação para os direitos humanos, entre outros.

Em: <https://www.ame-mais.org/a-ame/>

7. Organização: Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC)

Representante: Thais La Rosa

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O CDHIC é uma organização da sociedade civil que tem como objetivo promover, organizar, realizar e articular ações que visem à construção de uma política migratória que respeite os Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais dos imigrantes e suas famílias no Brasil. Atua por meio de ações diretas na assessoria para a regularização migratória, bem como através de atividades de formação política e informativas visando à sustentabilidade dos empreendimentos dos imigrantes e a garantia de condições dignas de trabalho a todos. A figura humana, a pessoa do imigrante, seu protagonismo e sua cidadania são sempre os eixos de suas ações. Em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/MIGRANTES/2018_mapeamento%20grupos_11_01_19%20FINAL.pdf

(INÍCIO)

Henrique: Bom, gente, então vamos fazer a mesma coisa que a gente fez ali. Eu vou fazer a pergunta, vocês levantem a mão, aí eu vou inscrevendo aqui vocês, e a gente vai comentando, um a um, as perguntas, tá? Bom, e aí, para ajudar a gente, tinha algumas imagens?

Carol: Tem, tem as imagens dos módulos.

Henrique: É, só para a gente ficar mais a par também da narrativa da exposição, tem algumas imagens dos módulos, caso vocês queiram comentar um ou outro, especificamente, a gente vem nessas imagens, para vocês comentarem aí também.

Bom, e aí a primeira pergunta é: na atual exposição de longa duração, quais grupos não têm retratada a sua experiência migratória? Vamos começar.

Cleita: Eu posso? Eu não sei se vou responder do jeito que você está me perguntando - eu sou dessas. Ao invés de responder quais grupos, eu só queria focar num grupo que eu acho que a experiência, como foi passada, ela foi talvez superficial, que foi a chegada dos escravos aqui e colocar todo mundo num pacote de africanos.

Eu acho que existe o nigeriano, ou o sul africano, o togolese, o camaronês e não o africano, porque quando retratou sobre os imigrantes da Europa, foi trazido o italiano, referência portuguesa, referência espanhola. Então eu acho que rever isso seria interessante. Essa é minha contribuição, que eu tenho que dar.

Henrique: Zé e Tabita.

José Carlos: Obrigado. Bom, eu não posso dizer que vi toda a exposição, então já vou dizer que pode ser que já esteja contemplado ali nas partes que eu não vi, mas como eu não vi toda, então eu não posso abusar do direito de dizer. Senti falta, por exemplo, de uma retratação em relação aos chineses e de coreanos, sul-coreanos eu vi pouco, mas, por exemplo, há uma imigração coreana no Vale do Ribeira, em São Paulo, que foi bastante significativa. E depois do Vale do Ribeira, devido as péssimas condições de trabalho, muitos deles vêm para a capital. Eu não vi esses, um pouco o reflexo disso lá.

E também senti falta no que diz respeito à imigração indígena, eu vi que estava um pouco mais reportada sobretudo para o período colonial. Então do século 19, eu não vi esse retrato da imigração indígena em São Paulo que, infelizmente, existe até hoje.

Tabita: Então, continuando, complementando os colegas, eu também não sei se eu vou responder exatamente da forma como... enfim, responder exatamente o que vocês estão perguntando, mas também eu não sei se o que eu quero colocar se encaixa nessas... em uma dessas quatro perguntas que foram feitas, porque, para ser bem objetiva assim, eu acho que a Hospedaria dos Imigrantes nasceu de uma política racista da elite do café e eu acho que isso precisa aparecer mais e acho que isso não aparece assim. Ser pontuado aqui ou ali não responde a isso, não diz e não oferece subsídios talvez para a equipe do educativo né, de vocês assim, parece que se aí vem falar de uma política do branqueamento, uma política racista da elite do café, parece que é uma coisa da cabeça ali do educador, historiador ali que está aprendendo e que está tirando da cabeça dele. Então se isso não aparecer na exposição em si, vai ser muito difícil que o imigrante branco não seja glorificado com a exposição do museu aqui.

Então eu acho que o Museu da Imigração tem uma vocação, que é justamente contar a sua própria história, oxalá que seja de uma maneira crítica, tomara que seja de uma maneira crítica, porque esse

prédio foi construído com um objetivo, teve uma história, teve um objetivo muito específico, foi a elite do café que construiu isso aqui, isso precisa ser dito. E eu acho que a gente precisa olhar para esses imigrantes brancos que foram os primeiros a ser trazidos, eu sei que não os únicos, porque depois vieram muitos outros grupos, mas o prédio existe para isso, para trazer, porque eles não vieram sozinhos, eles foram trazidos por uma política desse grupo específico, então isso precisa ser dito, com todas as letras.

E eu acho que o museu tem uma possibilidade muito importante de contar essa história e de proporcionar um espaço de reflexão sobre a branquitude paulista, sobre a própria condição do paulista no Brasil, no contexto da sociedade brasileira, sobre a paulistanidade, o que é ser paulista e o que é ser branco paulista também e o que é ser negro também, aqui nesse território, e o que é ser indígena nesse território e as relações entre esses grupos sociais, mas contados a partir do que esse espaço proporciona. Então contar isso: para que foi construído esse espaço, exatamente, quem foi que construiu, quais foram as famílias muito importantes da época, as próprias disputas no interior da elite do café daquele momento.

Então foi um grupo vencedor dessas disputas, como projeto político muito específico, que construiu essa hospedaria, e quais eram esses objetivos desse grupo que venceu essas disputas? O que o outro grupo queria? O que o outro grupo defendia? Venceu o projeto do latifúndio da substituição, como passou para a historiografia, a substituição da mão de obra escravizada para a mão de obra livre, que necessariamente era branca, de famílias europeias católicas. Então isso precisa aparecer como um projeto, como uma política desse grupo, uma política consciente desse grupo.

Elcio: A questão da... dá a impressão, sempre quando a gente observa a exposição, de uma certa neutralidade. Essa neutralidade não existe. Eu acho que essa questão desse olhar crítico, que historiografia é essa?

Essa historiografia é uma historiografia branca, europeia, uma elite cafeeira, paulista e está muito enraizada.

Então numa outra exposição, eu acho que isso tem que ser discutido, a exposição deve revelar essa discussão, vamos dizer assim. Então tem a questão indígena, tem a questão das populações africanas que vieram para o Brasil, da escravização e do apagamento dessas memórias, e que é uma coisa que está muito presente em São Paulo, no bairro da Liberdade lá, que é um bairro oriental, mas que na gênese não era oriental e isso está apagado. Então essas revelações eu acho que a exposição, uma nova exposição pode trazer.

E aquele número que você passou me impressionou muito, que metade dos imigrantes não eram estrangeiros, eram brasileiros e nem eram reconhecidos propriamente, eram cearenses, piauienses, os nordestinos, os mineiros que chegavam e eram metade. A gente, o imaginário que a gente constrói da imigração é o imaginário italiano-mooquense, não é?

Cleita: É, porque alguém vem contando essa história faz tempo, acho que não é nem o imaginário, ela está sendo contada dessa forma faz tempo.

José Carlos: E eu acho que é uma grande questão.

Nuria: Não, puxa, eu estou entendendo o que vocês estão falando. Eu assino embaixo na fala da Tabita e na fala do Laércio e assim qual o propósito de continuar sendo esse museu, porque reafirma essa identidade italiana e o museu serve para isso no fim das contas, a gente está discutindo aqui, que outras identidades, que outros discursos também aparecer... não sei se vamos conseguir que coexistam, mas pelo menos glorificar essa única narrativa ia ser bem importante e aí somando aos grupos que não tiveram retratada a sua experiência migratória.

Acho que a parte da pesquisa educativa que o museu já discutiu muito em São Paulo, não vou falar nada novo, mas a parte nordestina, imigrante sem o i no meio, falta muito, a imigração de mulheres, ou seja, tentaram discutir, então trazer esses outros grupos. Quem eram essas pessoas que migravam, mesmo os europeus? Eram famílias, não eram homens solteiros, era promovida uma migração de famílias, ou seja, crianças migravam, mulheres migravam, idosos migraram, então todos esses grupos não existem, tipo um imigrante em abstrato e tudo o que é abstrato, como a gente imagina: branco, hétero, homem, então trazer isso acho que seria bem interessante também.

Thaís: Eu senti falta, ao longo da exposição, de mais textos de maior profundidade. Eu entendo que a exposição se relaciona com vídeos que até são feitos em formato de pílula, para que as pessoas possam acessar, mas eu senti falta dessa maior profundidade, especialmente fazendo uma análise social, econômica, política dos povos que migraram para cá, porque a impressão que eu tive é que ficou todo mundo dentro de um mesmo saco ali, e a gente sabe que inclusive hoje as migrações são motivadas por um sistema capitalista predatório, por países hegemônicos que continuam vilipendiando os países que aí são considerados países periféricos, e que as pessoas precisam migrar porque precisam sobreviver. Então eu senti um pouco falta dessa análise política mesmo do sistema internacional dos povos que estão sendo retratados ali.

Gabriele: Eu acho que dentro da parte da retratação de alguns povos que ficaram faltando, na parte de migração urbana assim, eu acho que deveria ter sido explorado mais quem são esses novos imigrantes que nós vamos encontrar aí. Acho que trazer esses rostos, essas vozes novas seria interessante.

Cleita: É, se você começar, se a gente pensar, foi em 2014, não é?

Henrique: Sim.

Cleita: Em 2014, já tinha um fluxo gigantesco de haitianos aqui no Brasil.

Thais: Bolivianos muitos tinha também

Cleita: Tinha retratado bem sutil os bolivianos mesmo, mas assim quando a gente chega naquela parte das fotos, que tem separado pelos bairros aqui de São Paulo, Moóca, Bom Retiro e tudo o mais, aquilo eu não senti que representa São Paulo, inclusive assim, aquilo foi uma parte assim, parece que faltaram várias pessoas ali, vários grupos ali que poderiam ter sido mostrados, mesmo em 2014, acho que já teria como contar essa história, então cai naquilo que a Tabita falou, essa é uma parte da história que intensivamente foi contada e com um viés mais para essa narrativa da migração italiana, para o fim para contar sobre a migração de São Paulo, acho que, pelo menos, o meu entendimento foi: queríamos contar a migração no Brasil, mas acabamos como foi a migração de São Paulo. E não sei se o objetivo era esse também, talvez fosse.

Nuria: É muita coisa. Mas parece que tem muito um corte, você está ali na migração histórica...

Cleita: Isso.

Nuria: ...aí para, aí vem uma cor e tem duas coisas aqui: a gente chama de migração histórica a migração contemporânea, mas não acontece um vácuo no tempo que aí corta para um lugar e aí é outra coisa, tipo é uma sucessão de mudanças geopolíticas, como vocês falam, e constrói uma migração sul sul na atualidade, que não era antigamente, mas é uma história que vai se moldando, que parece que corta e já fala de outra coisa, no sentido de: "Ah, eu lembrei que hoje também tem, tem aqui imigrantes hoje, olha que contribuições maravilhosas", que também é outro tema. Mas acho que daria como integrar isso tudo que hoje tem como fazer isso

José Carlos: Exato. Acho que o que antecede mesmo essa questão dos grupos, é de fato contextualizar essa política migratória de então, que era uma imigração subsidiada pelo estado, tinha que contextualizar isso, o que dialoga diretamente com o que a Tabita está colocando e isso contribui muito, seja para as escolas, ensino fundamental e médio, mas mesmo para as universidades, que às vezes não fazem esse debate e para a população em geral, que vem visitar o museu.

E isso também dialoga com a questão que você colocou que é a questão da memória, então essa exposição é uma memória de quem? Então de quem? Quem é que está contando essa história e quem é que está preservando essa história? E por que está preservando isso?

Então nesse sentido acho que mais para a frente talvez possa aparecer mais inclusive a enorme contribuição das mulheres para a urbanização de São Paulo, da capital de São Paulo. Se pegar diversos bairros na periferia da zona leste, da zona oeste, ou da zona sul, que foram urbanizados por mulheres, esposas ou filhas de imigrantes que até hoje muitas vezes não conseguem um trabalho, ou conseguem um trabalho, têm duplas, triplas jornadas, fazendo seus barraquinhos. Eu acho que essa é uma história, é uma memória da cidade de São Paulo que talvez pudesse ser registrada também.

Henrique: Gente, eu vou deixar vocês falando assim, eu tenho muita vontade de fazer comentários, mas a princípio para vocês falarem, depois a gente pode conversar sobre muitas coisas.

Cleita: Esse dado que você trouxe para a gente aí sobre metade deveria estar nessa exposição, inclusive, eu acho, porque na cabeça de todo mundo eram todos brasileiros que passaram por aqui, não é?

Henrique: Então, aproveitando, e já que a gente está falando desses grupos representados, vocês se recordam nessa passagem pela exposição, de verem grupos brasileiros imigrantes representados e onde?

José Carlos: Eu vi, por exemplo, do Ceará, tem do Piauí, mas assim gente sabe que é muito mais do que isso, então dos diversos estados do nordeste e também do estado de Minas Gerais, que não estão ali.

Cleita: Cadê nosso pão de queijo, gente? Essa brincadeira, nosso pão de queijo.

Gabriele: Não cheguei a ver, não.

Henrique: Não?

Gabriele: Não.

Elcio: Há uma desproporção, viu.

Cleita: Eu acho que tem outros grupos também além de sudeste, nordeste, que nem se fala um pouco ali, mais fala do norte do país. Teve uma coisa que, agora a gente conversando e tudo o mais, me chamou a atenção e eu posso ter perdido isso, tá, gente, na exposição, que fala um pouco lá da construção de São Paulo, mas o quanto os nordestinos foram importantes na construção da cidade também, que migraram para construir a cidade. Isso, se aparece, eu não vi assim, realmente, posso estar enganada.

Thaís: Tem uma parte que eu lembro de ter visto isso, que era uma foto específica de uma mulher segurando um bebê, parecia que ela estava amamentando, tinha outras crianças com ela e um homem e aí falava especificamente sobre - é, é essa daí mesmo, essa migração é interna - e ali eu me surpreendi, porque tem inclusive um gráfico que vai mostrando ali, então o mais alto é a migração internacional e o mais baixo é a migração interna e que isso se mantém até 1970? Não, 1940, eu acho.

Henrique: Eu acho que o gráfico vai até década de 1970 eu acho, alguma coisa assim.

Thaís: É.

José Carlos: Mas as curvas...

Elcio: Mas as curvas se...

Elcio: ...as curvas se cruzam.

Thaís: Isso. Quando chega em um dado momento, elas se cruzam e aí a migração internacional perde esse lugar de superioridade. Então eu lembro de ter visto isso, então está ali, a migração interna está ali, mas de fato num espaço reduzido comparado com o resto das migrações.

Núria: E é aquilo que você falou, por que isso aconteceu?

Thaís: Exato.

Núria: Aconteceu assim naturalmente? A impressão eram que essas políticas mesmo

Thaís: Exato, porque menciona muito assim superficialmente, por conta da seca, então estava escrito uma seca devastadora e aí tinha uma outra razão, mas assim em passant, sabe, muito rapidamente.

José Carlos: Mas na época da construção de São Paulo que era uma das principais motivações da atração dessas pessoas do nordeste para cá e o abandono político mesmo nas regiões do nordeste. E me chamou a atenção também duas imagens bastante icônicas de São Paulo, uma foi o estádio do Pacaembu e a outra o prédio São Paulo, que são imagens icônicas da capital e são representativas dessa contribuição da migração nordestina para a urbanização de São Paulo, o desenvolvimento de São Paulo. Então eu estou falando isso porque eu fui lá, estudei, conversei com pessoas, mas quem vem visitar a exposição e vê essas imagens será que vai fazer essa mesma associação?

Henrique: Não associa, não é?

Cleita: Não associa.

José Carlos: Isso mesmo.

Cleita: Como é que você chama? Esqueci.

José Carlos: José Carlos.

Cleita: É o José Carlos, três vezes ele falou coisas e eu preciso falar isso, porque é assim, a gente está num grupo aqui que a gente tem certos acessos a informações, nem todo mundo que vem numa visita dessa consegue ter esse olhar que a gente tem. Então eu imagino que é um trabalho muito difícil inclusive esse, de passar, de juntar arte, que a gente viu muita coisa de arte, história e passar isso de uma forma mais simplista, mas eu acho que quanto mais simplista seria interessante, porque, a Tabita falou, eu senti de falta de narrativas, de explicar melhor, pensando tem que olhar um pouco quem é o público que eu quero atingir e não só o público que eu quero atingir, jovens que vêm muito rápido, que não têm paciência de ler, como é que eu posso impactar um grupo de pessoas de escola, que vêm sem um educador narrando.

Então eu acho que também tem que ter esse olhar assim, sabe, democratizar esse acesso, porque ele acaba sendo um acesso elitista, porque ele consegue fazer uma crítica, uma análise em cima, eu, ele, outro vem: "Não entendi do que se trata", ainda mais com recortes, cortou um pedaço, recortou, continuou. Eu sei que é um desafio isso, é um mega desafio inclusive, mas pode, pelo menos, tentar um esforço de fazer, tipo como é que eu consigo tornar isso daqui mais acessível ao público geral.

Thaís: Mas eu acho que nessa lógica a gente consegue, no mundo das ideias, no mundo ideal, manter a forma que tem sido feita hoje, com vídeos em forma de pílula, algo muito chamativo visualmente, porque a exposição combina, ela é chamativa. Mas você também pode ter pontos onde você tem uma análise mais profunda, uma análise mais crítica, porque a gente sempre pode promover essa leitura, a gente sempre pode fazer discussões em cima dela, a gente pode dinamizar, inclusive, textos em profundidade através de discussões que sirvam a esse propósito.

Tabita: E uma coisa que eu acho que a gente tem que pensar, quem é o público do museu aqui. A gente estava conversando que uma boa parte do público que vem aqui é gente que pensa, inclusive, que o nome do museu é Museu da Imigração Italiana.

Carol: Sim, tem gente que fala.

Tabita: E nomes assim, porque inclusive pela história desse projeto, que era a hospedaria aqui e tudo o mais. Então pensando nesse público que é o público talvez majoritário do museu aqui, como atingir esse público ou, eu não sei se é o objetivo, que outros públicos sejam atingidos e tudo o mais, ampliar, ampliação desse público e tal.

Mas pensando nesse público que já é o público atual do museu, porque o Museu da Imigração não é o único espaço em São Paulo para esse tipo de reflexão, a gente tem muitos outros espaços, não é o único. Então esse é um espaço buscado por algumas pessoas especificamente. Para essas pessoas que, em geral, representam esse público do museu, como os conteúdos do museu podem ter um impacto maior, no sentido de fazer refletir sobre essa memória dessas pessoas, dessas famílias que vêm aqui, que são principalmente os descendentes desses italianos.

E, claro, vem todo tipo de pessoas, de famílias, principalmente nas festas, nas atividades que são mais abrangentes aqui do espaço, mas, de uma forma geral, é esse público. Então eu fico pensando, o que o museu pode trazer de uma reflexão que seja mais transformadora para esse público que já é o público do museu aqui.

Henrique: Carol, vamos para a nossa segunda pergunta. Vamos lá. Bom: que âmbitos da vida, trabalho, lazer, vida familiar, entre outros, estão representados na exposição e de que maneira? Quem quer começar?

Carol: Vou colocar aqui em uma parte que talvez lembre um pouco

Henrique: Tem uma parte específica da exposição que só fala disso, basicamente. José Carlos.

José Carlos: Bom, então eu vi lá retratado aspectos tanto da vida familiar quanto doméstica, no ambiente da residência, sobretudo no aspecto de alimentação, ou de encontro familiar, família posando para foto e tal. Vi também retratado ali algumas atividades laborais, especialmente aquelas voltadas para a questão de saúde, através dos instrumentos de trabalho, especialmente.

Na questão de lazer, estava retratado lá o estádio da Juventus, que é aquele estádio na Rua Javari e vi isso bem retratado, mas senti falta, por exemplo, como é que era a vida familiar dentro de grandes... não só os internacionais, mas os internos, nacionais, nas periferias. Essa vida na periferia, sobretudo esses que moravam aqui na cidade de São Paulo, não moravam no centro da cidade, onde você tinha fábricas, onde você tinha os setores de trabalho formal, eles moravam nas periferias.

Eu senti uma falta de retratar essa vida na periferia, que ainda hoje é desprovida de muitos serviços básicos, você imagine ali por volta de 1950 e 1970, não é? Sem saneamento básico, sem energia elétrica. Senti falta disso e, de novo, reforço, essa vida nas periferias, nos finais de semana você tinha uma atuação, formação de grupos de trabalho em formatos de mutirão, para construção de casas e tal, mas durante a semana você tinha uma mobilização muito forte das mulheres, organizando grupos e tal. E mesmo algumas associações de imigrantes que já nascem nesse período e que não senti retratado ali.

Mas de alguma maneira, eu acho assim que o que está retratado vem um pouco, foi um pouco nessa perspectiva de contar a história a partir de quem financiou todo esse projeto, que acabou seguindo essa linha. Não estou dizendo que se vá jogar essa linha fora, mas dialogando com os colegas, trazer outros olhares, outras perspectivas, ou seja, a história contada desses protagonistas que a fizeram, eu sinto falta.

Nuria: Eu acho que não tem quase representação de lazer, por exemplo, acho que a gente pode ver isso nas sanfonas, acho que única e exclusivamente, rádios e sanfonas. Acho que daria muito para aprofundar nessa parte, eu não sei se tem objetos que eu esqueci de início, e acho que uma diferenciação que a gente fazia na época, é que tem trabalho, aí tem uma diferenciação curiosa entre trabalho e vida doméstica, que é o trabalho das mulheres, então acho que essa discussão aqui é o que é considerado trabalho e o que não é considerado trabalho, muitas formas de trabalho, então acho que isso seria interessante.

Thaís: Uma das partes da exposição que para mim foi bem marcante foi a carta que está no teto, porque ali naquela carta você vai vendo um pouco sobre o trabalho daquela pessoa que escreve, que é o José, ele vai relatando como é o trabalho, ele vai dizendo para o irmão o que o irmão precisa trazer para poder se inserir aqui, para poder trabalhar. Ele fala um pouco também sobre a vida familiar, então ele vai se remetendo ao carinho pelo irmão, ao cuidado com a mãe e com a sogra e aí ele fala também sobre a jornada do herói, que é a travessia, para o irmão não ter medo: "Não tem medo, vai dar tudo certo". Então você já via assim nitidamente um pouco de todos esses elementos. No âmbito do lazer, assim como a Júlia, eu também vi poucos elementos. Eu adicionaria a vitrola, junto com a sanfona, que é bem legal. E eu vi também uma menção de lazer no trajeto dentro do navio, então que as pessoas estavam todas ali para chegarem nos seus destinos e que ali se faziam gincanas durante esse trajeto, que era tão difícil, tão precário. Então traz o lazer junto na mesma frase com a palavra morte, então isso foi impactante para mim também.

Gabriele: E eu acho que eu diria que tinha mais objetos do trabalho masculino assim, acho que de barbeiros. Eu acho que só vi um ferro de passar antigo, então essa parte também da vida doméstica não vi.

Tabita: Mas é interessante como se faz toda uma ambientação do trabalho masculino, ele na roça, não sei o que, e na parte do lazer das mulheres é um objeto, do tipo "ah tem ai uma sanfona" não sei, sabe, mas não tem um esforço de desenhar como é que aquilo era utilizado. E, de novo, faltou toda parte das populações que a gente foi aqui listando que não aparecem, então lazer de nordestinos aparece menor, não tem...

Cleita: E lazer acho que realmente fez falta, eu também posso ter perdido, mas eu senti falta dessa vida familiar, mas retratada a vida das crianças, o lazer das crianças, ou até mesmo o tradicional, como a mãe cuidava dessa criança, nem isso apareceu. Realmente, o enredo é mais na figura do homem, nas atividades ali, no lazer do homem, sanfona, vitrola, no trabalho de... tem os instrumentos com que eles chegavam faziam a barba e tudo o mais. Então eu realmente posso estar enganada, mas eu não vi nada que tinha crianças assim. Eu vi fotos, tinha as fotos lá da família, tinha as crianças na foto, mas o cotidiano mesmo de lazer não tinha, como é que eram as crianças, não é como é que eram, era como é que eles viviam nesse ambiente de transição inclusive de sair do seu país, estar em outro, talvez se tiver alguma coisa a ser apresentada, talvez seja interessante também.

Tabita: E uma coisa que eu sinto falta é de conhecer o espaço onde se faziam as refeições aqui na própria hospedaria. Eu sei que é aqui embaixo, um espaço aqui, mas eu não tenho muitos registros disso, talvez isso poderia ter também um espaço expositivo para falar também sobre as comidas, para falar também sobre as dificuldades de adaptação das pessoas em lugares diferentes e de que comida era oferecida, como essas pessoas recebiam essa... isso aparece um pouco nos áudios, nos depoimentos. "Ah, quando eu cheguei na hospedaria era assim, assim, tinha tal comida e eu achei isso e aquilo." Mas acho que podia ter talvez um espaço mais específico para falar sobre esse momento de comer, esse momento da alimentação que era oferecida

pela hospedaria, pelo estado, província de São Paulo, e essas questões culturais mesmo, a comida é muito importante, não é, gente?

Thaís: E a questão da religiosidade aparece, numa sala ali feita para essa questão, de uma forma um pouco mais individualizada, então você podendo olhar para as várias práticas que existiram e que vocês retrataram ali. Talvez nesse sentido, o lazer pode caminhar para aí: como é que as pessoas, de fato... que eu duvido muito que todo mundo estivesse compartilhando uma mesma forma de lazer, de diversão com tantas culturas variadas. Então acho que seria algo importante. E eu vi uma foto de cuidados maternos com crianças, a mãe estava dando banho, ela estava toda molhada, ela deve ter feito... deve ser difícil, mas assim me trouxe, pelo menos esse elemento, eu consegui imaginar o que era a vida de uma mulher numa hospedaria, com filhos vivenciando tudo aquilo.

José Carlos: Estou rindo aqui, como é que a gente vai lembrando, vai pesquisando ideias. O enfoque da exposição mais nessa questão do trabalho dialoga mesmo, conversa de perto com uma ideia muitas vezes perversa de que a presença do imigrante só se justifica se for pelo trabalho, se não for trabalho, ele não tem por que estar aqui. Então, partindo desse princípio, como é que a gente trabalharia hoje com pessoas refugiadas, os apátridas, com as crianças que, pelo menos em tese, não podem ser colocadas como trabalhadoras, embora, na realidade, a gente vê muito dessas situações. Mas assim acho que o foco da exposição dialoga com essa ideia do trabalho que, por sua vez, dialoga com essa ideia perversa de só se justifica pelo trabalho, se não for pelo trabalho, vai embora, aqui não é lugar de vagabundar, não é lugar para você tirar lazer, então acho que um elemento interessante para pensar.

Tabita: E aproveitando para falar do trabalho... aspecto do trabalho, a escravização sendo retratada como trabalho forçado - como migração forçada, desculpa - eu acho que é problemático, precisa ser levantado,

precisa ser visto isso e eu acho que se um setor importante da sociedade - eu sei que existe um debate nos estudos da migração e tal se esse movimento histórico pode ser considerado migração forçada ou não, se toda migração é forçada ou não - enfim, mas à parte esse debate, esse é um tema muito sensível para uma parcela muito importante da sociedade brasileira, se isso ofende, machuca e não é necessário - não é necessário que seja colocado dessa maneira, acho que pode ser revisto na exposição.

Nuria: Queria Puxar o que você falou do... isso não interessa muito, interessa, parece que a justificativa é de: vamos deixar entrar os imigrantes só se for para contribuir com o crescimento econômico. É muito importante de ser evitado e eu ainda acrescentaria uma coisa que acontece muito quando a gente discute a imigração hoje, que é reduzir o imigrante não só na contribuição do trabalho, mas na contribuição então cultural também. Na contribuição cultural, então ah, imigrantes poderão vir, porque mostram formas de artes diferentes, muitas comidas diferentes, naquela sala, acho que é módulo sete, que tem todas as comidas que os imigrantes conseguem contribuir e tudo o mais. Eu acho que a gente tem que ter muito cuidado a fazer esse tipo de relação, de reduzir a justificativa para a migração só na contribuição que essa população vai dar para o país, porque migrar é um direito, independente da contribuição ou não que o imigrante possa vir a ter, porque e aí, e se a gente não gostar dessa cultura que o imigrante vai trazer, a gente vai deixar entrar? E se esse imigrante for muçulmano? Aí essa contribuição já não interessa. Então acho que tem que fugir muito de que essa contribuição seja do trabalho ou do aspecto cultural, que claro é rico, é muito importante que isso seja, mas acho que ficaria mais nessa questão.

Thaís: Para mim, algo que me chamou muita atenção nessa exposição e que talvez pela questão de eu nunca ter pensado de fato a respeito é que quando a gente vai pensando... eu sou neta de imigrantes,

bisneta, desculpa, bisneta de imigrantes e eu nunca tinha parado para pensar como todo o processo das pessoas chegarem aqui em grandes números, e ali parte da exposição diz que muitas pessoas chegavam, não conseguiam vagas ali na hospedaria, tinham que ficar do lado de fora, em situação precária, e aqueles que entravam às vezes não eram aceitos como imigrantes com possibilidade de ser trabalhador, porque as políticas dos países receptores diziam que tinha um perfil específico de imigrante e que aí muitas pessoas ficavam fora desse perfil e não podiam chegar e trabalhar. Como isso se assemelha muito ao que a gente vive hoje, especialmente na situação que a gente tem visto as pessoas venezuelanas e como tudo isso vem com esse ar de novidade, de nossa, é uma crise, precisa ser contida, com essa fala que eu não compactuo, que em termos de crise, acho pode ter um lado de crise humanitária por, enfim, ene razões, mas que não é uma crise, imigração sempre aconteceu, sempre vai continuar acontecendo e que se repete historicamente, inclusive o estado que as pessoas ficam até conseguir se enraizar aqui novamente.

Henrique: Existem matrículas na hospedaria aqui, que tem escrito rejeitado, na matrícula da família tem escrito rejeitado escrito.

Cleita: E aí eles fazem paralelos, você vê que a gente não evoluiu nada, ou quase nada em termos... se foi rejeitado, hoje a pessoa também é rejeitada, só que de outra maneira, no sistema.

Nuria: Acho que hoje inclusive se hierarquiza mais, tem mil tipos de visto de trabalho, de não sei o que, tem humanitário, tem o de refúgio, então vai até se colocando mais caixinhas para ver aonde que você vai se encaixar.

Thaís: Acho que foi exatamente isso que me assustou, foi ter percebido que tanto tempo passou e a gente continua com muita dificuldade de trabalhar os fluxos migratórios e que hoje a gente tem que encaixotar, aí você pensa assim: tem que ser regulado, tem que ser ordenado. Então a gente continua... piorou ainda, se for pensar assim.

Henrique: Bom, vamos voltar para as perguntas, que essa aqui é bem interessante para a gente, tem várias questões interessantes, a terceira: de que maneira o acervo museológico está acionado dentro da narrativa expositiva? Nós temos pouco mais de 12 mil objetos na nossa reserva técnica e a pergunta é justamente nesse sentido, em relação aos objetos que estão na exposição, como que vocês viram esses objetos e como que vocês entenderam.

Nuria: A gente, algumas pessoas já falaram um pouco, mas talvez a gente possa aprofundar um pouquinho mais isso aí. (As questões) [00:38:45] se repetem, tipo a gente fala um pouco, aí depois a gente volta.

Cleita: Eu acho que tem coisas assim, tem coisa que é primordial da gente viver. Por exemplo, ela falou: "Eu senti impacto quando vi lá no dormitório", não sei se é dormitório, se usou essa palavra. Então é importante que a gente consiga ver esses objetos, que acho que você consegue se colocar um pouco mais naquela época, enfim, tentar imaginar como é que era, embora eu senti falta do que pudesse ter mais coisas, mas é difícil, tantos anos atrás. Mas eu achei rico, bastante rico assim. Não imaginava ter tantos objetos, achei bem rico assim. Achei incrível, muita coisa incrível. As peças de casa, fiquei morrendo de vontade de ter várias na minha casa, os móveis de madeira, peças de cozinha, até a cadeira acho que do dentista, sabe, eu achei bem incrível, acho que contribui muito, muito para essa narrativa.

Henrique: Carol, pode colocar a foto do módulo 4, para a gente ir pensando nisso olhando para... pode ser a outra, que está mais fácil. É, essa, enfim.

Gabriele: As cartas. Acho incrível ver as cartas, assim ver as cartas dos diferentes idiomas me chamou bastante atenção.

Cleita: Ler, conseguir ler.

Gabriele: Ter esse contanto né? Como as pessoas conseguiam lidar com esses documentos assim, a chei interessante

Elcio: O contato com os objetos, a ambientação, é uma experiência imersiva incrível, é quase uma viagem no tempo né, de tão bonito, muito preciso. Eu já visitei essa exposição, anteriormente, toda vez que eu... as vezes que eu entrei assim num ambiente, o impacto nos sentidos assim é incrível.

Nuria: Eu acho o contraste que dá para ver, que eu acho que a ideia em questão é do que é um objeto museado, um objeto do museu, então esse aqui tem suficiente valor para estar num museu, acho que passa por uma série de critérios que eu não sei exatamente, mas me parece que são um pouco subjetivos no fim das contas. Porque, por exemplo, na parte mais recente da migração não há objetos, os objetos têm que ser necessariamente uma coisa antiga. Talvez dá para pensar isso, discutir isso. E me pareceu que tem um... assim, objetos tem em duas salas, o resto você pode ver alguns vídeos, como a gente já falou, então como trazer né, eu sei que no acervo tem muito mais, por exemplo, eu acho que Henrique pode comentar depois, ou Carol. Mas talvez trazer mais desses objetos em outras salas e principalmente hoje em dia, por que não tem objetos de hoje..

José Carlos: Uma curadoria de coisa mais...

Júlia: É, parece que tem que ter um ar antigo, uma coisa... na verdade, esses objetos também não são assim super antigos, então por que não ter objetos de hoje em dia que sejam dignos de estar em uma vitrine?

Thaís: O que a Júlia está trazendo acho que é bastante relevante, porque é como se o museu dialogasse diretamente com aquela ideia de imigração que a gente cresceu, que a gente estudou, que a gente olhou, que vizinhos, pais, antepassados, é isso, mas você olha para a história do Brasil, especialmente São Paulo, o museu daqui, você tem

vários fluxos de migração que se deram desde então. Você tem Acordo do Mercosul, você tem muitos imigrantes bolivianos vindo a partir de 2007, 2008, a gente tem a migração haitiana, a gente tem a migração venezuelana e todas as outras migrações que a gente sabe que existem. E é como se, apesar da gente...

Cleita: Chinesa.

Thaís: Chinesa. E apesar de ela ser de 2014, ela de alguma forma para de dialogar com as migrações que poderiam estar aí de fato.

Elcio: Ela fica lá na migração italiana, predominantemente italiana.

Cleita: É, esses dias eu estava... Só pra dizer, é a história contada de forma estática e não em movimento, tem que ser em movimento, como um passado ali, coisa do passado.

Nuria: Temos um desafio, que quando você... um museu, às vezes, inevitavelmente é uma coisa que acaba sendo estática. Corre sempre esse risco, está colocando alguma coisa, está fazendo um retrato para ele exibir que eu acho que é um tema muito importante.

José Carlos: É, é por aí sim, mas é assim, acho que o acervo é muito rico, mas sempre pode ter mais objetos que tratem com maior profundidade e largura dessa história dos imigrantes, das imigrantes. Nesse sentido, por exemplo, assim eu senti falta do ambiente de uma moradia. Você tinha lá peças avulsas, ou seja, talheres, copos, você tinha uma cadeira, mas o ambiente mesmo dessa moradia. E é um ambiente próprio para diversificar de moradia dos imigrantes ao longo de toda essa história. Então, por exemplo, você tem várias pesquisas na área da história que mostram que muitos imigrantes espanhóis e italianos, a primeira residência deles foi uma árvore. Chegaram através de cartéis, o fazendeiro falava: "Ó, você vai morar embaixo daquela árvore e nas suas horas de folga, ou seja, uma ou duas horas no final do dia, você vai fazer um lanche para você". Então os primeiros três ou até seis meses, eles moravam embaixo de uma árvore. Então assim,

isso eu não vi lá, pode ser que esteja retratado em outras seções da exposição, mas eu não vi isso. Mas isso não vale só para os imigrantes europeus, vale também para os nacionais internos, que não chegaram a morar embaixo da árvore, mas embaixo do viaduto. Então assim, a história da migração interna em São Paulo passa muito, muito, muito pela residência embaixo dos viadutos. E acho que... e até hoje se faz, que a gente vê, então a população em situação de rua que está em São Paulo, a maior parte dela é uma população descendente dos imigrantes e agora não mais apenas nacionais, mas também os internacionais. Então essa ambientação da residência, eu acho que poderia ser uma riqueza a mais na retomada dessa exposição.

Henrique: Só uma breve provocação aqui: vocês conseguiram entender por que os objetos que vocês viram na exposição estavam na exposição?

Tabita: Eu entendo que são objetos em geral que eram utilizados no contexto da recepção desses imigrantes aqui na hospedaria, uma boa parte deles, por exemplo, a cadeira do dentista, desses móveis, utensílios e tal. Outros objetos, claro, são objetos que pertenciam aos imigrantes, acho que tem esses dois contextos.

Nuria: Acho que eu entendi os objetos relacionados aos que contam essa história de hospedaria como uma política pública, então essa parte da saúde, está muito retratada, é saúde e tudo mais. Tem uma parte de objetos que eu tenho mais dificuldade em entender ou imaginar o que está dizendo, principalmente nessa parte do módulo do quarto, me parece até uma coisa um pouco desconexa, não sei se vocês conseguem entender, uma coisa um pouco desconexa, então tem móveis ali e aí tem alguns que são de dentista e outros que simplesmente móveis para botar coisa, então acho que está um pouco jogado e alguns que não... assim, é uma cadeira antiga, é um armário antigo - onde que está usada essa cadeira, da onde saiu, conversa com o resto de coisas? Não sei.

Cleita: Está bem instagramável.

Nuria: Eu tirava bastante foto ali e tal, mas de fato está um pouco...

Cleita: É, pegar tudo e colocar na sala.

Tabita: Eu não sei se eu estou imaginando, confundindo com outro museu, mas eu acho que lembro de algum momento anterior do Museu da Imigração aqui que tinha outros ambientes lá embaixo, ambientes com objetos: objetos de asseio, por exemplo, objetos de... nesses espaços onde hoje vocês têm exposições temporárias, antes eram espaços usados para exposição de objetos e tudo isso, sim ou não?

Henrique: Isso depois de 2014 ou antes?

Tabita: Antes.

Henrique: Não sei te responder.

Tabita: Eu acho que sim, porque eu lembro de um ambiente que era mais ambientado como uma barbearia, espaço de asseio, com esses objetos específicos.

Henrique: Sim, no Memorial de Imigrantes, você tinha partes totalmente cenográficas. Então São Paulo, 1920, aí você entrava numa parte, era uma barbearia; no jardim tinha uma casa de um colono, então exploravam a cenografia bastante.

Thaís: A minha sensação, apesar de eu gostar muito dessa parte dos objetos assim, da gente poder ver como era, a gente poder sentir um pouco, de ficar um pouco nostálgica, olhar para tudo isso, pensar como era, eu também sinto que foi um pouco jogado: aqui são os objetos que sobreviveram ao tempo e a gente pôs aqui para vocês terem uma ideia, mas assim muito sem uma construção narrativa também, que conecte esses objetos todos. E eu preciso ir agora, mas só queria falar uma última coisa. Recentemente, eu tive uma conversa com o Thiago e ele comentou da dificuldade do museu de trazer as pessoas imigrantes para cá. As pessoas imigrantes que estão aqui em São Paulo

e que pudessem, de alguma forma, se conectar com esse espaço e acho que o que a gente está fazendo aqui hoje fala muito diretamente com isso de como a contemporaneidade não está retratada aqui, não está aproximada dessa experiência de estar no museu e que de forma seria incrível até se o museu conseguir pensar em soluções para trazer enfim essa riqueza e todas as pessoas que estão aqui hoje pudessem também se relacionar mais diretamente com o conteúdo.

Henrique: Obrigado, tá.

Thaís: Obrigado a vocês. Adorei. Tchau.

Nuria: Só uma última coisa sobre objetos, que eu queria falar.

Henrique: Pois não, pode falar.

Nuria: É uma coisa bem rápida. Aquela coisa que você estava falando que, por exemplo, objetos hoje em dia não seriam objetos dignos de estar em um museu, de repente, também pensar do que objetos antigos também não servem mais para algum tipo de narrativa que a gente esteja interessado em contar. Então eu lembro de uma exposição que eu fiz com o museu projeto da residência artística, a Emília trouxe uns objetos do acervo para mostrar um pouquinho mais esses objetos e ela colocava muito essa questão: o que isso nos diz sobre a migração mesmo histórica, o que mesas, cadeiras, móveis estão tentando nos falar. A gente tem que guardar um objeto só porque é antigo, pertencia a migrantes ou não, então eu acho que também essa reflexão vale e que serve para isso, que novos objetos servem para construir essa narrativa e que de repente já não servem tanto.

José Carlos: Eu queria complementar, sabe, destacar essa questão da fragmentação mesmo. Acho que os objetos são bastante acessíveis, mas em muitas situações há uma narrativa fragmentada. E reforçando essa questão da residência, por exemplo, se você pensar a residência hoje de uma família de bolivianos, então você tem um ambiente de trabalho, um ambiente de dormir e de alimentar tudo junto, tudo

embolado. Então acho que você tem aí talvez uma situação que possa inspirar, na exposição, amostras de um ambiente familiar com a narrativa de início, meio e fim, mostrando. Ainda que essa possa não ser a situação da maioria dos imigrantes hoje, mas ela é a situação de grupos de imigrantes importantes nessa história nessa trajetória.

Henrique: Mais alguém? Falar sobre os objetos? Acho que além dessa parte de objetos que a gente estava vendo agora, tem aquele que a Carol passou agora, que tem os objetos de saúde, que tem um módulo que a gente conhece aqui como módulo três e tem alguns objetos que também tem um módulo cinco, não é Carol?

Carol: Uhum.

Henrique: São alguns objetos que são um pouco mais escondidos, de certa forma. Mas, enfim, vamos... a última pergunta, a gente já comentou algumas coisas sobre ela na primeira pergunta também e nas outras que a gente vem discutindo, mas é um fechamento interessante para a gente pensar também de que maneira a diversidade é retratada na atual exposição de longa duração. Então, observando, e o que vocês observaram, o que vocês viram lá de diversidade?

Carol: E se ela é retratada.

Henrique: É. Se ela é retratada, no caso, também.

Cleita: Eu, logo de início, já fiquei incomodada com os pés transitando, é só um formato de um tipo de pé... não, um tipo de pé, mas é tipo assim, são pés europeus transitando, logo no início da exposição.

Henrique: No vídeo das pessoas que estão andando.

Cleita: Exatamente, no início, isso, são pés europeus, o branco, ali transitando. Então não mostra o oriental, não tem um pé preto, não tem um pé pardo, um pé amarelo. Então já achei bem assim, porque o texto está falando sobre pessoas migrando e aí entra a história, entra na parte da história que está narrando a diversidade, sim, mas aí achei

bem contraditório de início aquilo ter só aquelas figuras. E o ponto que eu acho que mais me incomodou nessa questão da diversidade foi aquele que eu não lembro o número, mas tem as fotos dos bairros de São Paulo, que para mim não é um retrato real.

Henrique: Vamos lá, módulo 6B para a gente.

Cleita: É, não é um retrato tão real assim, sabe, você olha fotos, tem um pouquinho, um pouco de boliviano, algumas coisas nordestinas, chineses, bem pouquinho assim, bem pouco, mas não é o retrato, não é um retrato. Aí eu falei, no início, eu até olhei, quando eu vi a apresentação, falei: "Ah, é só Moóca, mas depois eu olhei está escrito ali Moóca, Bom Retiro", ali outros bairros que eu não me lembro o nome.

Henrique: Santo Amaro.

Cleita: Santo Amaro, e eu falei, mas tipo não é um retrato e aí eu vou bater numa questão, a população, quase 50% dela não é branca e aparecem retratos dos bairros. Eu achei que assim não teve um olhar e dava, inclusive, que em 2014 já tinha um fluxo grande, por exemplo, de chineses e haitianos aqui em São Paulo. Se vocês frequentam o centro, vocês viram que a cara do centro mudou faz muito tempo. O centro de dez anos atrás não é o mesmo de agora e espero, de verdade, que nas próximas... na reformulação, o que seja, seja retratado da maneira que é, porque dá impressão que houve um apagamento ali de fatos. Teve outros pontos, mas foi, mas o que mais me chamou a atenção nisso foi o começo, os pés e essas imagens dos bairros, da população, representando ali a população brasileira que não é, não é real.

Nuria: É importante isso que ela falou, pegando a sua fala, que eu acho que é um super desafio, porque imigração, que a gente fala, é uma coisa em constante movimento. Então se a gente pegasse hoje e fizesse um retrato super fiel da cidade de São Paulo nesses três ou

quatro bairros, seria uma coisa e daqui dez anos seria outra. Então como fazer um retrato estável? É interessante fazer um retrato estável da imigração hoje ou não? Acho que dá para pensar um pouco em pegar dessa fluidez, como você falou antes, desse movimento porque, inevitavelmente, vai fracassar, assim como você falou. O bairro da Liberdade era uma coisa, antigamente, falava de outra história, depois virou um bairro asiático. Hoje, já tem gente que falaria que também não é um bairro asiático, não é um bairro japonês, tem muita... tem haitiano, tem o pessoal dali (inint) [00:56:46], tem pessoas da Coreia, da China, então como que a gente pega, como que a gente faz esse retrato?

Carol: Esse módulo é interessante porque a ideia inicial é que ele fosse cíclico, ele tipo ia mudando.

Henrique: É, quando eu cheguei, em 2014, a primeira coisa que me falaram é: os bairros vão mudar, hoje são os quatro: Bom Retiro, o Braz, a Moóca e Santo Amaro, cada um com as suas particularidades e a ideia era: a gente vai depois tirar o Braz, botar a Liberdade, tirar esse, botar outro, e aí nunca mudou.

Elcio: É como se a gente fosse refletir aquilo que é a cidade, não é.

Cleita: É, então, isso incomoda.

Henrique: E isso, de certa forma, não está... porque, é uma coisa que você falou também que é se isso estivesse... se fosse, de fato, mudando ao longo do tempo, isso não aconteceu, mas se fosse uma coisa que mudasse, daria para fazer uma comunicação, talvez, falava assim: "Olha, isso aqui são rotativos".

Cleita: E talvez a...

Henrique: "Os próximos que vão aparecer vão ser esses, nesse período", mas enfim, não mudou de fato, está assim desde maio de 2014.

Cleita: Ou trazer o cronológico assim mesmo, tipo o que é o Bom Retiro em 2020, agora o Bom Retiro em 2022, um exemplo, não vai mudar muito de um para outro, mas porque talvez, não é?

José Carlos: Certo, é isso mesmo. Ela está bem retratada, mas se você pensar a partir de 2010 para cá, poderiam ter feito isso, não está feito, não aparece lá. Precisa ser retratada essa diversidade, tanto dos imigrantes latino-americanos, dos diversos países latino-americanos, mas também já a presença dos caribenhos, no caso dos haitianos, e das diversas nacionalidades africanas. Então acho que isso não está bem retratado, essa contemporaneidade. E outra coisa, aí eu talvez até eu esteja insistindo nessa ideia, mas é a dos bairros periféricos. Então, por exemplo, você pegar os fundões da zona leste, Goianazes, onde você tem ali uma presença significativa de imigrantes dos diversos países africanos, mas também dos diversos estados do nordeste brasileiro e agora também, mais recentemente, dos venezuelanos. Então assim quando você retrata os bairros da região central, inclusive as fotos que eu vi, passa muito a ideia dessa imigração de sucesso, que chegou alcançando determinados glamures, embora a história a gente sabe que não seja bem essa, mas a ideia um pouco que passou, provavelmente para mim, na minha subjetividade, foi essa. Mas e essa história da imigração que ainda não alcançou esse glamour ou que sequer vai alcançar, que está nesses fundões das periferias? E o outro é o fundão da periferia da zona oeste, aonde você tem também uma expansão aí sobretudo dos bolivianos, dos congolezes, dos angolanos, você tem uma expansão desses grupos para a extrema periferia da região oeste, embora ela seja ainda hoje mais marcada por essa migração interna, mas eles não aparecem aí. Talvez valesse a pena investir nesse sentido e isso tem a ver também com a história da construção de São Paulo, porque não é à toa a presença desses diversos grupos nessas periferias extremas, isso tem a ver tanto com a questão do trabalho, que aí, na maioria dessas experiências, não é um trabalho formal, tem a ver também com a enorme dificuldade de

acesso a uma moradia e tem a ver também com essa ideia da xenofobia: não quero imigrante feio aqui no centro da cidade, quero ele mais distante. Mas, ao mesmo tempo, esse imigrante feio, despauterizado, discriminado, ele continua contribuindo para a construção da cidade, do estado, assim como aqueles que vieram no século 19, ou antes de 19 para cá. Então talvez esse aspecto pudesse contribuir para a retomada dessa exposição.

Henrique: Tem como passar só mais uma foto para a frente? É esse aí, eu queria chegar para a gente poder ir verificando um pouco sobre isso, o módulo que chama imigração hoje. Entrando na diversidade, na pergunta.

Cleita: É de 2014 está faltando muita coisa. Está faltando muita coisa. Eu também não sei se é proposta da exposição, ou da forma para ela seguir, porque agora falando na figura de uma pessoa no terceiro setor, que atua com o imigrante em situação de refúgio, inclusive é um grande desafio para todos nós, o governo se preocupa muito com isso, é mostrar quem é essa pessoa, porque às vezes assim há no imaginário do brasileiro: quem é esse refugiado? Quem é esse chinês aqui? Quem é esse boliviano aqui? Porque na exposição, eu, inclusive, não consegui me conectar com isso: quem é esse homem? É um imigrante - imigrante é superficial, então porque já que eu imagino - no meu imaginário aqui agora - se a exposição vai dar sequência, não tem como deixar refugiado de fora e para a gente, que trabalha principalmente com refugiado, a palavra, em si, já tem um peso muito grande, porque tem uma conotação negativa. Quem é esse refugiado? Refugiado fugiu, está fugindo de algo, o que ele fez de errado, por que ele está fugindo, não é? Então, de uma certa forma, eu acho que algum de vocês falou isso, precisa trazer a história contada pelo protagonista, talvez, precisa trazer essas pessoas também para contar, dar continuidade, se vão continuar essa exposição, contar um pouco sobre isso e não... tem todos os estudiosos por trás disso, mas eu acho que

é um desafio assim, sabe, pensando em migração hoje, já pulando aqui a parte não do que foi exposto, mas pensando na continuação da exposição, precisa estar trazendo esse olhar: quem é essa pessoa que está chegando aqui. Porque há um preconceito, há uma figura desconhecida, geralmente você vê lá no centro todas aquelas pessoas: a pessoa da Angola, da República Democrática do Congo, a pessoa da Nigéria, a pessoa de Camarões, de Togo e você não imagina que ali tem um economista, tem um dentista, tem um advogado, tem um pai de família, tem uma pessoa que nunca estudou - são como nós. E aí fica naquele imaginário - quem, nossa, mas eu não imaginava - e inclusive quando a gente... essas pessoas falam: "Eu não imaginava que tinha essas pessoas que chegavam com essas profissões, eu achava que era só mais um que saiu lá do... não imaginava que era um pai de família, não imaginava que ele veio para cá primeiro e depois trouxe a esposa e trouxe os filhos e trouxe a mãe", sabe assim. Então eu acho que tem que contar um pouco com o olhar mais próximo mesmo, humano, da pessoa, sabe, e não só tipo: quero sintetizar aqui o fluxo de migração, o que seja. Sei lá, pode ser que eu esteja viajando.

Tabita: Eu acho que é um super desafio, a imigração hoje, você atualiza, faz as coisas com o maior carinho e amanhã já vai estar noutra coisa, vai virar outra coisa, é isso está tudo sempre em movimento, mas a gente, esse momento aqui é um momento muito da gente bater e criticar, mas eu, na verdade, gosto muito desse pedaço da exposição, porque acho que é o momento que... esse momento de escutar ali a pessoa, só acho que são poucos depoimentos, eu queria escutar mais, assim quando você vai com tempo para estar nesse espaço aí, escutar o depoimento, escutar a pessoa falando, sei lá, às vezes contar a história dela de uma forma leve, alguns depoimentos aqui têm uma leveza, têm uma coisa de... não é que a pessoa estava necessariamente numa situação horrível e que essa experiência foi negativa, não, ela encontrou alguém, casou, não sei, uma oportunidade de trabalho, gostou daqui, resolveu ficar.

Acho importante também ter esse olhar para essa migração, da pessoa que queria vir para o Brasil, que veio, que gostou e que ficou, foi uma experiência boa, positiva. Eu acho que pode ser enriquecida com esses olhares todos que a gente está trazendo, e eu sinto falta de ter mais gente, gostaria de escutar mais depoimentos, de mais pessoas.

Nuria: Eu queria trazer também um contraponto um pouquinho para essas trajetórias de vida. A gente está falando que a exposição traz uma ideia de uma epopeia, de um sofrimento que a pessoa supera. Cuidado para não cair também nesse discurso hoje em dia, dessa pessoa que hoje migra que faz um trajeto superdifícil, no fim das contas ele está aqui feliz e não sei o que. Claro que existem pessoas que acontece esse tipo de coisa, de uma pessoa que estava com dificuldade e depois consegue estar melhor, mas já que a gente está trazendo esse olhar crítico para trás, trazê-lo para a frente, então dentro de cada nacionalidade, dentro de cada pessoa que migra há muita diversidade, tem pessoas que não foi ter sucesso, tem muitas histórias, tem muitas classes sociais dentro de uma mesma nacionalidade, então não é a mesma coisa... assim ah, boliviana, tem muitas classes sociais ali dentro, haitianos também. Então cuidado para não personalizar de novo: "Mas, olha, eu sou a tal, eu fiz isso porque...". Infelizmente, quando a pessoa vem numa exposição dessa e vê uma pessoa de nacionalidade X e fala: "Minha vida foi isso", às vezes é a única história que essa pessoa ouviu, então, para ela, passa a generalizar: "Ah, então os bolivianos que migram é mais ou menos essa vida que todos têm". Então eu tenho um pé atrás com histórias de vida, claro que são muito importantes, e uma das partes preferidas minhas desse museu é justamente as pessoas que viveram na hospedaria e contam como que era, claro que é interessante. Mas cuidado para não construir de novo esse fio ornamental que a gente veio criticando aqui, dessas histórias únicas de uma pessoa representa um coletivo e ah, é isso aí, então, mais ou menos é a ideia de tudo isso aí. Então eu me preocupo muito de personalizar a imigração, de ter

cinco depoimentos que resumem o fluxo migratório. Então é uma coisa que é bom ter um pouco de cuidado. E eu gosto nessa parte que tem um homem que fala sobre a condição... ele é cigano, do povo Romani, então assim como muitas pessoas trouxeram aqui a mobilidade indígena, tem a mobilidade cigana, tem um tipo de mobilidade que continuam trazendo e já aproveitou para puxar, o primeiro módulo que fala: "a gente sempre migrou", eu nunca entendi muito bem essa história de voltar tão atrás, de que sempre migramos, diáspora e tudo o mais. Tem povos que hoje continuam migrando, sem respeitar essas fronteiras ou tentam, pelo menos. Então trazer essa coisa do papel que as fronteiras tiveram nessa mobilidade que a gente sempre teve, não sei se (inint) [01:09:17] como traz e tudo o mais. Acho que a única tentativa que a exposição faz em trazer uma diversidade é no módulo dois, que traz esses três povos: indígenas, os negros e os europeus, que como já foi posto pelas pessoas daqui, também é um pouco problemático, porque esse é um mito fundacional do Brasil, então tem esses três povos, ninguém fala, por exemplo, sei lá, dos árabes, tipo os árabes nunca estiveram no Brasil, nunca vieram nessas migrações antigas, então também...

Cleita: O povo judeu.

Nuria: ...o povo judeu, exatamente. Conversa, não conversa, então esse mito fundacional dos três povos, talvez também, é uma tentativa de trazer essa diversidade de três grupos, só que acaba também como outras pessoas disseram aqui né, os povos africanos, os povos indígenas, que é muito mais diverso.

José Carlos: Acho que outras duas questões muito presentes na imigração hoje, e que talvez possa contribuir, uma é assim: se você pegar até meados da década de 1990, você contava nos dedos da mão quantas organizações formadas por imigrantes ou que trabalhavam e que trabalham com imigrantes que tinha na cidade de São Paulo, tinha cinco, seis organizações. Hoje tem mais de 100 organizações e a maior

parte delas formadas, coordenadas e administradas pelos próprios imigrantes. Então acho que essa capacidade de organização social, que não é uma coisa que foi começada, iniciada pela imigração hoje, se você pegar a imigração do século 19, você já tinha associações de trabalhadores, e trabalhadores nas fazendas aqui de São Paulo, mas ainda não tinha tanta visibilidade e também não tinha tanta incidência política como tem hoje. Hoje você tem centenas de organizações, sejam elas formadas por imigrantes ou não, mas que são voltadas para essa realidade da imigração no estado de São Paulo, no Brasil hoje. Então isso é muito importante, porque aparece muito pouco, sobretudo em exposições e ela é importante porque ela não só muda a cara da cidade, mas contribui para mudar o pensamento e a prática política, então é nesse bojo que você tem, bem ou mal, hoje no Brasil uma nova Lei de Imigração, 2017, você tem, bem ou mal, uma política de imigração na cidade de São Paulo. Isso tudo se deve a essa capacidade de organização dos grupos imigrantes, outros grupos que, de alguma maneira, os representam nas mediações políticas. E talvez hoje assim nessa história toda da imigração pode ser colocada, ao lado das contribuições artísticas e culturais, a contribuição política como uma das maiores delas, para além dessa questão econômica. Então eu acho que assim, por exemplo, sei lá, estou pensando aqui alto, você pensar um mapa dessas organizações na cidade de São Paulo seria interessante isso aí, muitas delas na região central, outras na periferia.

Laércio: É interessante isso porque o olhar que está lançado hoje no nosso campo é de romper com uma tradição de olhar o imigrante como estrangeiro, mas ali está precisando também pensar nesse viés, a gente tinha o estatuto do estrangeiro que definia o outro como alguém que deveria ser vigiado, controlado, tudo, que veio de um país estranho, que fala uma língua estranha. E eu acho que é papel de uma instituição como o Museu da Imigração deixar claro que essa realidade passou, ela precisa passar, precisa marcar isso. Eu fiquei muito impactado com isso ao visitar a exposição Sonhei em Português lá no

Museu da Língua. Num dos painéis tinha lá o texto da legislação paulista... paulistana, que trata da imigração (inint) [01:14:09], a questão dos objetos, então tinha a exposição de objetos dos imigrantes de hoje... mais recente, não era uma coisa meramente da memória dessa história longa dos 100 anos, mas uma aproximação maior. Eu acho que é essa questão do próprio conceito do outro - quem é o outro, é o estrangeiro? Não, ele é um cidadão como eu e que a gente precisa garantir direitos. Essa passagem, seria muito importante fazer essa numa exposição permanente, marcar isso numa exposição permanente.

Cleita: E não necessariamente, e aí uma coisa que ela trouxe e que eu concordo, não necessariamente mostrar o outro significa contar histórias. Porque de fato isso, você pega às vezes uma pessoa ali, um representante, sei lá, da República Democrática do Congo e ele vai contar história, aquele é uma pessoa... é a história de alguém da República Democrática do Congo, ou dos brasileiros lá fora: "Você sabe sambar? Você não é brasileiro?" Eu sei que é um desafio gigantesco isso, muito desafio hoje, mas... e é interessante também fazer um esforço para que ele consiga, pelo menos, tentar algum sentido.

Tabita: Antes que a gente encerre, porque eu sinto assim, tudo o que eu sempre queria dizer para o Museu da Imigração, tenho a oportunidade de dizer. Eu mencionei e outros também mencionaram a questão da escravização, eu não sei se... uma outra coisa que eu quero dizer, e que eu não disse antes, não sei se eu me expressei bem na primeira vez que eu mencionei esse tema. Eu não acho que esse tema não tenha que estar no museu aqui, eu acho que precisa estar e eu acho que ele ajuda a explicar, inclusive, o início do processo de imigração em grande escala aqui para São Paulo. Então acho que isso precisa estar, sim, não da forma como está agora, acho que precisa ser reelaborado, porque eu acho que precisa ser trazido que a grande imigração em São Paulo começou antes do fim do período da

escravidão e que esses processos se encontraram, a sociedade promotora de imigração foi criada justamente com o objetivo de que a elite do café dispusesse de outros braços que não os braços das pessoas escravizadas naquele momento. Então quando finalmente, de 1886 a 1888, início de 1888, a elite do café conseguiu trazer número suficiente de italianos, naquele momento, aí finalmente houve esse processo de conversa com a coroa no Rio de Janeiro, houve um documento, acho que esse documento tinha que estar aqui, mostrando: "Olha, nós já temos imigrantes suficientes para não depender mais dos escravos, e por isso nós pedimos a abolição da escravidão". Isso foi a elite do café que fez, é a mesma elite que construiu aqui a hospedaria, acho que isso precisa estar aqui como parte dessa história. Então assim porque foi feito, porque foi iniciado esse processo todo dessa política subsidiada de trazer os imigrantes, trazer esses imigrantes, não qualquer imigrante, esses imigrantes: italianos, brancos pobres, católicos, famílias. Então a escravização tem a ver com isso, esse medo branco, esse medo da elite branca, nesse momento, da revolta negra contra a escravidão. Então isso ajuda a contar a história da imigração, também precisa estar presente. E outra coisa... mas enfim, é isso. A imigração hoje é um desafio enorme, a diversidade, retratar a diversidade é um grande desafio, porque é isso, é uma coisa que está em movimento e no retrato é uma coisa estática. Como fazer um retrato de uma coisa que está em movimento.

José Carlos: Eu acho que talvez seja um dos maiores desafios, você pensar uma exposição, ou registrar uma memória de uma população que não se fixa, que por diversos motivos, ela não se fixa. Da mesma forma, você pensar uma política pública para essa população que não se fixa. Mas ao mesmo tempo, retomando o início da exposição, tem desde a diáspora de africano, ou em outras regiões, você tem uma diáspora humana e alguns registros dessa diáspora vão ficando pelo caminho. Acho que o nosso desafio hoje, pensando não apenas como pessoas que estão fazendo pesquisa, ou que trabalham diretamente

em organizações com imigrantes, ou seja, pessoas que participam dessa história, mas qual o legado que a gente quer deixar para essas gerações que vêm por aí? A gente vai continuar essa história, contando essa história da forma como ela foi contada até aqui, ou conseguiremos apontar para outros caminhos nessa narrativa?

Cleita: É porque é um grande perigo, porque é assim, busca o artifício através de retrato contar, mas também a forma como a exposição se dispõe, ela tem mecanismos que ela consegue contar de fato o outro lado da história, fica contando só um ladinho aqui que interessa que é, que também tem as críticas mas a gente entende que o museu também tem um viés que ele tem que se posicionar, e tem mecanismos de como contar essa história. E aí, é um... ele falou a questão: que legado vai deixar, se vai deixar esses... é muito, muito, muito importante se preocupar com isso. Eu lembrei agora, enquanto você estava falando, eu lembrei de uma história que uma moça de Cuba estava me contando, que eles não conseguem contar muito sobre os indígenas, porque a história foi apagando, a forma de contar foi mudando. Ela falou: "Sobre os povos indígenas em Cuba, a gente não consegue contar muita coisa com eles" mas por que foi? Houve um apagamento ali. E aí nessa conversa estava uma moça da Síria, que é Síria Palestina e ela estava em choque porque ela tinha descoberto que na verdade, fazia tempo, mas ela só descobriu aquele dia, que o Google retirou a Palestina do mapa do território, do Maps. Ela falou: "Estão de fato querendo apagar a nossa história". E aí, quando você traz, conta por exemplo todo esse movimento, não vou usar o termo não correto, mas da abolição da escravidão, por conta de substituir mão de obra, isso apaga, de fato, a história que aconteceu, que foi propositalmente foram trazidos esses imigrantes, escolhidos. Por que não escolheu os imigrantes de países que já estavam aqui sendo escravizados? Por que escolheram especificamente italianos? Então se você deixa de contar coisas importantes e eu não estou falando que a proposta que a exposição seja essa narrativa, mas se você deixa de mencionar fatos

importantes, você está colaborando para o apagamento de uma história do país, principalmente. Então é muito importante, tirando aí a questão principalmente de imigração, mas o apagamento da própria história do país mesmo. Então de que lado você está contando essa história, não é? Então eu acho que todos os envolvidos, tem que repensar os envolvidos nessa curadoria, acho que é bem importante para que daqui a anos as próximas gerações não estejam falando o que a amiga falou: a gente não consegue contar isso, nossa, realmente estão apagando até do mapa tirou ali, está tirando os palestinos, o que está acontecendo?

Tabita: E a minha última observação, prometo que é a última. É que a história da imigração, essa imigração histórica em São Paulo, é a história da expansão do café e expansão das malhas ferroviárias, que é a história do genocídio indígena no Estado de São Paulo. Isso também precisa ser contado de alguma forma.

Henrique: Gente chegou o nosso horário.

(FIM)

Quinto Encontro: Museus e instituições que trabalham com Memória

Data: 23 de Setembro 2022

1. Organização: *Casa do Povo*

Representante: Jean Marcel

Nacionalidade: Brasileiro

Descrição: Organização com foco na experiência artística e da vida comum.

2. Organização: *Memorial da Resistência de São Paulo*

Representante: Ana Pato

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O Memorial da Resistência é um museu da Secretaria e Economia Criativa do Estado de São Paulo e tem como missão a valorização e a preservação das memórias da repressão e da resistência políticas no Brasil republicano, especialmente no período da ditadura civil-militar. Realizamos este trabalho por meio da educação, da pesquisa, além da organização de exposições temáticas. Nosso trabalho é norteado pela defesa da cidadania, da democracia e dos direitos humanos. Entre 1940 e 1983, aqui funcionava o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (Deops-SP), uma das polícias políticas mais truculentas do país. Por isso, nossa sede tem enorme valor histórico e simbólico. O Memorial da Resistência é Membro Institucional da Coalizão Internacional de Sítios de Consciência, uma rede mundial que agrega instituições constituídas em lugares históricos dedicados à preservação das memórias de eventos passados de luta pela justiça e à reflexão do seu legado na atualidade.

Parceria: realização de roteiro conjunto para a programação da Sonhar

o Mundo e participamos da mesma rede de lugares de memória, como membros da Rebralume e da Reslac.

3. Organização: *Museu Afro-Brasil*

Representante: Joyce Farias

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Fundado em 2004, o Museu Afro Brasil é uma instituição pública, vinculada à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e desde 2009 é administrado pela Associação Museu Afro Brasil – Organização Social de Cultura. Recentemente (agosto de 2022), o setor de pesquisa do Museu da Imigração entrou em contato com o Núcleo de Pesquisa do MAB, para dialogar sobre interesses em comum sobre comunidades quilombolas.

4. Organização: *Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM)/ Grupo técnico de coordenação*

Representante: Carolina Rocha

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Responsável pela elaboração de políticas públicas para os museus no Estado de São Paulo. Atua com o Museu no acompanhamento de políticas da secretária.

5. Organização: *Museu Judaico de São Paulo*

Representante: Roberta Sundfeld

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Fruto de uma iniciativa da sociedade civil, o Museu Judaico de São Paulo (MUJ) abriu em 2021 visando cultivar as diversas expressões, histórias, memórias, tradições e valores da cultura judaica, em diálogo com o contexto brasileiro, com o tempo presente e com as aspirações de seus diferentes públicos. Amparado por um

programa cultural e participativo que entrelaça a experiência judaica à cultura brasileira e à arte contemporânea, o MUJ nasce comprometido com a coexistência entre os variados grupos sociais e identidades, com o combate à intolerância e ao preconceito, com a educação e a transmissão intergeracional, valores a um só tempo universais e judaicos. Acompanho o MI desde a sua concepção, e as obras. Estava presente na inauguração e frequentei o MI durante as aulas do MBA de Gestão de Museus. Fazemos parcerias em mesas de debates sobre temas ligados à imigração.

6. Organização: *Museu da Língua Portuguesa - IDBrasil Cultura, Educação e Esporte*

Representante: Camila Aderaldo

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O Museu da Língua Portuguesa é um equipamento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, administrado pelo IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, uma organização social de cultura. Inaugurado em 2006, e reaberto em 2021 após um incêndio ocorrido em 2015, o MLP tem como missão “preservar, pesquisar, comunicar e articular o repertório patrimonial da língua portuguesa, em toda a sua dinamicidade, como elemento estruturador das identidades culturais e indicador constitutivo do respeito à diferença”. Para mais informações, acesse: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>. A experiência de parceria com o Museu da Imigração, no que tange à minha atuação especificamente, vem de longa data, desde que eu atuava no Museu do Futebol (outro equipamento administrado pela mesma organização social). De lá para cá, participei de discussões buscando contribuir com o desenvolvimento da Política de Acervo e da implantação do CPPR. Em relação aos museus, realizamos ações de pesquisa em parceria (MF) e trocas sobre projetos educativos (MLP).

7. Organização: *Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil*

Representante: Célia Seri Kawai

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: Apresenta a história da imigração japonesa no Brasil desde a chegada da primeira leva de imigrantes em 1908, até os dias atuais. Fica situado no prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, foi inaugurado em 1978 e teve sua parte expositiva renovada entre 2018 e 2022. As primeiras parcerias ainda estão sendo iniciadas.

8. Organização: *Museu da Casa Brasileira (MCB)*

Representante: Tariana Stradiotto

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O Museu da Casa Brasileira (MCB), é integrante da rede de museus do governo estadual e vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa, é uma instituição referência nacional e internacional em design e arquitetura, e o único do país especializado nesses temas. Dedicar-se ainda às questões da morada brasileira por meio do estudo e problematização da materialidade da casa brasileira. Entre 2017 e 2021 o MCB teve parceria com o Museu da Imigração, para divulgação de ações de conservação preventiva com os acervos dos dois museus. Os resultados da parceria eram divulgados no blog PreservAções e na página do Facebook, homônima.

9. *Museu de Arqueologia e Etnologia / Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo*

Representante: Maria Cristina Oliveira Bruno

Nacionalidade: Brasileira

Descrição: O programa de pós-graduação está voltado para qualificação profissional e orientação acadêmica referentes a temas que envolvem a memória em distintas dimensões. O MAE é um museu universitário que pesquisa, salvaguarda e comunica temas e acervos ligados às questões socioculturais.

Transcrição Quinto Encontro: Museus e instituições que trabalham com Memória

(INÍCIO)

Henrique: Bom, gente. Então, para começar, a primeira pergunta: na atual exposição de longa duração, quais grupos não têm retratada a sua experiência migratória? Quem quer começar a falar, é só levantar a mão e eu vou escrevendo e a gente vai, cada um, falando no seu tempo.

Carolina: Eu queria começar, porque eu fiz um monte de anotação, um monte de coisa, eu estava brincando que dava para a gente fazer um relato de experiência no final.

Eu, na verdade, vou fazer um complemento, da pergunta lá de fora, que seria sobre a narrativa expográfica, e vou acabar misturando algumas das perguntas. Eu trouxe que, na perspectiva da narrativa expográfica, a questão da numeração dos módulos não ficou muito clara para mim - a gente acabou virando para a esquerda, foi natural, mas não tinha verificado essa questão dos módulos, mas eu vi as falas dos demais anteriormente sobre os vários aspectos de trabalho dentro da exposição, que eu enxerguei não só a questão do migrar e imigrar, mas a questão do deslocamento como coisas diferentes.

Então, se trata, em alguns momentos, sobre deslocamento, e em alguns momentos sobre a questão do migrar e imigrar. E aí, dentro de alguns macrotemas - política, sociedade, cotidiano, economia - e também de temporalidades locais diferentes, a temporalidade no aspecto mundial quando trata o início do deslocamento, depois Brasil pré-colonial, colonial e pós-colonial, e também a localidade de São

Paulo especificamente, que aí traz a questão da migração dos outros estados, algumas partes trazendo muito a questão do Nordeste, a questão de europeus, africanos e asiáticos, e aí eu enxerguei, dentro disso, esses macrotemas.

E aí nessa perspectiva do deslocamento da imigração e migração, também falando do meu local da Secretaria, do grupo da unidade de museus que faz uma diferença, que faz as colocações, as expectativas que a gente traz no processo da convocação pública para o Museu da Imigração, traz alguns grupos que a gente vê como necessidade para o trabalho de pensar a expressão de longa duração, e aí elenquei alguns grupos que eu não vi presentes, mas também não só presentes - também os que estão ausentes - mas também como estão presentes alguns.

Eu coloquei alguns, como as questões quilombolas, indígenas, que é tratado na perspectiva do pré-colonial, mas e o pós-colonial? E aí trazendo mais para a questão das demarcações indígenas, que causam deslocamentos também desse grupo, a demarcação de territórios. As ocupações urbanas e rurais, a questão das pessoas que têm ocupações desapropriadas, pessoas em situação de rua, deslocamento dentro do estado de São Paulo com esses descendentes. Então, eu vi muito presente alguns grupos falando, especificamente, sobre seus descendentes.

Então, você tem relatos de descendentes - vou citar alguns que eu vi - de italianos, por exemplo, e quando você traz como essas pessoas, na contemporaneidade, pensam esse processo de deslocamento numa perspectiva histórica anterior, mas você não traz como estão esses outros grupos desses processos migratórios e imigratórios da contemporaneidade. Então, como esses deslocamentos dentro do estado de São Paulo e da cidade de São Paulo aconteceram numa perspectiva também de políticas higienistas que fazem com que as pessoas se desloquem cada vez mais para os extremos da cidade, tem

uma política higienista que tenta limpar o centro da cidade e tornar mais bonito e mais limpo para determinados grupos, que, muitas vezes, estão relacionados com descendentes de alguns dos grupos também que são desse processo de migração.

Então, eu vi, nessa primeira pergunta, na verdade, não só essa questão de quem não está, mas de quem está e como está. Principalmente essa questão de negros e indígenas, para mim, ficou muito claro que você fala de um processo que você enfatiza o período colonialista, só que você não fala de um período pós-colonialista. Em alguns momentos, você traz a questão de africanos, mas você não relaciona como essas pessoas estão na contemporaneidade e de que foram. Eu já vi isso em outros momentos, em exposições de curta duração, mas para uma exposição de longa duração, eu senti um pouco de falta de uma perspectiva atual de como essas pessoas estão após o processo de migração forçada que a própria exposição traz.

Ana Pato: Isso fica muito claro na parte dos bairros, como se os bairros ali, como são também bairros que a exposição trata um pouco no estereótipo, uma liberdade mais negra. Tem discussões, hoje, muito atuais sobre essa questão, e é interessante pensar - e eu fico pensando sempre - no ponto de vista da resistência, que tem uma exposição de longa duração que foi feita em 2008, e como a gente, de fato, tem uma mudança muito grande, já estamos em 2014, e quando ela chega no presente, desatualiza - rapidamente se desatualiza nos últimos anos. Tem uma série de discussões que entraram e, sem dúvida, o teu comentário é muito claro, essa questão de como... ainda mais porque começa pelas diásporas, quer dizer, começa pelo continente africano, você tem a questão colonial, e aí nessa hora não se trata da questão do branqueamento, o escravizado some total.

Carolina: É só citado, mas não...

Ana Pato: É, não é problematizado. Ele aparece com todas as discussões atuais sobre isso.

Henrique: Só levantar a mão que a gente organiza.

Joyce: Então, só pegando um gancho que achei interessante nos relatos, aí eu volto naquela questão desse recorte temporal, que é amplo, e ele começa falando de imigração enquanto uma ação humana, o que eu acho que é muito desafiador de se pensar. Por isso que eu pontuei aquela questão de território, e aí quando a gente fala de Brasil, começa com um histórico de entendimento do que é Brasil, é óbvio que é marcado pela colonização.

E a colonização, a gente estava discutindo, ela acaba sendo apresentada por uma narrativa extremamente eurocêntrica, porque ela pontua transformações por conta dessas migrações, considerando que... vamos falar de africanos, que africanos são estrangeiros, mas a gente não está considerando, de forma alguma, nações, que é uma coisa que problematiza mais ainda quando a gente está falando de Brasil.

E aí é interessante que assim, em partes eu não vejo problema de ter a narrativa eurocêntrica, mas ela precisa ser problematizada e também ser combatida, porque existem outras formas de experiência do que foi esse histórico, porque se parte disso, de entendimento de Brasil. E quando se pontua os nativos, a gente esquece de uma coisa que acho que é fundamental também: que essa migração dos nativos acontece hoje, acontece por uma série de problemas, e é o que está escancarado para a gente.

Se a gente está falando hoje, por exemplo, desse fluxo de humanos, a gente não consegue olhar também para o próprio território, que é um problema que a gente não consegue resolver. Acho que isso é tudo uma questão de problematização.

Só voltando, o que nos cabe, enquanto até mesmo instituição - a gente estava até discutindo um pouco sobre a questão desse entendimento, dessas migrações forçadas, sobretudo de nações e etnias africanas -

por exemplo, quando a gente trata da escravidão negra, existem algumas coisas, pelo menos no Museu Afro-Brasil, que a gente não tem que pontuar isso. Por isso que estou falando que é importante de se ter, de fato, essa narrativa que se consolidou, mas ser combatida. Mas a narrativa eurocêntrica é sempre econômica, ela fala do período do açúcar, do café, e ela não é humana.

A gente estava discutindo isso: como a gente descola isso? Quando a gente está falando de humanos, se a migração é humana, como a gente trata isso? E é culturalmente. Então, acho que uma coisa que faria dar voz a isso, já que não é palpável de uma forma que a gente acaba vendo em outras experiências e que não parte dessa ruptura, é trazer, talvez, e pensar em olhar outros objetos, o que também faz isso. E aí a gente acaba falando, por exemplo, que o trabalho... é isso: quando a gente fala de escravidão, a gente está falando do trabalho forçado.

A gente tem uma série de objetos de trabalho forçado, mas a gente não está falando dessa questão econômica, a gente está falando de como eles foram trazidos. Mas qual é a contribuição cultural? É na forma de se fazer, são os modos de fazer, é naquilo que sobreviveu e que a gente chama... tem uma coleção que a gente acaba chamando de design de tecnologia, e é exatamente isso: dizer que essa contribuição, apesar do contexto de violência e de rupturas, permite a gente olhar de outra maneira e chegar para o ser humano.

Estou falando isso pelo papel que a gente tem, pela função que a gente tem nesse museu, mas se a gente for pensar em todo o grupo humano que sofre essa forma de ruptura - que é devastar, de fato, o que ele era enquanto sujeito cultural - a gente acaba vendo essas saídas de confrontar essa narrativa, que é macro e econômica, e indo sempre para essa questão cultural, e que a gente sabe que, às vezes é muito complicado, mas existe.

Porque, senão, a gente não conseguiria, hoje, pontuar que eles existiram. Então, eu sei que é uma questão muito desafiadora, porque é para a gente também; mas eu acho que, quando vocês colocam o problema dessa imigração e que o protagonismo é humano, eu acho que tem que descolar essas coisas, que fica, talvez, muito mais democrático. É óbvio que a gente não consegue mais colher informações, falas, dar uma voz mais palpável, mas eu acho que é de se cercar de determinadas coisas que permitem. Isso também, por exemplo, acaba aparecendo - que aí é um dos os problemas que têm a ver... é isso, de quanto em quanto tempo a gente precisa rever uma expressão de longa duração.

Então, por exemplo, alguns termos: não se usa mais escravos. A gente tem, obviamente, ainda uma série de documentação que está sendo reproduzida, que trata eles como escravos, mas a gente fala de escravizados. Isso é uma forma de humanizar também, e aí se afasta um pouco dessa categoria de produto, e sim de sujeito. A gente consegue recuperar um pouco disso.

Henrique: Obrigado, Joyce.

Maria Cristina: Um pouco no ritmo das conversas, o primeiro ponto que eu gostaria de sublinhar é que acho que nós, culturalmente e historicamente, começamos a tratar imigração e migração nessas leituras culturais de diferentes contextos, mas acho que seria interessante pensar que os deslocamentos de grupos humanos - e também de grupos de animais - são um traço profundo e hegemônico de todo o processo de hominização, é uma característica mesmo nossa.

E sempre... acho que o filme nosso, introdutório, um pouco... desde lá atrás, de quatro milhões de anos, as sociedades saíram, os grupos humanos saíram da África por uma diáspora, sempre pelo enfrentamento de problemas de subsistência. Depois, naturalmente, esses problemas de subsistência, historicamente, se transformam, muitas vezes, em perseguição, em imigração, em subjugar um ao

outro. Mas também leva e sempre levou, até agora, em trocas culturais, em aproximações, pode ser datado até no DNA essas trocas de diferentes maneiras. Então, acho que valeria a pena ter uma forte parte da exposição, bem no início, para que problematizasse isso, porque é um traço da hominização que nós carregamos até hoje. As sociedades no mundo afora, diferentes regimes e diferentes sistemas ainda se deslocam - um pouco por iniciativa própria, muitas vezes por subsistência mesmo do grupo, ou então por imposição, como nós temos até hoje vários momentos dramáticos em relação a isso. Então, acho que esse é um primeiro ponto que valeria muito a pena problematizar, para que todos nós nos sentíssemos... porque vemos isso pela televisão hoje em dia, vemos nos livros de história, e estamos recontextualizando, como já foi colocado, diferentes argumentos mais próximos da gente sobre escravidão, sobre os resultados dessas trocas culturais. Esse seria um primeiro ponto que eu falaria de uma forma mais ampla.

Depois, eu queria reforçar algumas questões que já foram colocadas, mas que talvez vocês pudessem explorar, pensando mais próximos a nós de São Paulo, Brasil. Os povos originários, que são esses que percorreram vários continentes e chegaram no Brasil, deixaram... em geral, nós falamos deles na oposição à extinção: chegou a colonização, os povos foram extintos.

Eu acho que também, muitas vezes, no período, entre aspas, da escravidão, nós falamos do trabalho forçado e da tortura, só que pouco falamos da contribuição cultural desses povos. E uma produção cultural que nós, depois, nos apropriamos. O próprio processo de colonização se apropriou. Dando um exemplo apenas bem cabal, que acho que a arqueologia aqui em São Paulo estuda muito: os próprios caminhos do nosso território - litoral, interior - que, depois, os bandeirantes se valeram, foram caminhos abertos e trilhados pelos indígenas. Então, isso é um grande esforço, uma grande herança cultural, se nós

pensarmos. Aqui em São Paulo, o próprio delineamento geográfico, muitas vezes, deve a esses povos originários, e isso não é ressaltado. Esse é um aspecto... dei esse exemplo, mas a gente poderia dar muitos outros, os contatos que têm traços culturais como resultado. Isso leva a acervos a partir dos quais - ou documentação, acervo material, mais para a frente, próximo da gente, acervo de memória oral - que mostrariam essa contribuição não no negativo, mas que nós somos, hoje, no fundo, uma somatória dessas contradições e contribuições, e é isso que temos que enfrentar enquanto sociedade. Aqui, no caso, chegando bem mais próximo da gente no Brasil, São Paulo. Então, acho que esse período ia ser também um fio condutor.

O terceiro fio condutor que eu vejo, até já bastante mencionado, é mostrar justamente os dilemas desses deslocamentos, que levam a tudo isso que a gente, até hoje, assiste: grandes tragédias da humanidade, grandes problemas de diferentes naturezas. Acho que também quem visita aqui esse museu, de uma certa forma, em vários aspectos da exposição, isso é colocado, talvez seria o momento de falar mais forte. Deu-se o exemplo dos quilombolas, quer dizer, como essas sociedades se organizam? Como se deslocam? Só para dar um exemplo - nós temos muitas outras possibilidades. Muitas pessoas migram por problemas políticos, por exemplo. Nós estamos vendo, pela televisão, várias situações. Por que as pessoas continuam migrando por questão de subsistência? Subsistência mesmo, alimentar, da fome, do dia a dia. Mas isso também tem um lado não só problemático, que são as trocas culturais, que acho que isso também é algo muito rico, pelos contatos entre diferentes experiências culturais. Então, acho que esses aspectos que estou apenas mencionando, levaria a uma ideia - falo isso para encerrar - que poderia ser uma narrativa argumentativa.

Acho que o tema desse museu, em especial, a problemática que ele trata, que tem uma longevidade impressionante, tem uma contemporaneidade na nossa cara, e acho que merece que a narrativa

dele fosse toda feita em cima de perguntas, que, de alguma maneira - logicamente, com adaptações, muitas vezes, de faixa etária, de expografia, de design - fizessem sempre a pessoa estar motivada a entender e reconhecer os valores, reconhecer novos problemas nesse processo de imigração. Então, na medida que vocês estão expostos a essa atualização - isso sempre é um desafio para todo museu - mas é um pouco o que eu vejo no primeiro momento. Então, seria uma narrativa muito mais com perguntas e que, de alguma maneira, o público se vê na condição, pelo menos, de pensar sobre aquilo.

E, logicamente, muito bem explorado pela ação educativa, pelos projetos que se desdobram em discussões temporárias, e também acho que isso poderia colaborar para uma aproximação - como vocês já fazem, na verdade - de grupos de imigrantes próximos, nas redondezas. Então, é um pouco do que eu penso nesse momento.

Henrique: Jean.

Jean: Nessa mesma linha, no momento em que você entra e tem ali, os africanos que foram escravizados e a relação indígena, parece até que é uma obrigatoriedade: temos que falar deles e ponto final. No momento em que você olha e não tem um registro - e aqui, eu falo do documento como uma relação ampla, uma informação com suporte - não tem, são dois vídeos e ponto. Você não tem uma produção indígena, você não tem uma produção de relações angolanas, que são importantes. Parece aquele negócio não só distante pelo tempo, mas distante pela materialidade. Isso foi uma escassez que, nesses dois pontos, é como se fosse um filme, e não a realidade da maioria do povo brasileiro que a gente tem um povo descendente.

Passou desses dois pontos, numa perspectiva talvez até errônea minha, mas virou o museu do imigrante italiano quase - quase uma ideia do imigrante alemão, o recém-migrante europeu. Tanto que, no vídeo que vai introduzir a parte de São Paulo, se coloca lá que traz esse imigrante como substituto mais barato para o escravo negro. É uma

frase muito simplista para a questão do que foi esse processo no país, do que foi essa relação.

Então, o fator que pergunta: o que não está retratado? Quais grupos não retratados? Acho que traz que alguns grupos estão retratados por quê? Quando eu falo: "eu acho que tem que retratar os judeus que não estão no território, mas que vivem essa concepção", ah então vamos colocar uma Torá", ela não vai representar os judeus; "então vamos colocar a relação dos indígenas, um vídeo falando deles nessa relação". Então, acho que esse processo de como retratar - ainda mais quando vocês falam das sensações experiencial muito forte, o que tem nas nossas memórias, eu acho que faltou isso.

Faltou ter isso não por obrigação, mas porque faz sentido na nossa composição como humanos. Então, é um pouco isso. E a partir daí, essa quebra. Quando você fala da relação da imigração, você trouxe esses dados que acho que foram surpreendentes: "como assim a maioria era nacional, mas no museu, parece que só o Veneto veio para cá".

Roberta: E a máfia.

Jean: É. Então, não é assim, e esse processo também - a tecnologia, como você falou. Essa relação, por exemplo, com a mineração... quem conhecia a mineração? Tem muitas relações de outros lugares. Então, esses processos, acho que isso focar... quando vocês fazem essa pergunta... tem uma coisa que é muito verdade, que é quando você não quer responder uma pergunta, você faz outra pergunta, mas quando vocês fazem essa pergunta do que falta ser retratado, vocês querem retratar só a imigração ou porque isso faz parte da missão do museu. Então, é um pouco isso.

Ana Pato: Eu fiquei com vontade de responder que o que falta ser retratado são os outros 50% que estão descobrindo na pesquisa. Você já tem essa resposta.

Roberta: Acho que não, acho que tem também os que não passaram pela hospedaria e que também são imigrantes.

Ana Pato: Então, mas eu acho que aí é uma questão que lembra muito pensar, em que medida a história do lugar da memória é central para pensar a exposição, e aqui você descobre a hospedaria no meio como essa instalação, mas isso também eu senti um pouco de falta, da história da hospedaria com mais força - se ela é o centro. É uma decisão para uma exposição futura.

Henrique: Eu sempre sinto vontade de falar, mas me seguro bastante. A Celia e a Camila levantaram a mão.

Camila: Pode falar.

Celia: Eu estava pensando que, de fato, a exposição é muito centrada na hospedaria e em São Paulo. O resto do Brasil também acho que fica solo, e a gente sabe que isso também aconteceu nacionalmente. Então, não sei como isso poderia ser tratado, mas acho que senti uma falta de espaço geográfico nesse trabalho.

Camila: A sensação que fica muito forte, vendo os conteúdos, é uma ancoragem muito forte na história oficial que a gente vê nos livros didáticos, enciclopédicos. Inclusive, até na escolha de quais grupos o museu ilumina. Até a última sala que fala da religiosidade, das festas, etc., então: Bom Retiro tem esses três - judeus, bolivianos e coreanos". Gente, por que esses três? Então, acho que é um desafio descolar dessa narrativa do livro didático para, daí, verticalizar e entender essas outras camadas que estão pulsantes entre nós.

Acredito que o trabalho que vocês já fazem, as pesquisas que vocês já realizam, o próprio educativo, já deve ter um repertório de debates que também pode subsidiar bastante essas discussões que vocês precisam fazer. Achei fenomenal o que você falou sobre: "a gente tem esse grupo aqui que são os da diáspora, temos os indígenas", quem são? Você fala África, mas é isso, está vindo de onde? E onde está essa

memória que também é material, representada aqui dentro? E aí falando das migrações contemporâneas, desse fenômeno mais... mesmo em 2014, já tinha tanta coisa acontecendo - Haiti acontecendo, e o Haiti não está aqui.

Então, tem essas outras questões, e, para mim, fica uma outra coisa muito forte do migrar nessa chave do seu partido, e aí a gente vem falando há algum tempo sobre o migrar como um direito, e todas essas questões que envolvem essas contradições, essas lutas, toda a movimentação que já vem acontecendo em vários territórios, em vários grupos.

Eu não sei o quanto, inclusive, vocês vêm pesquisando e colecionando em relação a esses fenômenos mais recentes, mas são grupos que estão para serem acionados, e que faz muito sentido a necessidade de estar muito perto nessa construção com vocês, eu imagino. E falando também do que a Carol falou, nessa perspectiva do arsenal ou do território, falando de onde eu vejo, da Luz, essas pessoas, em situação de vulnerabilidade, grande parte delas também são migrantes que vêm de outros estados, de outras cidades, tentam coisas, não conseguem, e a gente conhece isso conversando com elas na calçada da Estação da Luz. Então, o quanto que isso é tão potente de ser também tratado por vocês.

Acredito que, sim, uma exposição de longa duração, porque isso é um tema que acompanha a gente há muito tempo e vai continuar acompanhando, e é um debate incrivelmente necessário, que a gente precisa, inclusive, somar forças para fazer juntos.

E aí falando um pouco da perspectiva do Museu da Língua Portuguesa, e pegando um pouco do que a Cris trouxe, dessa questão cultural, do quanto que esses variados grupos, em contato um com outro, constituem essas trocas e a gente vai formando novas práticas, novos saberes, novas línguas, novas palavras, e o quanto é importante... por exemplo, lá é o Museu da Língua Portuguesa, mas a gente tem esse

desafio de falar das outras 250 línguas indígenas mais yorubá, ibantu, tuê, ifon, e todas as outras que estão em contato constante - estiveram e estão - na construção do nosso português, da língua que a gente fala hoje. A gente gosta de brincar que é o português brasileiro. E o quanto que a gente fala e vive essa língua hoje e não faz ideia de quantas palavras que a gente fala e que não vieram de Portugal. São essas construções constantes, e o quanto isso reverbera na nossa comida, nas nossas festas, nos nossos hábitos cotidianos, em tudo isso.

Então, eu acho que tem uma camada que é importante de ser abordada com mais ênfase, que são essas questões que são políticas, que são de direito; e essa outra, que é também mostrar o quanto a gente constrói juntos essa cultura, sem ser uma coisa do tipo chapa branca celebrativa, mas o quanto que a gente é diferente, mas o quanto que a gente também se aproxima e se constrói - essa chave das identidades. E total, tem palavras que realmente não dá mais para usar - não dá para usar índio, não dá para usar tribo, não dá para usar escravo, não dá para usar várias coisas. Enfim, vamos conversando.

Carolina: Eu super me identifiquei, a gente ouvindo as respostas, a gente tem várias inquietações - chamo de inquietações porque fica mais bonito. Anotei várias coisas com base nas falas.

Essa questão das temporalidades vai ser uma escola expositiva - se vocês vão pensar em rupturas... rupturas históricas, não, mas qual é a temporalidade, de que forma vocês querem utilizar a temporalidade como museu histórico? Vai ser a partir de demarcações temporais, a demarcação dentro da linearidade histórica? Vai ser dentro de grandes eixos temáticos? Dentro desses eixos temáticos, vocês conseguem trabalhar diferentes temporalidades? Qual é a narrativa que vocês vão dar? Porque até a numeração dos espaços dá o entendimento de uma linearidade - você sai do grande e vai afunilando, sai do deslocamento mundial e você chega em São Paulo, e, bem mais especificamente, na cidade de São Paulo.

E aí eu também fiquei pensando sobre as contradições, porque eu estava numa sala muito específica de São Paulo que tinha os grandes... tinham referências arquitetônicas paulistas, mas que, ao mesmo tempo, estava tocando Racionais, e estava falando lá que a gente tinha que pensar São Paulo para além do... eu tinha anotado, mas não sei qual o papel. Tinha que pensar São Paulo para além do caos, para além da violência. A gente pode pensar São Paulo, mas estava tocando Racionais em cima, eu fiquei: "contraditório, não faz sentido essa sala, falando curatorially o texto", e aí, voltando, a gente está falando de uma exposição que foi feita dentro de determinado momento, só que a questão da gente... a gente usa: "não vamos ser anacrônicos, foi um determinado momento", só que já tinha grupos falando e problematizando questões, tendo posturas políticas, então são posicionamentos políticos.

O museu está pronto para assumir determinados posicionamentos políticos? Porque mudar determinadas palavras, alterar determinadas palavras, colocar determinados grupos dentro das narrativas é assumir um posicionamento. A gente quer assumir o posicionamento de falar sobre pessoas em situações de rua? Porque a gente sabe que isso está ligado a políticas públicas. Então, a gente vai assumir isso aqui? E se a gente assumir, onde a gente vai se pautar? E o que eu acho interessante é a gente pensar - agora, como a Maria, com pessoas que estão dentro de museus e da secretaria - no fortalecimento dessa rede, porque cada um tem a sua expertise.

Aí entrando em duas questões: sobre a diversidade, é a diversidade para a mera representatividade? E a gente tem uma crise, a gente entrou no tema da representatividade muito recentemente - academicamente recente - falando sobre representatividade, mas, ao mesmo tempo, já superou isso, não é só representar, não é só ter uma pessoa de cada grupo ou ter um totem falando: "vamos falar de africanos", não é só isso. As pessoas não querem mais estar

representadas nas histórias só dentro de um totem e falar: "estou falando aqui de determinado grupo", não, eu quero estar presente desse espaço, quero que haja diversidade dentro da representatividade.

Por isso que eu falo que a representatividade está em crise, porque não é só representar, é ter diversidade dentro da representatividade. E aí uma outra pergunta sobre o acervo: eu - aí falo eu, Carol, pessoal - não acho que, na exposição de longa duração, o acervo está presente de forma tão clara. Eu tive a sensação de que o acervo ia estar muito mais expográfico do que trabalhado, porque eu senti uma necessidade, enquanto público, de ler os textos para entender a disposição dos objetos. E as salas, por serem muito escuras - tinha a sala pronta - eu não conseguia ver os objetos. E eu entrei em muitas crises na minha trajetória de historiadora - e depois técnica em museologia, depois museóloga, depois parte de uma rede de estudantes quilombolas, urbanos e rurais - na questão da materialidade.

A materialidade é necessária, porque, academicamente, a gente está pensando: "vamos falar de história oral, vamos falar sobre as contribuições orais, gravar e pensar no imaterial". Academicamente, a gente está aí, mas tem outros grupos que não chegaram ainda nessa discussão nem da materialidade. Então, a materialidade é necessária. A gente fala de uma instituição que tem um grande número de acervos, houve várias questões para a constituição desse acervo, de que forma a gente vai pensar a materialidade, as nossas políticas, para que a gente consiga incluir a materialidade desses grupos que não estão presentes também? E não só dentro de um contexto da pesquisa que vá transformar em artigos, em textos curatoriais, em pesquisas, vídeos, mas onde que essa diversidade de representatividade está materializada? De que forma as pessoas vão se ver, não só nos discursos? Porque isso que eu relaciono com os discursos, mas onde está o material em que eu me vejo?

Henrique: Eu vou pegar o gancho da Carolina, para a gente também tentar responder à questão três - depois eu volto para a dois - mas é de que maneira o acervo museológico está acionado dentro da narrativa expositiva, pelo que a gente pensou e que a Carolina colocou algumas questões já, então fica agora essa questão.

Maria Cristina: Posso falar?

Henrique: Pode.

Maria Cristina: Primeiro, responder a essa terceira, me parece que o acervo está num caráter referencial, o universo referido. São alguns elementos que estão ali. Acho que existe uma proposta cenográfica em relação à passagem de alguns conteúdos, e que o acervo me pareceu sempre referencial, quer dizer, a gente não tem coleções exaustivas apresentadas como, em muitos museus de história, a gente vê.

Me parece que essa foi a opção do momento na época. Queria só pontuar dois aspectos mais gerais, quando a gente fala em deslocamentos contemporâneos no caso do Brasil, nós temos outras realidades que também poderiam ensejar aspectos interessantes na exposição. Nós sempre falamos do empreendimento colonizador - falamos lá atrás. Essa visão de empreendimento é super presente até agora e também é responsável por grandes deslocamentos aqui no território brasileiro. Só para dar um exemplo - mas a gente poderia ter muitos outros - todas essas grandes obras, esses grandes empreendimentos - usinas, hidrelétricas, extração de minério - é muito impressionante o que isso leva de deslocamentos humanos. Isso é pouco falado muitas vezes, porque, lá atrás, se a gente pensar em Serra Pelada, esses deslocamentos foram feitos, e muitos grupos se estabilizaram naquele território, acharam o começo das grandes obras no mundo contemporâneo do Brasil.

Atualmente, esses empreendimentos são muito mais vorazes. O que muitas vezes acarreta é que, como quem coordena isso é o

empreendedor - e, às vezes, o empreendedor tem muitos nomes, mas trabalha no Paraná, em Manaus, no interior de São Paulo - ele vai deslocando as populações. Não sei se dá para entender um pouco o que acontece. Muitas vezes, são invariavelmente os homens que vão para essas obras e depois voltam; outras vezes são famílias que se estabelecem nesses novos territórios. Por isso, nós temos pessoas do Paraná morando, hoje, na Amazônia. Logicamente, tudo isso tem todo um desdobramento cultural, econômico e tal. Acho que isso é algo que a gente não presta muita atenção. Nós discutimos as questões ambientais resultantes dessas grandes obras, desses impactos; mas tem, na base, todo um girar de populações no entorno disso - como eu sempre falo, entre aspas - com seus usos e costumes, problemas, impactos religiosos quando vão para outras regiões que não têm a mesma matriz.

Tudo isso tem a ver com subsistência, mas indiretamente - eles são levados para essas... tem muito mais a ver com poder econômico, questões dessa natureza. Então, esse é um aspecto que eu gostaria de mencionar, que talvez a exposição, em algum momento, pudesse falar, porque é muito atual aqui no Brasil, pelo menos. Outro aspecto que me ocorre que ele mencionou até do Memorial isso, e, para mim, ficou mais vivo ainda: muitas vezes, os lugares de memória, no caso do Memorial e no caso da sede do museu, são valorizados nos seus projetos, mas às vezes tem momentos, muito na circunstância urbana em que nós vivemos, socioeconômica, que a realidade externa entra - usando uma palavra de museólogo - no fato museal. Por exemplo, no Memorial, eu me lembro que isso aconteceu muito: foi pensada uma circunstância em função de uma parte daquele edifício que foi uma prisão.

Obviamente, ali já estava contextualizada com todo o universo, questão política, econômica e tal. Eles começaram a desenvolver sua vida museológica e educacional nesse contexto. Só que, de repente, o

entorno da Luz piorou muito - todo aquele entorno foi cada vez ficando mais agudo. Então, isso pode acontecer aqui, pode acontecer em qualquer outra circunstância. Fica muito difícil, eu acho, para uma instituição, não enxergar isso, não interagir com isso. Lá no Memorial, às vezes, eu comentava. Por exemplo, se esse Memorial tivesse sido lá na Cidade Universitária, ali no Butantã, teria uma realidade de entorno. Ali na Luz, embora o lugar da memória, a realidade ficou muito aguda. Acho que isso passa também no Museu da Língua, na sua renovação.

Então, acho que tem que pensar também que é o lugar da memória, que traz, com certeza, atributos para a musealização, mas acho que tem essa questão que está sempre atenta ao entorno. Nós sabemos: esse entorno sempre de uma vulnerabilidade que a gente não controla. O próprio museu, a instituição, não tem armas para controlar. Só queria mencionar esses dois aspectos.

Tariana: A Roberta ia falar.

Roberta: É. Pode falar, obrigada.

Tariana: Eu acho que existe uma relação muito grande as perguntas um e três, porque de que maneira o acervo museológico está acionado dentro da narrativa - ele está acionado mais dentro da parte da hospedaria. Você não vê ele, acho que em nenhum outro ponto... não existe nada material que não seja exemplificando a narrativa da hospedaria, onde dá a impressão de que todas as outras experiências são um ponto a menos. É uma coisa que é também a minha visão - eu, Tariana; não é museu nem nada - eu sinto falta de objeto. Eu acho que você pode ter 72 milhões de vídeos, mas se você tiver um objeto, ele fala muito mais do que aquele vídeo.

E concordando plenamente com a fala do colega, que a segunda sala, com aqueles vídeos, dá essa impressão de: "eu sei que a gente tem que falar disso, mas a gente não sabe muito bem o que fazer, não quer

entrar muito nisso", e fora que vira aquela salada: é uma salada complicada, porque são vários vídeos, é um monte de barulho, chegou uma hora que eu me perdi ali no meio. Eu nem sabia quantos vídeos tinha na sala mais. Então, é um negócio muito superficial e fica uma coisa... eu não sei, ligeiramente... acho que, se fosse eu sentada ali, me sentiria até um pouco ofendida: "esse é o espaço que você está me dando na sua instituição? Esse vídeo de três minutos sem nada, sem contexto, sem problematização?".

Então, é uma coisa que incomoda bastante. E outra coisa que eu vejo também - voltando um pouco para a primeira questão - é que eu sinto falta das questões atuais. Então, também dá essa impressão que toda a narrativa da exposição, num determinado momento, para: "dessa data X..." - que dá a entender, entre aspas, que seria o encerramento das atividades da hospedaria - "... nada mais muito acontece. Então, esse povo que já chegou aqui interage, como é se desenvolveu, se proliferou e interagiu mais ou menos aqui em São Paulo, mas o que mais anda acontecendo?". A migração é um processo físico que acontece até hoje. É uma coisa que sinto falta também bastante, de questões mais atuais, de ter isso mais presente. E reforço a fala de todo mundo, que acho que é essa falta de problematização, de você ter uma visão muito normativa sobre a questão, sem questionamentos e sem abertura para questionamento. Acho que isso tem...

Roberta: Primeiro, concordo plenamente com o que meus pares falaram. E aí fiquei pensando, desde o nome - Museu da Imigração, está falando de imigrantes, está falando da Hospedaria dos Imigrantes - acho que tudo fica muito amarrado em questão disso. Por isso que não extrapolaram. E aquela sala do vídeo dos indígenas e dos escravizados, eu tive exatamente a mesma sensação: qual painel eu olho, o que está falando, e qual o número? Não tinha nem visto que, atrás dos pilares, tinha texto - acho que alguém estava do meu lado:

"o que você está vendo?", porque tinha texto ali atrás. Aquela sala é uma confusão, inclusive de maneira sonora.

Mas eu entendo o que foi proposto lá atrás, que era o Museu da Imigração, falando da Hospedaria dos Imigrantes, e por isso construiu-se essa narrativa. Possivelmente, hoje, eu partiria do presente - quem são os migrantes, que temos de várias regiões - para daí ir para o passado, fazer essa narrativa. Talvez funcionasse melhor. E eu queria colocar algumas coisas sobre um outro ponto de vista, que é o ponto de vista expográfico. Eu acho o espaço muito escuro, meio claustrofóbico - até me lembro na época que foi inaugurado, de conversar com (inint) [00:50:08], de explicar as dificuldades do espaço, mas acho que não justifica ser tão escuro. Tem muito ruído entre as salas que atrapalham uma a outra. É tudo muito didático e pouco questionador, e onde tem a mesa e as camas, para mim, aquilo é puramente cenográfico - não tem um questionamento, não tem um aproveitamento. Tem imagens lindas nas mesas que não estão aproveitadas. Os objetos são lindos e estão colocados lá, mas são só colocados. Os objetos precisam contar uma história. Então, que objeto é esse, quem deu, porque deu, como usava. Também sei que vocês têm problemas, que vocês não sabem de onde veio o acervo, como veio e como foi dado; mas para que esses objetos estejam lá, eles têm que contar uma história. E faltam objetos, na minha opinião, e tem muito vídeo que a gente não entende exatamente o porquê que eles estão ali. Tem imagens bonitas e pouco exploradas. A cabine de depoimentos também, como explorar melhor? Tem ideias tão legais que os imigrantes colocam e que ficaram ali, simplesmente colocadas. Como aproveitar melhor esses depoimentos? Falta também a questão do preconceito contra os imigrantes, porque parece que é tudo legal: "cheguei, passei pela hospedaria, peguei o trem e arrumei um trabalho". Acho que podia estar mais explorado o preconceito, o lazer e o trabalho, aquela vitrine do lazer e do trabalho - pelo amor de Deus,

coloca mais luz naquilo porque não dá para ver. E o mapa do estado de São Paulo, acho ele... é, isso aí, pelo amor de Deus, ilumina.

Tariana: Dá para ver melhor na foto do que na...

Roberta: Exatamente.

Maria Cristina: Mas deve estar com algum problema, né?

Roberta: Não, ela sempre foi assim. Já briguei com o pessoal lá atrás, falei: "pelo amor de Deus, enfia luz nisso", e ainda falei: "se fizer uma assim escura comigo, vai ter briga".

Maria Cristina: Achei que era uma coisa pontual.

Henrique: Nessa foto, as luzes estão acessas em todos os objetos, mas a ideia é que acendessem alguns, e depois apagassem.

Roberta: A ideia era que, quando falasse de lazer... mas não funcionou, desculpa. E o seguinte, o mapa do estado de São Paulo, também acho ele problemático. É muito grande, você não consegue visualizar ele bem. A discussão é importante, que é trajetória e o deslocamento pelo estado de São Paulo, a questão da estrada de ferro, mas eu mostraria de outra maneira, não resolveu bem. E o mosaico lá dos bairros também me incomodou, esse daí ficou muito estereotipado. E o Imigração Hoje, os depoimentos, acho bacana, tentaria explorar de outras maneiras. Basicamente é isso, mas concordando com todos os questionamentos que meus colegas colocaram.

Jean: Em relação à questão três, três pontos. Um, aquelas correntes na cama. Corrente na cama não dá.

Camila: Eu anotei isso também.

Jean: Eu olhei e já pensei: "que legal seria as crianças correndo aqui".

Roberta: Pulando, deitando.

Jean: É isso, a cama ela traz uma relação de representação mesmo, fica num lugar autônomo, então tem isso. E aí um pouco dos documentos naquelas gavetas. Particularmente, trata o documento

como um fetiche humano, então o documento não como registro da dignidade humana, mas é um fetiche: "olha que negócio antigo, olha isso daqui", e aí falta uma legenda, uma relação de discussão, uma relação que o documento em si, muitas vezes, não representa o acontecimento como os outros objetos, muito mais do que (inint) [00:54:35] falar. Acho que é isso. Quando usar o documento na exposição, não colocar ele simplesmente como uma alegoria, mas colocar como uma ação humana reflexiva, e trazer esse questionamento. Acho que isso é importante, esse documento manuscrito.

Roberta: Eles estão soltos, não é? A gente não entende por que ele está lá.

Ana Pato: Falando um pouco dos beliches e da mesa, eu, particularmente, gosto - acho que tem a experiência da hospedaria, tem essa sensação dessa experiência. Mas eu concordo com você, eu até ia perguntar - não sei se vai ter momento de pergunta - como o educativo lida, porque me pareceu um lugar incrível para você ter essa sensação de... eu não desgosto, mas me lembra instalações, me lembra algumas coisas. Mas eu também acho que essa questão do documento, nesse lugar, fica confuso, porque você nem lê porque a luz é baixa. Tanto as mesas, quanto os beliches, eu acho interessante, é a hospedaria, de fato...

Roberta: Mas podia estar melhor explorado isso. O jeito de explorar que podia estar mais interativo, mais interessante.

Henrique: Depois a gente pode falar das camas em si, que é também um estudo nosso de que museus de imigração que foram lugares de memória da imigração, e que não foram trabalhos com camas. E então um objeto assim...

Ana Pato: De fetiche

Henrique: É.

Joyce: Eu acho que essa relação do acervo museológico e a gente discutindo sobre essas questões dessas experiências, dos deslocamentos e como a instituição acaba abarcando tudo isso... olhando, acho que são duas histórias: a gente tem a história desse prédio, que é isso, se confunde em alguns momentos quando a gente está falando de imigração, porque acho que, quando a gente vê esses elementos, remete ao uso que esse imóvel teve - o prédio em si, tombado e tudo mais - que remete a uma história do Brasil.

Porque essa questão de problematizar e tudo mais, e fica sempre aquela pergunta: por que foi construído isso? Por que foram escolhidos esses grupos para vir ao Brasil? E isso, eu acho que é a história do imóvel, a história do prédio, porque aí a gente consegue relacionar com o que tem aquelas propagandas, fazer aquela campanha de que tinha que vir para o Brasil. É contextualizar porque está mostrando aquelas imagens em determinado momento, que eu acho que é totalmente diferente quando a gente fala dessa experiência do que são esses deslocamentos, e essa necessidade que a gente tem de ancorar na contemporaneidade - claro, desde o passado, a gente volta lá, mas de ancorar, porque continua.

Eu fico pensando que são duas histórias dentro do museu: a gente tem a história do prédio e desse uso, que aí acho que, sim, se relaciona com São Paulo para escoar isso, porque a gente sabe que parava aqui e mandava para tudo quanto era lugar quando se precisava daquela mão-de-obra agora que está sendo substituída. E no desenrolar de tudo isso, nessas problematizações que a gente pode fazer - apontando para essa questão de que é tudo uma questão de escola, foi uma questão de escolha política - é a questão do branqueamento. Por isso que a gente não consegue mostrar absolutamente nada sobre outros grupos, que não só são... a gente está comentando, mais para a frente, dos africanos, mas existiam, na verdade, uma série de regras para poder entrar no Brasil.

É isso, acho que essa problematização é a história dessa hospedaria, que é diferente de quando a gente aponta para essas outras formas de resultados de deslocamentos que são os problemas contemporâneos: questão de preconceito, da violência, de como a gente não aborda isso mas está todo dia no jornal mostrando isso e aquilo, as adaptações. Uma coisa que eu acho que é muito interessante é que, quando a gente pensa nesses deslocamentos, a gente está falando de sobrevivência e ruptura. Ou seja, são essas adaptações em outro lugar, que não necessariamente é uma questão de nação. Acho que são de territórios mesmo. Porque, por exemplo, a gente pode falar de um bairro, mas a gente pode falar também de uma região, de uma cidade. São tantas formas, mas acho que isso é um problema contemporâneo que é diferente da história da hospedaria. E aí assim, em acervo museológico, eu fiquei bem perdida, mas eu entendo que é a história da hospedaria, e ela tem esse estilo, que é diferente desses apontamentos que a gente está falando, de que: "está faltando isso e aquilo, existem outras formas de experiência, a gente precisa se atualizar e problematizar, precisa materializar", porque é isso, acho que é um processo constante mesmo. A gente está falando de imigração, mas esquece também que a imigração modifica as nossas identidades hoje. Ela é, de fato, uma coisa constante. Acho que é isso.

Henrique: É só importante também pontuar que acho que tem a questão da Hospedaria de Imigrantes, que a Roberta colocou, que, por muito tempo, a hospedaria foi o local, em São Paulo, que conseguia abrigar uma quantidade de pessoas. Então, aqui foi presídio político em 1924, 1932, foi o maior hospital da cidade durante a gripe espanhola, abrigou pessoas em situações de rua em 1926, abrigou as pessoas que perderam casas no entorno da Barra Funda, especialmente durante a enchente de 1929, abrigou os congressistas marianos que vinham para São Paulo para um congresso específico, foi escola técnica da aviação durante a Segunda Guerra Mundial, foi

depósito de laranjas, foi tudo. Então, para além da imigração em si, existem, na história desse prédio, outros aspectos que...

Roberta: Isso daria uma narrativa muito legal também.

Maria Cristina: Faz parte da memória mesmo do espaço e da história também da cidade.

Carolina: A gente costuma... é aquela coisa, tem algumas palavras e conceitos que vão surgindo em algum momento que vêm de determinados grupos, elas ficam muito em voga e, uma hora, todo mundo cansa daquelas palavras. Mas uma das palavras que está, hoje, muito em voga, é a questão de rupturas, e acho muito interessante ela, porque o entendimento que você pensa de ruptura histórica, mais especificamente... da perspectiva histórica, a ruptura não necessariamente é um marco faz com que aquela determinada coisa ou situação inexistam. Porque a gente tem, no campo museológico, a gente bota que o museu é um processo, a história é um processo.

Por isso que eu comentei sobre a escolha que a equipe vai ter e de que forma ela vai expor essa história, porque a gente não vai falar de rupturas o tempo todo, mas falar de processo, porque quando a gente fala sobre contemporaneidade, quando a gente fala de problemas atuais, na verdade são questões que já existem e nunca deixaram de existir, só que estão em voga agora por determinadas situações políticas pontuais em vários níveis - micro e macro - que foram trazidos, mas não são coisas que acabaram num momento e começaram em outro. A gente questiona hoje, por exemplo, a questão da Lei Áurea, a gente fala que não foi o fim, e a própria exposição traz as problemáticas que já foram apontadas, e traz a impressão de que não acabou ali, mas ainda tem a data como uma ruptura. É uma ruptura, talvez, numa questão da perspectiva da história oficial, mas não é uma ruptura social, não é uma ruptura nem econômica se a gente puxar por essas temáticas.

E essa questão de sempre pautar na economia, sempre lembro de autores que falam que as grandes revoluções sempre vêm - agora vamos dar nomes - da burguesia. As revoluções vêm porque é isso: quem define esses deslocamentos? É o que foi trazido, são esses donos dos meios de produção que definem as formas que esses deslocamentos vão ocorrer quando decidem abrir uma fábrica ou fechar uma fábrica em determinados locais e vem trazer esse deslocamento da população. Então, a economia sempre rege - o dinheiro e esses grandes grupos - os deslocamentos humanos. E aí traz até a questão do texto curatorial que está na entrada: a imigração sempre parte de um sonho. Não, a imigração parte da necessidade humana.

A primeira coisa que você vê quando entra: migrar é parte do sonhar. E não é o sonho. Ok, tem determinados... "quero algo melhor", mas querer algo melhor não necessariamente está associado ao sonho - às vezes é a fuga. Estou, às vezes, fugindo de determinada... e é isso, tem muitas representatividades e muitas diversidades de milhões de contextos de porquê uma pessoa se desloca para outro lugar. Na minha percepção, migrar é muito mais sobre... o termo que a Maria Cristina falou, de... é mais de subsistência, de existência, o direito de... e quando eu lembro daquele... eu tenho até hoje o cartãozinho daquele: "migrar é um direito", migrar é um direito também porque eu tenho o direito de sair desse lugar que me causa tantas mazelas. É sobrevivência, é uma forma de sobrevivência.

Por isso que eu sempre pego, porque a gente nunca pode se fechar em determinados conceitos e levar eles a 100% do que é dito de forma tão recorrente. Esses conceitos só pontuam necessidades que são muito maiores. A gente traz - não consigo pensar fora dessa lógica - que os museus e a secretaria devem trabalhar determinados temas como por exemplo, decolonidade, mas não é só trabalhar decolonidade só na perspectiva da exposição, é tudo isso que rege a instituição. E

não pensar a instituição como entorno, a gente pensa o território, o museu não está no centro com coisas em volta, ele é parte, o museu é um caminho. O museu é parte de um caminho que está, de determinada forma, representando alguma coisa, mas no caminho, um processo humano. Então, ele vai se mutar. Essa exposição - que a gente tirou, do vocabulário, a exposição permanente, para a de longa duração - é pensando também na temporalidade dessas mudanças concorrentes.

Henrique: Só para pontuar que o tempo passa rápido, a gente tem 10, 15 minutos para a gente trabalhar. Vou passar a palavra para a Ana, e depois acho que a gente já tratou, de certa forma, dos aspectos de tudo, mas talvez um pouco mais até, da diversidade, e depois a gente vem trabalhar só um pouquinho a pergunta dois, desses ângulos da vida, retratado ou não na exposição.

Ana Pato: Eu só queria falar um pouco mais dessa questão do espaço museológico e lugares de memória, então né a gente discute, e, em certa medida, funciona como uma ancoragem. Então, por exemplo, no caso do Memorial, para discutir o território, para discutir o entorno, é difícil, pensando na realidade do próprio museu; mas, ao mesmo tempo, se a gente olha a nossa história e começa a pensar como a gente discute o encarceramento em massa, qual é a população na presa no período da ditadura que não era político. É uma discussão que os presos políticos fazem, e a gente tem que olhar pela chave desse lugar de memória. Então, acho que é um jeito da gente se manter... então, posso pensar na população de rua, hoje, em torno do Memorial, a partir dessa perspectiva. É um caminho para poder lidar com o território, considerando as suas dificuldades de ir ao território.

Roberta: Vai ter pouco diferente da sua fala, mas é o seguinte: por que se migra? Tem o escravizado, que é trazido para cá à força; tem aqueles que vêm em busca de trabalho, que dizem que vão fazer a América; tem os que vêm fugindo e vêm para ficar. A professora Eva

Blay tem um livro que se chama "O Brasil como Destino", e lá ela fala: "os judeus não têm para onde voltar, eles têm que ficar e dar certo". Então, a pergunta do porquê migrar talvez seja uma pista para vocês.

Henrique: E aí, voltando, então, rapidamente, à pergunta dois, para a gente encerrar e pensar nesses âmbitos da vida: trabalho, lazer, vida familiar e outros, quais são representados na exposição e de que maneira, uma parte específica com relação isso?

Maria Cristina: Acho que estão representando pontualmente em algumas partes, mas justamente condicionados a tudo isso que foi falado. Então, por exemplo, talvez faltasse mais diversidade nessas apresentações. Acho que eles estão apresentados, só que a opção, no momento, foi de apresentá-los de maneira referencial, e talvez sem grande problematização.

Carolina: Nessa parte, só comentar sobre o que se quer passar, na verdade, para o público ao representar esses âmbitos da vida. Qual é a sensação que quero passar para o público: quero que ele se identifique com esses modos de vida? Quero que ele... aí lembrei da questão da cama. Para mim, a questão não é nem a cama estar lá, mas é o olhar: quando você vê camas vazias e não tem nenhuma referência que traga aquela questão das camas, você imagina: "que legal, todo mundo tinha uma cama para deitar", e tinha um amontoado de pessoas naquelas camas. Dá impressão, as pessoas pensam "Cada um tinha uma cama para deitar, eles tinham um lugar para comer", então você acaba tendo essas reações assim..

Roberta: Romantizadas.

Carolina: É, um pouco romantizadas, porque você não tem uma outra linguagem - eu tinha falado expográfica naquela hora que a Regina falou, mas cenográfica, na verdade, sobre os objetos - cenográfica, é a impressão de que o pessoal se deitava lá.

Maria Cristina: Me aconteceu depois, para nós duas, é que estava visitando essa parte da cama e dos objetos, e um rapaz - depois ele me disse que era cubano - começou a conversar comigo, e daí ele apontou dois, três objetos, e falou: "esses, eu acho que a senhora conhece. Eu não conheço porque tenho 30 anos". Daí eu fiquei procurando os objetos que ele estava apontando, eu falei: "com certeza, você é mais novo, eu conheço", e depois a Tariana chegou, e daí um outro moço - que acho que estavam juntos... aliás, um outro senhor, mais velho até, começou a conversar conosco diretamente, começou pela máquina de escrever, daí ele falou: "eu aprendi datilografia", e imagino que a senhora também". E conversou muita coisa conosco, faltou da grande produção que ele tinha de trabalho. Depois eu vi, continuando, que eles estavam com um grupo, que esse cubano, inclusive, se juntou - não sei se já estava junto. Mas só um comentário, que foi totalmente espontâneo da parte deles, desses dois visitantes.

Carolina: Esse senhor me abordou também, mas foi o contrário, ele falou: "isso aqui você não conhece".

Tariana: Eu cheguei até a pensar, falei: "será que tem alguma parceria entre o museu e o pessoal do arsenal, está fazendo alguma ação educativa, dinâmica?". Fiquei de perguntar e esqueci - ainda bem que você perguntou.

Henrique: E, especificamente, não sei se era do arsenal, mas tem algumas visitas, sim.

Maria Cristina: Esse senhor estava com um grupo - vi que, depois, estavam guiando, era um pequeno grupo, e explicando mais para a frente a parte da exposição.

Roberta: Acho que vocês precisam também fazer escuta de público - como o público vê o museu.

Henrique: Tem algumas questões com o público.

Roberta: Quando se trata de museu, é tudo uma questão.

Joyce: Essa questão de âmbitos da vida, acho que também é uma coisa para se pensar no protagonismo do que se está classificando como imigrantes - para além de pensar em objetos - porque acho que é a experiência deles. Acho que a gente precisa definir se, por exemplo... acho que é muito complicado, porque essa adaptação é muito própria deles - a gente está classificando quem é - porque a gente precisa definir o que é lazer, familiar, do trabalho. Acho que seria um caminho interessante: dar escuta.

Henrique: Gente, mais algum comentário livre? Faltou alguma coisa, quer fazer alguma conclusão?

Ana Pato: Os vídeos de onde estão os beliches, podia ser grande né? Tem a telinha pequena. Porque tem um que você vê a pessoa, e tem outro que é muito poluído.

Henrique: Coloca o slide com a foto só para a gente ver... módulo um... quatro, esse módulo aí? O módulo das camas.

Ana Pato: É.

Tariana: Fica do lado, por trás dessa parede.

Ana Pato: É, vídeos, que você não vê a pessoa.

Roberta: Acho que esses podiam ser explorados melhor, porque colocar como objeto junto, algo que dê contexto ao que está sendo falado, explorar melhor o depoimento.

Carolina: E o tamanho das letras.

Roberta: Sim, tudo, por favor.

Célia: Muito difícil de ler.

Roberta: Nós que conhecemos máquina de datilografia, tinha letras maiores.

Henrique: Mais alguém?

Jean: Acho que nessa relação da diversidade que a gente está falando do Museu da Imigração, acho legal também a relação das mulheres: tem uma foto posada no colchão, os trabalhos são relacionados aos homens, a relação da comunidade LGBTQIA+, que também fazem parte. A migração não é homogênea, com homens, famílias heteros constituídas. Então, a diversidade também não é só nos grupos migratórios, mas são as pessoas que compõem os grupos migratórios.

Camila: Tem todas essas transversalidades de gênero, de idade, de várias outras coisas.

Ana Pato: E como você tem uma obra de arte no começo que pode ser trocada, ela também ajuda a exposição de longa duração a se atualizar com o tempo, porque cada área tem um questionamento, que você pode usar...

Camila: Você pode criar e já sensibiliza pessoas, já entra com outra... acho que queria comentar... claro, a gente está discutindo, levantando várias ideias e percepções, mas é isso: tem todo o trabalho que o CPPR vem fazendo há muito tempo, tem as linhas de pesquisa, então precisa saber também o quanto que elas aportam para esse projeto, e essa importância das escutas que já estão na história do museu e como isso vai conversar com essa nova proposta. E o quanto que é isso: o que vocês, institucionalmente, querem explorar, e de que forma vocês querem explorar nesse novo projeto, de maneira que isso também reverbere para outras políticas dentro da instituição, por exemplo, de contratação, RH. Acho que isso traz uma consonância para o projeto do museu que é realmente muito importante e que a gente vem debatendo. Estou falando disso porque, lá no Museu da Língua, tudo começou assim no último chamamento. E aí isso é uma coisa que a vivência de todo mundo, de todas as áreas nessa exposição, é de uma inquietação constante. Então, a gente já nasce com uma exposição nova, mas com um olhar crítico e debatendo isso, e isso é uma coisa que, se acumulando, vai subsidiar as atualizações pontuais que vão

acontecer ao longo do tempo, as aproximações com outros interlocutores que a gente precisa fazer, e ir progredindo. E eu queria dizer que eu sou aqui da zona leste, sou da Vila Prudente, estudei na Mooca, e esse foi o primeiro lugar que eu visitei na minha vida - enquanto memorial ainda. A gente tinha os bonequinhos com as roupinhas, tinha uma taperinha ali. Então, lembrando dessa minha experiência e dessa exposição que está hoje, já foi um pulo. Agora, ansiosa pelo próximo pulo...

(FIM)